

ULTRA DIREITA E ESPORTE

ANÁLISE DO DISCURSO NA RELAÇÃO
ENTRE ESPORTE E POLÍTICA

EMILIANO PEGGION DE CARVALHO



Atena
Editora
Ano 2024



APOIO



ULTRA DIREITA E ESPORTE

ANÁLISE DO DISCURSO NA RELAÇÃO
ENTRE ESPORTE E POLÍTICA

EMILIANO PEGGION DE CARVALHO



APOIO

Atena
Editora
Ano 2024



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 Os autores

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Jodeyson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia /
Universidade de Coimbra

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ultradireita e esporte: análise do discurso na relação entre esporte e política

Diagramação: Ellen Andressa Kubisty
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: O autor
Autor: Emiliano Peggion de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331 Carvalho, Emiliano Peggion de
Ultradireita e esporte: análise do discurso na relação entre
esporte e política / Emiliano Peggion de Carvalho. -
Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2295-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.952242203>

1. Esporte. 2. Futebol. 3. Política. 4. Fascismo. 5.
Palmeiras. II. Carvalho, Emiliano Peggion de. II. Título.

CDD 613.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DO AUTOR

O autor desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Dedico esse trabalho a Aline e Amélia,
grandes companheiras de todos os momentos.

Agradeço primeiramente às minhas companheiras de vida: Aline, pelo grande amor e suporte em todos os momentos, e Amélia, pela diversão nos momentos certos, amores da minha vida.

Agradeço à banca, formada pelos professores doutores Telmo Estevinho e Frankes Siqueira, pelas maravilhosas contribuições.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, que desde o início forneceu todo o suporte para a concretização desta pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo financiamento.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao professor doutor Francisco Xavier, meu orientador. Por todo suporte, colaboração, paciência e apoio, meu muito obrigado.

[...] E proclamamos que não
Se exclua ninguém senão
A Exclusão

Aqui estamos nós de volta
Sob o signo da revolta
Por uma vida mais digna
E por um mundo mais justo
Com quem já não se resigna
E se opõe sem nenhum susto
A uma classe dominante
Hostil à população
Numa ação dignificante
Que nasce da indignação [...]

(Carlos Rennó, em “Manifestação”)

O presente trabalho pretende elaborar uma análise acerca da relação entre futebol e política, com foco em episódios registrados nos anos de 2018 e 2019. Apresentamos como o esporte foi utilizado pelo então candidato à Presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, e como ele se aproximou da diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras, tendo participado ativamente dos jogos, bem como da conquista do título brasileiro de 2018, estando em campo inclusive para o recebimento da taça de campeão. Ao mesmo tempo, pretende-se refletir sobre como a torcida se posicionou perante tais atitudes, dando maior foco a organizações dissidentes intituladas de “Palmeiras Antifascista” e “Palmeiras Conservador”. O trabalho foi dividido em três capítulos, versando o primeiro acerca do conceito de fascismo e de ideologia. Posteriormente, já no segundo capítulo, tratamos da história da relação entre política e esporte, bem como a efetivação dessa relação na contemporaneidade. Por fim, a relação entre a diretoria do Palmeiras e suas organizadas contrária e a favor a Bolsonaro, apresentando perspectivas públicas em redes sociais e meios de comunicação de uma forma em geral. A pesquisa terá como norte metodológico o materialismo histórico-dialético, se apoiando em bibliografias da área crítica da sociologia do esporte como Wisnik (2013), Franco Júnior (2007), Mejía (2018), Sigoli (2008), Toledo (2000); DaMatta (1994) e Araújo (2019), sendo utilizado como material empírico a página no Facebook da torcida Palmeiras Antifascista, o perfil no Twitter da torcida Palmeiras Conservador, e diversos portais de notícias como El País, Época, Folha de S. Paulo, Ludopédio, O Globo, Terra, Diário do Centro do Mundo, Clarín, Carta Capital, Vice, Veja, Lance!, A Cidade On, Gazeta do Povo e Exame. Tudo isso para poder demonstrar a relação do futebol com a política e as implicações no interior das torcidas organizadas. Nosso objetivo principal é o de tentar responder se houve e ainda há relação entre o esporte e a política com foco nas relações da diretoria do Palmeiras e o candidato e futuro presidente da República Jair Bolsonaro, bem como se houve a ascensão de uma ultradireita e uma espécie de fascismo difuso no país. Por fim, de que forma essas relações afetaram os torcedores.

PALAVRAS-CHAVE: Esporte; Futebol; Política; Fascismo; Palmeiras.

The present work intends to elaborate an analysis about the relationship between football and politics, focusing on episodes recorded in the years 2018 and 2019. We present how the sport was used by the then candidate for President of the Republic, Jair Messias Bolsonaro, and how he approached from the board of Sociedade Esportiva Palmeiras, having actively participated in the games, as well as winning the 2018 Brazilian title, including being on the field to receive the champion cup. At the same time, it is intended to reflect on how the fans positioned themselves in the face of such attitudes, giving greater focus to dissident organizations entitled “Palmeiras Antifascista” and “Palmeiras Conservador”. The work was divided into three chapters, dealing with the first about the concept of fascism and ideology. Later, in the second chapter, we dealt with the history of the relationship between politics and sport, as well as the effectiveness of this relationship in contemporary times. Finally, the relationship between the directors of Palmeiras and their organized counterparts and in favor of Bolsonaro, presenting public perspectives on social networks and the media in general. The research will have as methodological north the historical-dialectical materialism, relying on bibliographies in the critical area of sociology of sport such as Wisnik (2013), Franco Júnior (2007), Mejía (2018), Sigoli (2008), Toledo (2000); DaMatta (1994) and Araújo (2019), using as an empirical material the Facebook page of the Palmeiras Antifascist crowd, the Twitter profile of the Palmeiras Conservative crowd, and several news portals such as El País, Época, Folha de S. Paulo, Ludopédio, O Globo, Terra, Diary of the Center of the World, Clarín, Carta Capital, Vice, Veja, Lance !, A Cidade On, Gazeta do Povo and Exame. All this in order to demonstrate the relationship between football and politics and the implications within the organized fans. Our main objective is to try to answer if there was and still is a relationship between sport and politics with a focus on the relationship between the directors of Palmeiras and the candidate and future president of the Republic Jair Bolsonaro, as well as if there was the rise of an ultra-right and a kind of diffuse fascism in the country. Finally, how these relationships affected the fans.

KEYWORDS: Sport; Soccer; Politics; Fascism; Palmeiras.

INTRODUÇÃO	1
1. CONCEITUANDO FASCISMO E IDEOLOGIA	7
1.1 POLÍTICA E PODER	7
1.2 FASCISMO	10
1.3 IDEOLOGIA	14
2. A HISTÓRIA DA RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA E ESPORTE NO BRASIL.....	18
2.1 A POLÍTICA E O ESPORTE	23
3. AS CONSTRUÇÕES POLÍTICAS NO INTERIOR DO PALMEIRAS E DE SUA TORCIDA.....	34
3.1 A HISTÓRIA DO PALESTRA ITÁLIA E A CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS.....	34
3.2 A INFLUÊNCIA DE UM FASCISMO DIFUSO NA CONSTITUIÇÃO DO PALESTRA ITÁLIA	40
3.3 A DUALIDADE EM CAMPO: UMA PERSPECTIVA DE EMBATE DE IDEIAS.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

O esporte esteve presente em diversos momentos da história da humanidade. Assim como expõe Sigoli (2004), algo visto como um símbolo social importante para a manutenção do sistema de uma forma em geral. E aqui, mais especificamente no Brasil, temos o futebol como mais central, por isso da importância de analisá-lo e contextualizá-lo no cotidiano de um país.

Esta pesquisa pretende desvelar um discurso fascista de forma difusa, conforme exposto por Araújo (1996), o qual tem se disseminado mundo afora, em especial no foco da relação entre o esporte e a política. Para isso, discorreremos acerca do que se entende por fascismo ou discurso fascista e suas implicações no cotidiano; refletimos sobre como essa posição chega em contrapartida ao capitalismo contemporâneo; e analisamos historicamente sobre como o esporte foi usado para que o pensamento fascista permeasse a sociedade.

Após alguns desdobramentos históricos, chegamos ao ponto chave da pesquisa: as manifestações públicas da diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras a favor de articulações e/ou discursos fascistas, e os antagonismos baseados nas torcidas organizadas desse mesmo time. Pretende-se desvelar de que forma essa política de extrema direita pode ser usada no contexto do esporte para influenciar parcelas da sociedade, mas ao mesmo tempo entender como se dá a reação de outras parcelas, que vão se opor e lutar contra isso. Para entendermos a sociedade atual, devemos nos debruçar nos acontecimentos históricos, para então elaborar uma análise de nosso cotidiano.

Não existe um ato que não seja político, já que podemos dizer que somos todos seres políticos. E isso não é diferente quando nos relacionamos com o esporte. Logo, faz-se necessário vislumbrar essa relação entre política e esporte e pensar de que forma tudo isso pode afetar o cotidiano dos indivíduos. Ou seja, de que forma tomadas de posição, tanto da diretoria do Palmeiras quanto de suas torcidas organizadas, afetaram e ainda afetam a sociedade, e como o esporte pode ser usado para influenciar posicionamentos políticos em um contexto que se encontra tão polarizado.

Analisamos mais especificamente como o uso do esporte, aqui representado por atos praticados e fatos ocorridos entre diretoria e torcida de um time de futebol, influenciaram para a retomada de uma política de violências que afetará todo o país. Para isso, buscaremos, por meio da perspectiva materialista histórico-dialética, nos aprofundar na bibliografia relacionada à sociologia do esporte e às ciências políticas, buscando também realizar o levantamento de dados publicados à época na imprensa e nas mídias sociais oficiais das diferentes organizações ligadas ao Palmeiras. Pretende-se com isso desvelar a relação entre o esporte e a política, dentro de um contexto que entendemos ser o de construção social de um crescente projeto de política fascista no país.

A pesquisa se apoia em bibliografias da área da sociologia do esporte como Wisnik (2013), Franco Júnior (2007), Mejía (2018), Sigoli (2008), Toledo (2000); DaMatta (1994) e Araújo (2019).

Ademais, fizemos o levantamento de publicações na imprensa e nas mídias sociais relacionadas ao esporte e à política, com foco nas relações entre o então candidato Jair Bolsonaro, a diretoria do Palmeiras e a torcida intitulada “Palmeiras Antifascista”, abordando as próprias publicações e os comentários disponíveis de outros leitores/torcedores.

Após o levantamento do material e a sua devida seleção, elaboramos análises acerca das publicações para então poder demonstrar a relação do futebol com a política e as implicações no interior das torcidas organizadas.

Foi realizada uma extensa pesquisa em diversos sites como forma de apresentar o melhor resultado possível das relações entre o Palmeiras, suas torcidas e o futuro presidente da República Jair Bolsonaro. Consultamos de forma mais profunda, em especial, a página no Facebook da torcida Palmeiras Antifascista, o perfil no Twitter do Palmeiras Conservador, e de diversos portais de notícias como El País, Época, Folha de S. Paulo, Ludopédio, O Globo, Terra, Diário do Centro do Mundo, Clarín, Carta Capital, Vice, Veja, Lance!, A Cidade On, Gazeta do Povo, e Exame. Objetivou-se diversificar os meios de comunicação para que não houvesse uma concentração em um único veículo, já que poderia ser argumentado que haveria um viés ideológico no interior de uma ou outra redação.

Procuramos em nossa metodologia analisar as diversas notícias publicadas no recorte temporal que vai de 2018, ano da eleição presidencial e da conquista do título brasileiro pelo Palmeiras, até meados de 2019, elaborando uma pesquisa nos sites dos já mencionados meios de comunicação, sem esquecer de analisar os comentários dos respectivos leitores acerca daquele momento e daquelas situações.

Vislumbramos uma relação entre a diretoria do Palmeiras e a campanha do futuro presidente da República Jair Bolsonaro, havendo diversas manifestações em âmbito do mundo virtual, tanto por parte da página Palmeiras Conservador, quanto do grupo Palmeiras Antifascista.

De uma forma em geral, pretendemos compreender a relação entre esporte e política por meio da análise das relações entre a diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras e suas torcidas organizadas diante das manifestações a favor e contra um projeto político fascista representado por Jair Messias Bolsonaro; entender a ascensão de um discurso fascista contemporâneo; analisar as relações entre esporte e política; por fim, compreender de que forma as manifestações da diretoria do Palmeiras e de suas torcidas organizadas, a favor ou contra, influenciam a sociedade.

Nos últimos anos o Brasil tem enfrentado uma polarização política sem precedentes em nossa jovem democracia constituída em 1988, depois de sombrios e tortuosos anos de uma Ditadura Militar (1964-1985) que perseguiu e torturou muitos dos que pensavam de

forma diversa. Com a derrocada do regime autoritário, a sociedade se vê tendo que decidir seus novos caminhos, ainda que a dominação política siga na mão de alguns poucos partidos.

Com a ascensão ao poder, em 2003, do Partido dos Trabalhadores (PT), tido como posição ideológica alinhada à esquerda, iniciamos um projeto político novo, com um foco social diverso do anterior, comandado pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Esse, ao contrário daquele, tinha como visão política a necessidade de desregular a relação do Estado com o mercado, ou seja, interferir de forma ínfima e privatizar o que fosse considerado não estratégico. Já o PT pretendia, apesar de se alinhar ao mercado e em especial às grandes instituições financeiras, buscar uma maior distribuição de renda, por meios diversos como acesso à educação, ao crédito e a projetos ligados à infraestrutura e moradia.

Os diversos programas sociais fizeram com que as desigualdades existentes no país fossem minoradas. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), nesse período 60% dos brasileiros se deslocaram para um outro nível de renda, resultando na saída de 25 milhões de pessoas da extrema pobreza e melhorando sensivelmente os números do Índice de Desenvolvimento Humano.

Houve ainda expansão da economia, num aumento médio anual de 2,9% no Produto Interno Bruto (PIB). Algo brando, é bem verdade, porém suficiente para impulsionar o desenvolvimento econômico e social, já que diversos foram os incentivos oferecidos às grandes companhias nacionais e multinacionais e também ao setor financeiro, criando assim um deslocamento entre as classes sociais e aumentando de forma exponencial a chamada classe média.

Entretanto, no final do primeiro mandato da então presidenta Dilma Rousseff (PT), em 2014, o Brasil sediou a Copa do Mundo de Futebol, evento articulado pelo seu antecessor Luís Inácio Lula da Silva. A Seleção Brasileira saiu derrotada na semifinal, levando de 7 a 1 da Alemanha, e, numa prova da importância que o esporte possui para a população brasileira, isso foi decisivo para que a popularidade da então presidenta despencasse. Afinal, conforme DaMatta (1982, p. 32), “a derrota em tais competições (esportivas) é frequentemente atribuída ao atraso do país, a seu subdesenvolvimento [...]”. Assim, na campanha para as eleições presidenciais, alguns meses depois, intensificou-se uma crescente polarização política, violenta e devastadora, entre PT e PSDB. Esse último, representado na figura de seu candidato Aécio Neves.

Surgem violências, físicas e morais de ambos os lados, com ataques diários em todos os ambientes. Mesmo assim, ainda que sua popularidade estivesse descendente, Dilma Rousseff vence no segundo turno de forma apertada e toma posse para mais quatro anos de mandato, saindo muito enfraquecida da disputa. Quase que imediatamente, contudo, começam as articulações políticas para a sua retirada forçada do cargo, com um impedimento previsto na Constituição e que acabaria declarado em 31 de agosto de

2016. Em seu lugar, assume o cargo o então vice-presidente Michel Temer, com o apoio majoritário do Congresso Nacional.

Diante do contexto de incertezas perante as instituições brasileiras e com a proximidade de novas eleições em 2018, surge uma figura que diz trazer uma espécie de “salvação”, se declarando um fazedor de políticas diferentes das arcaicas. Essa figura é Jair Messias Bolsonaro, que inclusive consegue dialogar com parcela expressiva da população se utilizando de ferramentas que os outros candidatos não estão tão acostumados: as mídias sociais, e mais especificamente o Twitter.

Nasce aqui uma fenda na jovem democracia brasileira. Diversas manifestações no interior da campanha bolsonarista fazem crer que ela manipulou fatos para enganar a população e fazê-la acreditar que estava de fato diante de um salvador. Uma figura que acaba por apresentar uma retórica voltada para a violência e os pré-conceitos. E que é claramente beneficiada por uma tendência de implosão do sistema partidário que se registrou em diversas nações do mundo, incluindo aí o Brasil.

Bolsonaro, pois, foi apresentado como um indivíduo que seria a alternativa ao que estava posto, que fala o que pensa. E, de certa forma, isso fez desvelar uma parcela da população que concorda com seu discurso, porém nunca antes teve coragem para se declarar assim.

O discurso é violento. Ele faz afirmações como “bandido bom é bandido morto”, homenageia torturadores conhecidos da época da Ditadura Militar brasileira, motra-se racista quando ofende os negros e os quilombolas, é misógino ao se referir às mulheres e, por fim, expõe preconceitos diversos ao tratar de todas as minorias existentes em uma sociedade tão diversa como a do Brasil.

Para além disso, soube tirar proveito dos esportes. Em diversos esportes e grupos de esportistas de alto rendimento, incluindo aí o futebol, Bolsonaro se fez presente. Para Mejia (2018, p. 10, tradução nossa), “o esporte foi incorporado de maneira clara, intencional e consciente como elemento importante da campanha presidencial vitoriosa de Bolsonaro em 2018”. Articulou-se com diversos esportistas e esteve presente em diversos eventos, de diversas modalidades e clubes.

No caso desta dissertação, o foco é a relação entre as torcidas organizadas da Sociedade Esportiva Palmeiras e a diretoria desse clube. Entre os torcedores, vale destacar o grupo que se manifestou contra o que chamaram de movimento fascista na campanha presidencial, criando em suas redes sociais o movimento “Palmeiras Antifascista”. Já a diretoria e alguns jogadores tiveram uma posição contrária, se articulando como apoiadores do então candidato Jair Bolsonaro.

Outrossim, vale ressaltar que esta pesquisa está inserida no ambiente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da UFMT, por isso a justificativa do uso das redes sociais e das mídias de massa como objeto de análise, promovendo ademais um diálogo interdisciplinar com a sociologia do esporte e suas diversas interfaces.

Após campanhas a favor e contra, o candidato Jair Bolsonaro acabou por vencer as eleições, e posteriormente o Palmeiras veio a vencer o Campeonato Brasileiro, que é considerado um dos maiores do mundo. Surpreendentemente, e contrariando parcela considerável da torcida organizada deste time, a diretoria convidou Bolsonaro a comparecer ao seu camarote para prestigiar o jogo final e, após a vitória, erguer junto do time a taça de campeão.

É essencial que, aqui, antes de prosseguir, compreendamos a posição do esporte e do futebol no cotidiano brasileiro. Para DaMatta (1994, p. 52), ele “promove um efeito de pausa, feriado, ou descontinuidade com a sofreguidão exigida pela lógica do lucro, do trabalho e do êxito a todo custo”. Algo que promove no indivíduo uma possibilidade de afastamento da realidade do mundo do trabalho e das obrigações, possibilitando assim um outro contato com a realidade.

Além disso, o esporte é considerado uma das atividades da indústria cultural do entretenimento mais rentáveis. Para Sigoli (2004, p. 45), “o volume de capital envolvido nas transações de patrocínio de eventos, de equipes e de venda de direitos de transmissão gera interesses que ultrapassam as necessidades da prática esportiva”, havendo uma “valorização excessiva do espetáculo”. É isso que o torna importante chave na influência social da população, estando presente em grande parte da imprensa por meio de transmissões e publicidades, englobando quase que todas as áreas comerciais que fazem parte de nosso cotidiano.

No Brasil, o futebol faz parte de um mercado que movimentava valores astronômicos. Somente com a venda de jogadores, segundo dados da Confederação Brasileira de Futebol, houve no ano de 2019 uma movimentação de R\$ 976 milhões. Já com direitos de transmissão, os dez maiores clubes do país movimentaram R\$ 1,4 bilhões.

O futebol está presente na vida de praticamente toda a população, de forma direta ou indireta, afetando mesmo aqueles que dizem não gostar da modalidade. E isso faz com que possamos afirmar que existe uma espetacularização comercial do esporte, que adentra em todos os lares e influencia todas as áreas, inclusive a política. Segundo Mejía (2018, 14, tradução nossa), “o esporte é uma empresa cujo objetivo é produzir um espetáculo cotidiano, massivo, mundial e crescentemente rentável”.

Concordando com a tese de que o esporte é utilizado em especial para a produção de um espetáculo, porém, devemos entender que por trás dele existem objetivos que atingem diretamente o cidadão médio e o transforma, criando direcionamentos sociais.

Existe aqui uma relevância para o entendimento da relação entre esporte e política, sendo que essa se dá diante da própria constituição do Brasil enquanto Estado. Este esporte sempre esteve muito presente no cotidiano dos brasileiros, sendo um importante e direto meio de comunicação entre uma simbologia específica e o cidadão médio, que acompanha por vezes de forma alienada os fatos fora daquele espaço. O esporte, e aqui mais especificamente o futebol, cria um mundo de representações, paralelo da realidade.

Ou seja, tornando de mais fácil acesso a apresentação de concepções de mundo para aquele que o acompanha.

Devemos compreender o futebol, nesse caso, como uma forma de escape da realidade. Claro que sem deixar de lado sua importância cultural, porém, existe aqui um meio de absorção dos interesses da elite que se encontra no poder, atribuindo decisões aos indivíduos sem que esses as percebam, o que pode até mesmo chegar a alterar as decisões políticas em um determinado período. Como aconteceu em 2018, por exemplo.

O trabalho aqui está dividido em três capítulos, versando o primeiro acerca do conceito de fascismo e de ideologia, contendo também uma breve análise sobre as elites brasileiras e como o bolsonarismo¹ surge como ideologia no contexto político brasileiro. Posteriormente, no segundo capítulo, trataremos da história da relação entre política e esporte, bem como a efetivação dessa relação na contemporaneidade.

Já no terceiro capítulo trataremos à luz da pesquisa a relação entre a diretoria do Palmeiras e a sua torcida organizada contrária às posições políticas dos dirigentes, apresentando perspectivas públicas veiculadas em redes sociais e em meios de comunicação de uma forma em geral.

Poderemos concluir que houve e ainda há grande influência entre esporte e política, e que essa influência se dissemina no interior da sociedade de uma forma muito ampla. Houve também, claro, grandes interesses econômicos e políticos que pautaram a relação entre o então candidato e posteriormente presidente da República, Jair Bolsonaro, e a diretoria do Palmeiras.

¹ Utilizaremos o termo "bolsonarismo" para classificar a forma com que Jair Messias Bolsonaro se utilizou para abarcar parcela da sociedade, sendo uma forma de política apresentada nas eleições de 2018, mas que vinha sendo construída ao longo de toda a sua carreira política. Ainda assim, somente agora, com crises políticas e com o Brasil sendo apresentado como um país em recessão por culpa de um partido político específico, surgiu-se as possibilidades necessárias para o surgimento de tal "regime" como movimento político.

CONCEITUANDO FASCISMO E IDEOLOGIA

1.1 POLÍTICA E PODER

A história política brasileira é extremamente conturbada e permeada por conservadorismo e patriarcalismo arcaico, porém, não será necessária uma análise demasiadamente longa para entendermos o contexto da contemporaneidade. Aqui, tomaremos por bem elaborar um recorte histórico da transição da Ditadura Militar para a redemocratização do país, pensando as elites do poder que permanecem muito presentes no sistema político brasileiro, se rearranjando em todos os momentos para garantir a manutenção do poder.

O objetivo aqui não é retomar as origens distantes do conceito de política, repousando nos clássicos da antiguidade, mas sim pensar a política e necessariamente o poder na modernidade e suas reflexões na cultura moderna. Nesse contexto, é impossível não pensar na concepção de democracia.

Em um primeiro momento, podemos fazer menção à distinção de conceitos elaborada por Marx, que discute diferenças entre intelecto político e intelecto social. No primeiro, podemos observar um pensamento voltado para a dimensão política, tendo o Estado como um núcleo essencial da fundação da sociedade. Quanto mais aprofundado for o pensamento nesse sentido, mais se atribui ao Estado e/ou aos indivíduos os problemas sociais e suas deficiências, sendo essa uma expressão do modo de pensar da classe burguesa.

Já no segundo conceito, existe certa capacidade de identificar formas e causas dos problemas sociais por meio de outra perspectiva. Pensa-se assim, de forma efetiva, a sociedade do ponto de vista do social, ou seja, possuindo uma totalidade no interior das relações que os próprios homens estabelecem entre si, em especial quando falamos de Marx refletindo sobre a produção de riqueza material. Nesse contexto, é no interior das relações que se encontram as causas – e também as soluções – dos problemas sociais, podendo ser afirmado que não é o Estado que cria a sociedade em si.

Segundo Tonet (2018, p. 5),

[...] é a sociedade civil (o momento da articulação entre forças produtivas e relações de produção) que funda o Estado e o conjunto da sociedade. Ora, esse intelecto social tem essa capacidade porque expressa o ponto de vista da classe trabalhadora. É ela que indica que o trabalho é o fundamento ontológico do ser social e que, por isso mesmo, toda forma de sociabilidade terá uma determinada forma de trabalho como seu fundamento. Embora a classe trabalhadora também seja uma classe particular, seus interesses mais essenciais – a eliminação da propriedade privada, das classes sociais e de toda forma de exploração do homem pelo homem – apontam para uma forma universal de sociabilidade.

Podemos notar que são duas formas completamente distintas de se observar a questão da democracia e do Estado, de se analisar a sociedade de uma forma em geral: como uma forma de determinação social em relação a um conhecimento específico, tendo em vista que beneficiaria uma classe para a manutenção da ordem vigente e dos interesses da burguesia, afirmando tal conceito como um modo universal de se pensar o social; ou como interesses de toda a humanidade, que caso fosse deixado de lado provocaria um retorno à barbárie.

Em grande maioria, os pensadores modernos possuem em suas concepções o intelecto político como essencial. Veem o Estado como um pressuposto importante para a constituição da realidade social, não sendo possível a vivência sem ele. Classificam como marcos da forma de se pensar reflexivamente o mundo social a propriedade privada e a constituição das classes sociais.

É por esses motivos que praticamente toda a reflexão se volta para a busca por formas políticas, jurídicas, administrativas e militares mais aperfeiçoadas, não havendo possibilidades de pensamento desse contexto que passem pela eliminação da forma estatal.

Nesse pensamento predominante, torna-se claro que a democracia é a forma política mais aperfeiçoada do sistema social da humanidade. Mesmo apresentando diversos defeitos, ainda assim pode ser compreendida como uma forma superior de liberdade dos homens, o que justifica a necessidade de defesa de seu aperfeiçoamento histórico. Ou seja, não estamos propondo o fim da democracia, mas defendendo, isso sim, o seu aperfeiçoamento no momento histórico em que se contextualiza.

São inúmeros os conceitos ligados à democracia e ao Estado, porém devemos observar alguns autores que possuem preceitos mais progressistas em torno desse. Para Chauí (2011), uma das principais características de uma sociedade democrática é a constituição de direitos, que se tornam reais no interior da sociedade, sendo aperfeiçoados à medida que surgem novos. Prossegue a autora:

A democracia é a sociedade verdadeiramente histórica, isto é, aberta ao tempo, ao possível, às transformações e ao novo. Com efeito, pela criação de novos direitos e pela existência dos contrapoderes sociais, a sociedade democrática não está fixada numa forma para sempre determinada, ou seja, não cessa de trabalhar suas divisões e diferenças internas, de orientar-se pela possibilidade objetiva (a liberdade) e de alterar-se pela própria práxis (CHAUÍ, 1997, p. 433).

Podemos notar nesse contexto que tanto no interior do pensamento dos neoliberais, quanto dos socialistas democráticos, é necessário que se pense as formas da democracia contemporânea. Ainda para Chauí (2011, p. 145),

é conhecido o “modelo democrático” formulado por Schumpeter e seus epígonos, a partir do momento em que o critério da democracia passa a ser dado pela relação entre o Estado, como sócio e interventor econômico, e a economia oligopólica. Resumidamente, o “modelo” apresenta os seguintes traços: a) a democracia é um mecanismo para escolher e autorizar governos, a partir da existência de grupos que competem pela governança, associados em partidos políticos e escolhidos por voto; b) a função dos votantes não é a de resolver problemas políticos, mas a de escolher homens que decidirão quais são os problemas políticos e como resolvê-los – a política é uma questão de elites dirigentes; c) a função do sistema eleitoral, sendo a de criar o rodízio dos ocupantes do poder, tem como tarefa preservar a sociedade contra os riscos da tirania; d) o modelo político baseia-se no mercado econômico fundado no pressuposto da soberania do consumidor e da demanda que, na qualidade de maximizador racional de ganhos, faz com que o sistema político produza distribuição ótima de bens políticos; e) a natureza instável e consumidora dos sujeitos políticos obriga a existência de um aparato governamental capaz de estabilizar as demandas da vontade política pela estabilização da “vontade geral”, através do aparelho do Estado, que reforça acordos, aplana conflitos e modera as aspirações.

Segundo a autora, Schumpeter defende a existência de um “modelo” em que se faz presente uma relação entre o Estado e o cidadão como consumidor, estando fortemente presente também uma elite muito bem organizada que se estabelece no poder desse plano democrático. Ainda para a autora, McPherson rebate tal tese afirmando que essa deve ser baseada em um “equilíbrio pluralista elitista”, propondo um outro modelo chamado de “democracia participativa”, que teria as seguintes características:

a) mudança da consciência popular, que passa a ver-se não mais como consumidora, mas como agente e executor que desfruta de suas próprias decisões. Trata-se do sentimento de comunidade; b) grande diminuição da atual desigualdade social e econômica, na medida em que a desigualdade é o motor da coesão da ordem capitalista, pois impede a participação político-partidária e é sustentáculo da ordem vigente; c) estimular procedimentos pelos quais se viabilizem as propostas de Marx (ditadura do proletariado) e de Stuart Mill (alargamento das franquias e aumento da participação) numa democracia participativa [...] d) enfatizar o peso do ônus social trazido pelo crescimento do capitalismo [...] (CHAUI, p. 146, 2011).

Entretanto, apesar dessas concepções, devemos levar em conta que a democracia contemporânea perpassa por diversos problemas de implementação. Ainda mais que ela está, segundo Tonet (2018), “se tornando cada vez mais irrelevante, uma vez que as decisões mais importantes são tomadas, de modo sempre mais direto, pela área econômica e especialmente por algumas grandes corporações econômicas e financeiras” (TONET, 2018, p. 7).

Apesar dessa crítica, ainda é deveras complicado se pensar fora do contexto de constituição do Estado e da forma democrática atualmente exercida no país, se fazendo necessário antes uma busca pelo seu aperfeiçoamento e por formas de garantir a sua defesa da maneira mais justa possível diante do contexto social em que vivemos.

1.2 FASCISMO

Não existe a intenção aqui de se abarcar de forma global os conceitos que envolvem o tema, algo que é imensamente denso, e sim realizar breve conceituação para contribuir com uma melhor análise deste trabalho. Apesar do conceito e sua aplicação efetiva tenha sua gênese na Itália, sua disseminação é nítida em todos os países que, em algum momento, passam por uma guinada ao extremismo conservador.

No mais, é extremamente complicado colocarmos um conceito como esse fechado em uma espécie de caixa, e por esse motivo já deixamos claro que trataremos de uma linha específica, mas deixando o debate em aberto para que se construa ao longo do texto um conhecimento mais condensado, objetivando assim demonstrar as linhas gerais que apontam para os posicionamentos de um governo que adotou um discurso fascista e que transformou em método a (des)informação e o controle da sociedade brasileira.

Logo de início, e pensando o fascismo como uma forma totalitária de governo e de manutenção do poder, podemos concluir, ainda que de forma superficial, que a intenção é possuir o monopólio do poder de forma a controlar a sociedade e calar os críticos eventuais, para que então se possa aplicar suas concepções políticas de forma mais livre, sem que haja levantes contrários, por exemplo, dos movimentos sociais em geral.

Para Neumann (1969, p. 268), existem cinco fatores que podemos identificar em um estado totalitário, sendo eles:

- 1) transição de um estado de direito para um estado policial; 2) transição do poder difuso nos estados liberais para a sua concentração no regime totalitário; 3) existência de um partido estatal monopolista; 4) transição dos controles sociais que passam de pluralistas para totalitários; 5) presença decisiva do terror como ameaça constante contra o indivíduo.

Por óbvio não podemos concluir que somente esses fatores apontados como essenciais pelo autor nos levam a classificar um Estado como totalitário ou fascista, mas ainda assim eles são indicativos claros que determinam um posicionamento político-ideológico que o desenrolará para tal. Como qualquer forma metodológica, podemos utilizá-los como ponto de partida para analisar o objeto em questão, apontando outros diversos fatores que se entrelaçam e culminam em uma espécie peculiar de discurso fascista totalitário.

É essencial entendermos que o Estado fascista é uma forma oposta ao Estado liberal, ou seja, pretende uma dominação sobre os indivíduos, utiliza-se do aparelhamento ideológico e de todos os meios possíveis a sua disposição. Usufrui da máquina pública para disseminar uma ideologia própria, sem diferenciar o que é estatal e o que é pessoal do governante. O que impera é a vontade do próprio indivíduo – ou do grupo que ele representa.

Dito de outra forma: de um lado temos um Estado liberal que é regido pela lei e por uma certa liberdade coletiva e individual; e de outro temos o Estado fascista, em que

imperava a violência e a opressão de diversas formas. Não há como nos atermos apenas aos cinco apontamentos referidos anteriormente, como se esses pudessem definir um Estado fascista apenas e tão somente por eles, mas podemos usá-los para nortear o que se entende por esse discurso fascista.

Em alguns casos, encontraremos todos eles. Em outros, talvez não apareçam todos, mas surjam outros. Seria o caso do Brasil, por exemplo, já que não podemos afirmar que exista um partido monopolista, e nem tão pouco que isso irá de fato acontecer, já que estaríamos tentando prever o futuro, o que não é tarefa das ciências sociais.

Podemos, isso sim, afirmar que o Brasil vive um processo de transformação política, que tem levado o Estado brasileiro a um sistema policial repressor, com alta concentração de poder em um determinado indivíduo, que se utiliza desse poder para manipular e reorganizar diversas instituições públicas. Ele modifica assim os controles sociais e torna-os mais pessoais, usando meios como a internet para “pregar” o terror e ameaçar os seus opositores políticos e pessoais. Parece sempre estar em guerra pessoal contra todos aqueles que não se adequam a suas decisões e opiniões.

O atual governante vê no Estado a sua própria pessoa. Faz parecer que ser chefe do Poder Executivo é articular tudo ao seu jeito e para os seus. A Presidência não parece mais ser um cargo político destinado ao bem estar social da população em geral, mas passa a ter a missão de tornar toda a sociedade a imagem ideológica de seu ocupante. Quem discordar, que seja apagado ou retirado da linha da história para que não cause mais problemas.

Para Bobbio (2008, p. 145), “o fascismo trazia a violência no corpo. A violência era sua ideologia”. Enfim, o fascismo como forma política faz com que as relações sociais sejam totalmente alteradas, se utilizando da violência como resposta a tudo e a todos.

Tentou-se firmar que o fascismo não possui ideologia alguma, havendo apenas a necessidade de uma ação imediata, o que o resta comprovado como apenas um discurso para a manipulação. Conclui-se que o fascismo age baseado na violência e se articulando para reduzir ou suprimir direitos à liberdade. Atingindo a todos de diferentes formas e perspectivas, mas de forma muito mais contundente aqueles que se encontram na periferia da sociedade.

Existe aqui uma oposição muito específica com relação ao liberalismo, dentro de uma contraposição entre razão e violência. Algo que, segundo Chasin (2012), vai provocar por parte do fascismo uma espécie de avanço sobre a democracia, restringindo assim o poder e aumentando o controle social sobre os indivíduos.

Outrossim, o fascismo se utiliza do individualismo e do jogo jurídico para promover a ocultação dos problemas entre as classes, criando uma hegemonia em torno de determinado grupo. A questão jurídica, como afirmação do real, cria um paradoxo, já que ao mesmo tempo em que declara os limites da liberdade e da igualdade, esconde o que de fato existe, não permitindo o acesso ao real. A ideologia fascista cria uma sobre que

impede enxergarmos o que cerca de fato o cidadão comum, ou melhor, os fenômenos históricos, políticos, econômicos e sociais que estão em curso naquele momento de suas vidas, criando uma generalização das situações.

É especificamente essa generalidade multifacetária de fenômenos – que de certo modo estão alocados em espaços distintos da sociedade – que tem a intenção específica de criar uma espécie de monopólio do poder. Que prevê a organização das instituições de uma forma sincrônica e a centralização das decisões entre aqueles que almejam o controle, mesmo que para isso precisem usar da violência em desfavor dos grupos tidos como minorias.

Se reduzirmos o conceito de fascismo tão somente ao conceito de totalitarismo, ou apenas ao que o liberalismo nos diz de ambos, estaríamos generalizando os conceitos e, objetivamente, não chegaríamos a nenhuma conclusão, correndo o risco de colocar diversas formas políticas num mesmo patamar.

Há distinções, portanto, mesmo que fascismo e totalitarismo se misturem em diversas características, e que o primeiro seja englobado pelo segundo. Para Chasin (2012, p. 35),

cabe mesmo dizer que, se é tautológico o raciocínio em relação aos fenômenos apontados, ele o é também, ao limite, em relação ao poder em geral. Com isto não estamos querendo confundir ou dissolver as distintas formas de hegemonia; pelo contrário, queremos ressaltá-las, afirmando que ela, a hegemonia, sempre está presente ao fenômeno do poder, ao contrário do que a análise liberal pressupõe.

É notória a força com que o liberalismo se empenha em abarcar os conceitos de forma genérica, em especial quando para ocultar seus próprios problemas lógicos diante das classes trabalhadoras. Por óbvio que o liberalismo, enquanto sistema político-econômico, não deseja ser visto como aquele que busca por uma hegemonia de poder para obter o controle social por meio da força econômica. Que, como consequência, adquiriria o controle de uma grande massa da sociedade, em detrimento de todos aqueles sistemas que contrariam ou que não se moldem conforme estabelecido pelo capital.

Como se vê, quando buscamos classificar o fascismo apenas como uma ideologia ligada ao totalitarismo, deixamos diversos outros fatores para trás, o que não podemos deixar ocorrer. Principalmente porque, aqui, procuramos, por meio do materialismo histórico-dialético, explicar a sociedade.

Insistimos, portanto. O totalitarismo, bem como o fascismo, não é algo meramente político, mas decorre de diversos fatores históricos que o acompanha. Não há como entender ambos os conceitos como apartados da sociedade, ou seja, não existe uma autonomia atribuída a eles pelo liberalismo. Fazer isso seria defini-los, segundo Chasin (2012, p. 34), “sem preocupação de investigar as relações infra-supra-estruturais concretas em que emerge”. Denota-se que eles fazem parte de uma superestrutura e de uma infraestrutura presentes no mundo concreto, na sociedade em que estamos no momento.

Criando preceitos apenas abstratos ligados ao conceito de totalitarismo, e por consequência ao fascismo, vinculando-os ao espaço político de forma restrita, acaba-se por desvinculá-los do espaço econômico, bem como do liberalismo, ficando esse último como algo essencialmente bom. Ou seja, ao fim, tudo aquilo que é contrário ao liberalismo se torna o terror, incluindo diversos outros sistemas ou modos de pensar, sendo isso utilizado como tática para se instaurar o medo e criar uma caça às bruxas moderna.

A intenção aqui não é outra senão deixar claro os conceitos utilizados, já que esses podem ser interpretados de forma ampla. Devemos observar que o termo totalitarismo pode abarcar diversas questões e ideologias, porém o liberalismo se utiliza dele com concepções e objetivos específicos para atacar e criar uma “guerra” contra tudo o que é diferente do seu sistema. No fim das contas, o próprio sistema liberal objetiva fins totalitários a determinado grupo ligado ao capital e ao sistema capitalista, entretanto, não é nosso objetivo realizar essa análise de forma profunda, mas sim deixar claro as características “totalizantes”¹ no interior de um sistema fascista ideológico-político.

Nossa intenção aqui é demonstrar a volta de uma ideologia que se mantinha latente, mas que nunca se dissipara totalmente da história da humanidade. Segrillo (2006), inclusive, realiza um diálogo com o historiador Roger Griffin para demonstrar que a ideologia fascista se resgata com capacidade de se tornar “coerente” e “lógica” perante a grande massa e diante do senso comum. O autor demonstra que a ideologia fascista se apresenta como uma forma de “ultranacionalismo palingenético”, sendo que esse seria um “mito do renascimento” de uma nação específica, que de certa forma se encontraria em decadência. O discurso fascista se apresenta como solução e usa isso como fator mobilizador e de tomada das instituições, algo que contemporaneamente podemos observar de forma clara.

Segundo Segrillo (2006), o termo totalitarismo foi deixado de lado pelo mundo acadêmico, sendo utilizado, em especial após o fim da União Soviética, apenas pelo senso comum e pelo mundo jornalístico. Porém, se faz necessário retomar, fazendo uma diferenciação em sua terminologia. Ao invés de utilizar o termo “totalitário”, que remeteria ao controle total do Estado sobre a sociedade, o autor utilizou a palavra “totalizante”.

Nessa nova perspectiva, o Estado busca esse preceito totalitário, mas pode-se observar historicamente que não é possível alcançar transformações totais no interior social, sempre havendo rupturas e sempre havendo classes que lutam contra tal ideologia, ainda que exista violência repressora em seu desfavor – maior ou menor a depender do caso concreto.

Podemos concluir então que o regime fascista aqui especificado pode ser compreendido como um Estado que busca uma transformação em sua concepção, sendo um Estado policial que se utiliza da violência, do terror e da ameaça, tendendo à

1 Termo utilizado por Angelo Segrillo (2006) de forma a criticar o conceito de “totalitarismo” vulgarmente atribuído aos regimes comunistas e fascistas de forma análoga, deixando de lado a forma ortodoxa do “tipo ideal” weberiano.

concentração de poder (político, social e econômico) e, conseqüentemente, de um maior controle da sociedade.

Em nosso caso específico, o Governo Bolsonaro se apresenta como antidemocrático e antissocialista, utilizando-se do discurso de ódio e de perseguição, e sempre buscando um poder totalizante para concluir seus objetivos familiares e corporativos milicianos. Nesse ínterim, podemos perceber, na figura de Bolsonaro, uma liderança carismática que, ao mesmo tempo, tem uma forte negação do diferente, bem como tendência à militarização. Apresenta também características do fascismo como ideologia de poder político, ideológico, econômico e social, já que se utilizou de forma propagandista de um carisma fascista que fez com que parcela da sociedade se reconhecesse nele.

Não podemos deixar de mencionar também que esse discurso fascista bolsonarista possui uma base estrutural de classe que o fez vencer as eleições, que é muito próxima daquela anterior a da Segunda Guerra Mundial. De certa forma, o bolsonarismo teve grande mobilização social por causa do descontentamento com o governo anterior, criando um líder “carismático” para grande parcela da população que via na violência legalizada uma possibilidade de mudança, tanto no interior da classe trabalhadora, quanto na classe média que acreditava que iriam se beneficiar de tais atitudes.

1.3 IDEOLOGIA

A homogeneização das ideias da classe dominante tem por base as instituições, que podem ter relações públicas ou privadas.

As questões colocadas nos levam a pensar nas instituições político-econômicas que exercem influências no pensamento e no processo de “transformação do pensamento”. Eis o que Althusser (1985, p. 68) fala sobre a questão:

Designamos pelo nome de aparelhos ideológicos do Estado um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de instituições distintas e especializadas. [...] podemos, pelo momento, considerar como aparelhos ideológicos do Estado as seguintes instituições (a ordem de enumeração não tem nenhum significado especial): aparelho religioso (o sistema das diferentes igrejas), aparelho escolar (o sistema das diferentes “escolas” públicas e privadas), aparelho familiar, aparelho jurídico, aparelho político (o sistema político, os diferentes Partidos), aparelho sindical, aparelho de informação (a imprensa, o rádio, a televisão, etc.), aparelho cultural (Letras, Belas Artes, esportes, etc.).

Nesse sentido, os aparelhos ideológicos de estado (expressão cunhada por Gramsci (2016)) estão totalmente ligados a interesses de classes, na tentativa do acobertamento dos conflitos sociais (quando lhe interessar) e das contradições intrínsecas ao capitalismo. Devemos ressaltar aqui que, no sentido de aparelhos ideológicos de estado, não pretendemos generalizar que todo aparelho ideológico está de acordo com o poder do estado, pois pode haver divergências políticas no cerne dos mesmos. A necessidade

aqui é entender a ligação de um meio de comunicação privado com o estabelecimento da classe dominante, mas Althusser (1985) faz uma relação entre público e privado, onde o aparelho repressivo de estado pertence ao poder público, e os aparelhos ideológicos de estado estão a serviço do privado. Porém, mesmo estando no meio privado, produz e reproduz a ideologia do poder repressivo de estado, tendo em vista que os maiores meios de comunicação estão nas mãos das classes dominantes.

O estado democrático de direito burguês está baseado na necessidade de liberdade individual mediante a organização burocrática e meritocrática no âmbito de leis. Isso é pensado como uma forma de individualizar as necessidades, criando formas de “liberdade” que acabam por transmitir a ilusão do ser livre de qualquer influência externa. O indivíduo se vê em uma sociedade pautada na democracia, livre e com todas as possibilidades de conquista de uma vida melhor. Para tanto, convém entender a concepção de ideologia em Marilena Chauí (1980, p. 23):

“conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer”.

Ou seja, ela descreve a necessidade da imposição das ideias e dos valores, que são colocados por meio do direito e dos aparelhos ideológicos de estado e de repressão. Sendo assim, a mesma classe que se consiste como dominante no plano econômico e político, é também a que domina e reprime no plano das ideias, sendo por vezes muito sutil, por vezes agressiva e violenta. Com isso, a ideologia serve como meio de atribuir uma explicação quanto às contradições intrínsecas da sociedade, tidas como naturais e até mesmo necessárias, fazendo parte da natureza da sociedade humana a divisão social.

A ideologia dominante é estendida à classe dominada como intrínseca a mesma. E isso é feito para manter a relação de dominação, da mesma forma como acontece com meios de comunicação, escolas, etc. Promovem a criminalização de movimentos e organizações sociais que de alguma forma ameaçam a camuflagem da dominação.

Todavia, essa mesma democracia é voltada para a necessidade do mercado e da lógica capitalista. O estado se organiza de forma a comportar o mercado, enquanto que a imprensa faz o papel de intermediária da difusão das ideias de dominação. Resumindo, apresenta-se a democracia como a necessidade de igualdade e de liberdade para todos os indivíduos, e isso é levado pela imprensa até a mente dos indivíduos. Mas o que se tem realmente é a individualização e a busca incessante por mais lucros, não importando qual seja os métodos.

O sistema é, em sua natureza, voltado para as contradições e para a necessidade de ir além da força de trabalho alheia. Isso está relacionado à consciência dos indivíduos, onde tudo é resultado de um processo histórico que corresponde “as sublimações

necessariamente resultantes do processo da sua vida material que pode ser observado empiricamente e que repousa em bases materiais” (CHAUÏ, 1980, p. 25). Com isso, o Estado tem a necessidade e a “obrigação” de “legalizar” as relações sociais baseando-se em leis. E, usando essas mesmas leis, inculcar ou “disfarçar” as contradições implícitas que existem no interior das relações. Enfim,

[...] Estado não é mais do que a forma de organização que os burgueses constituem pela necessidade de garantirem mutuamente a sua propriedade e os seus interesses, tanto no exterior como no interior. [...] Sendo, portanto o Estado a forma através da qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer os seus interesses comuns e na qual se resume toda a sociedade civil da época, conclui-se que todas as instituições públicas têm o Estado como mediador e adquirem através dele uma forma política. Daí a ilusão de que a lei repousa sobre a vontade e, melhor ainda sobre uma vontade livre, desligada de sua base concreta (MARX; ENGELS, 2007, p. 95).

Nesse contexto, o Estado tem uma relação de reprodução das formas capitalistas de produção, sendo peça essencial para a continuidade desse processo e de todas as relações sociais relacionadas às mesmas. O Estado é um instrumento de manutenção das relações de dominação e da reprodução do sistema econômico como forma de poder, mas os meios de comunicação são os intermediários para que essas formas de dominação sejam absorvidas por toda uma sociedade.

Para os marxistas, a ideologia é um conceito que está intimamente ligado às classes sociais, na qual

“o processo de produção da ideologia não se faz ao nível dos indivíduos, mas das classes sociais. Os criadores das visões de mundo, das superestruturas, são as classes sociais, mas quem sistematiza, desenvolve, dá-lhes forma de teoria, de doutrina, de pensamento elaborado, são os representantes políticos ou literários da classe: os escritores, os líderes políticos, etc.; são eles que formulam sistematicamente essa visão de mundo, ou ideologia, em função dos interesses da classe” (LÖWY, 1991, p. 95).

Marx se utilizava do termo “uma maneira de pensar” referindo-se a uma necessidade “orgânica” de ideias, relativas a uma determinada classe. São conceitos postos por uma determinada intelectualidade, questionamentos postos mediante visões de mundo no qual os representantes destas estão inseridos. Esse autor não age de forma a dispensar toda e qualquer forma de pensar apenas e tão somente por ser ligada a qualquer classe, sendo para ele de extrema importância aquelas obras consideradas “clássicas”, mas que de forma direta ou indireta estão ligados à classe burguesa, pois de forma clara “percebem as contradições que existem na realidade” (LÖWY, 1991, p. 105), mas também não deixa passar em branco o que chama de “economistas vulgares”, que são totalmente vendados pelas ideias do capitalismo.

Com base em tudo isso, os indivíduos são bombardeados com informações de todos os tipos, vindas de todas as direções. Suas opiniões não são baseadas em uma “consciência pura”, mas sim em uma infinita relação com o social, com toda uma história

e com todo um processo de “ideologização”. Então “não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência” (MARX, 2007, p. 301).

Resumindo, a ideologia se dá a partir do monopólio dos meios de produção intelectuais por parte dos capitalistas, influenciando tanto individualmente como socialmente. Então, para Marx, a ideologia adquire uma concepção negativa, tendo em vista que é tida como um instrumento dos dominadores, utilizada como uma forma de explicação das relações de uma sociedade e tendo por base as “formas cristalizadas de consciência social”, e consequentemente invertendo a ação real. Os indivíduos assim têm uma interpretação das formas sociais não a partir de sua consciência, mas mediados pelas relações que são impostas a eles. As ideologias, então, são referências das relações materiais obtidas a partir da classe dominante, que é detentora dos meios de produção ideológicos.

Retomando um pouco aqui a questão dos aparelhos ideológicos de estado, e fazendo, em certa medida uma ligação com Gramsci (2016), temos por base a ideologia não somente como formas de pensamentos soltas, mas também a necessidade da prática em si. Althusser (1985) faz uma analogia da ideologia com a construção, em que a ideologia seria uma forma de cimento que, dentro da sociedade, funcionaria como uma forma de fixação das bases.

Iremos a seguir pensar as questões relacionadas ao esporte e à política de forma direta, ou seja, pensaremos de que forma essas relações afetaram e ainda afetam as relações sociais de forma geral, elaborando a seguir uma análise sobre como os meios de comunicação tornaram público as relações políticas e as formas ideológicas ali presente, tendo grande influência em uma espécie de discurso fascista em torno das atitudes do futuro presidente da República Jair Bolsonaro.

Pensamos aqui que não há como não relacionar o esporte com a política, e isso inclui as questões ideológicas expostas aqui, bem como o discurso fascista enquanto conceito apresentado, sendo também apresentado a seguir o conceito de fascismo difuso.

A HISTÓRIA DA RELAÇÃO ENTRE POLÍTICA E ESPORTE NO BRASIL

Apesar de o brasileiro se esquecer, o futebol não nasce com eles, mas sim na Inglaterra e posteriormente introduzido com os imigrantes que aqui se encontravam. A miscigenação cultural que o Brasil vivenciou contribui para a construção de diversos fatores no contexto local, e um desse foi o esporte. Por volta do Século XIX, conforme expõe Franco Júnior (2007), Charles Miller traz consigo a bagagem necessária para a implantação do esporte no Brasil, diretamente de sua estadia no país criador do esporte.

Diferentemente do país europeu, o Brasil se encontrava em um outro momento histórico. Do outro lado do Atlântico, o esporte era produtor de uma cultura operária, sendo disponibilizado para ser praticado nas escolas; enquanto que no Brasil, ainda com um pensamento racial muito forte, esse esporte foi elitizado, sendo direcionado a uma elite branca, já que a classe intelectual estava nesse momento encharcada pelo evolucionismo biológico.

É um momento histórico que é permeado por pré-conceitos, inclusive na academia, e fortemente reproduzido pela política. E isso não é diferente no contexto do nascente esporte mais popular do país. Existe uma seleção por cor, classe e renda para a prática do esporte em toda a sociedade, afastando à periferia aqueles que não são bem-vindos.

Ao contrário da realidade inglesa em que o futebol se tornou rapidamente um esporte popular, justamente por ser praticado pela classe operária e em escolas públicas, no Brasil isso demorou a acontecer, tornando-se lazer exclusivo da elite. Só no início do século XX, segundo Guterman (2009), isso se alteraria, mas claro que apenas em certa medida. Na proporção em que o esporte começava a tomar tons de esporte comercial, surgem ídolos que vão se tornando visíveis e agradando o público. Ainda segundo o autor, um desses seria Arthur Friedenreich, filho de um alemão com uma ex-escrava. Porém diante do sobrenome e do fato de se constituir branco, tinha livre acesso ao esporte, conforme expõe Guterman (2000, p. 43):

Fried, contudo, perdeu rapidamente a condição de negro por causa de sua ascendência europeia e em virtude de sua transformação em herói nacional. Como assinala Caio Prado Júnior, “uma gota de sangue branco faz do brasileiro um branco”, porque “a classificação étnica do indivíduo se faz no Brasil muito mais pela posição social”. Ou seja, se o negro estivesse bem posicionado socialmente, deixaria de ser negro.

Nessa perspectiva, se inicia um processo de popularização do futebol como esporte e também como lazer. É nesse momento que, segundo Ponte (2013), teremos talvez o primeiro uso político do esporte no Brasil. É nos arredores fabris que o futebol é utilizado como uma forma de “aliviar a tensão” no interior das indústrias das classes proletárias, tendo por base a perspectiva de minimizar a exploração do capital diante da força de trabalho. Prossegue Ponte (2013, p. 20):

[...] com o passar dos tempos, se tornou mais que “circo”, se demonstrou um eficiente mecanismo com relação à propaganda política e menos no sentido puro de alienação circense. Tornou-se um divulgador de ideologia e valores, em certa medida, contribuiu sensivelmente para a constituição de uma ideologia nacional genuinamente brasileira”.

O futebol como esporte faz parte da constituição da nação brasileira, cultural, política, social e economicamente, faz parte do surgimento dessa ideologia própria de nação, mesmo que conservadora, positivista e preconceituosa. Sendo que, para Machado (2000, p. 34), “entender o futebol é entender uma dimensão importante da nação brasileira”. Denota-se desse trecho a importância que ganha a cultura do futebol no país, se tornando pouco a pouco uma das principais atividades esportivas e de lazer.

Segundo Ponte (2013, p. 12), “em 1941 Getúlio Vargas profissionaliza o jogador de futebol por meio da CLT – Consolidação das Leis do Trabalho”. Existia aqui um projeto muito forte e central com relação ao esporte, afetando diretamente o futebol e dando alicerce ao que hoje conhecemos como mercado da bola. Essa atitude foi uma forma de apaziguar os ânimos em diversas áreas da sociedade, gerando uma espécie de pacifismo social, entendendo que o esporte – e aqui especificamente o futebol – possui uma função social muito importante para a organização social.

Durante o Estado Novo, pode-se perceber de forma mais clara um grande foco em questões entendidas como representações simbólicas de um Brasil ou de uma cultura brasileira, estando entre eles o esporte. E é nesse momento, ainda de acordo com Ponte (2013, p. 32), que “começa a forte relação entre futebol e o mundo da política” no Brasil, o que só veio a se fortalecer ao longo das próximas décadas.

Tivemos ao longo do Estado Novo diversos momentos de uso político e ideológico do futebol por parte do Estado. Ainda em 1932, houve uma recepção no Palácio do Catete diante de uma vitória da Seleção Brasileira em cima do Uruguai e, posteriormente, em 1934, existiam relações políticas controversas e debates acerca da formação do time, resultado de uma figura chamada Lourival Fontes:

O “Homem do DIP”, como ficou conhecido por ter sido responsável pela implantação do órgão, foi fundamental para a manutenção ideológica do Estado Novo. Período marcado por uma ideologia dominante que opunha-se ao liberalismo. Fontes que teve contato com a propaganda fascista italiana durante sua passagem pela Bahia, aos poucos foi assumindo uma nova condição teórica, se inclinando para uma política antiliberal de extrema direita. Após o golpe de 1937, resultante da ação continuísta de Getúlio Vargas, Lourival absorve a ideologia estadonovista, dirigindo o DIP e tornando-se intimamente ligado a ditadura Varguista, sendo um dos principais ideólogos do Estado Novo como nos diz Lucia Lippi, Santos e Santana (PONTE, 2013, p. 24).

1 Departamento de Imprensa e Propaganda. Criado em dezembro de 1939 por Getúlio Vargas por meio de decreto presidencial, atuava na censura e na perseguição de opositores.

As relações políticas com o esporte começam a se tornar entrelaçadas, criando ramificações com os fatos sociais. Diante da importância que o esporte e, mais especificamente, o futebol começa a ter no cidadão médio, passa a ser importante a relação entre esporte e política. É visto com bons olhos pelo governo haver essa relação e se utilizar disso como propaganda e disseminação ideológica para a manutenção de uma hegemonia de poder diante da elite do país. Logo após, em 1938, Getúlio Vargas se empenhou em demonstrar a relação de seu governo com o futebol, atribuindo a sua filha o cargo de madrinha da seleção e financiando o time na conquista do 3º lugar da Copa do Mundo daquele ano, o que resultou em uma boa impressão para o seu nome.

Dando um pequeno salto histórico, até mesmo pela postergação da copa que se realizaria em 1942, chega-se a 1950. Após a Segunda Guerra Mundial e com a devastação da Europa, o Brasil acaba por ser eleito como sede da Copa. Porém, o fracasso, na derrota em pleno Maracanã, faz com que o “tiro saia pela culatra”. Nesse caso específico, a propaganda utilizada pela política diante do futebol não funciona.

Mas mesmo com a derrota e com a repercussão negativa, o futebol na década seguinte ganha ainda mais repercussão social, estando presente no cotidiano do cidadão médio e nas suas relações sociais, bem como na construção do imaginário da crença de unificação por meio de uma seleção de futebol que logo se tornaria a representação do heroísmo. É o que explica Ponte (2013, p. 25):

É bom frisar que práticas iniciadas por Getúlio Vargas se mantiveram nos anos 50 com Juscelino Kubitschek. Pela primeira vez um presidente brasileiro teve a chance de explorar os efeitos de um título mundial. Era comum o então presidente convidar parentes dos jogadores brasileiros para ouvir as transmissões dos jogos. “...O presidente bebeu champagne na Taça Jules Rimet e prometeu emprego público e financiamento habitacional aos craques da seleção – promessas que não saíram do papel...” (GUTERMAN, 2009). A vitória viria a coroar os “anos dourados” do governo JK.

É cristalina a utilização do esporte pelo Estado brasileiro como forma de manifestar uma propaganda a seu favor, constituindo uma relação entre o futebol e a política como um fator de vitória, força e superação, mesmo que em momentos complicados.

Na vitória da seleção na Copa do Mundo de 1962 não foi diferente a relação do Estado com o esporte. João Goulart, ainda que com grandes problemas em seu governo e sofrendo uma ameaça iminente de golpe, recebeu em Brasília a seleção. Essa desfilou em carro de bombeiros, que percorreu uma grande extensão até o Palácio do Planalto, onde uma multidão se entrelaçava no aguardo dos jogadores.

Após o Golpe Militar de 1964, o esporte foi ainda mais utilizado pela política do regime militar, sendo aparelhado pelo Estado de forma a reproduzir para a sociedade uma suposta “coesão” social, com o intuito de se criar uma hegemonia ideológica – até mesmo por existir perseguição a quem se opunha ao regime, com torturas e execuções. A construção de uma identidade nacional é mais presente nesse momento, existindo a intenção clara por parte de um Estado brasileiro autoritário de se fazer isso em torno do futebol.

É nesse momento que temos uma mescla exponencial entre política e futebol. O Brasil, já bicampeão mundial, tinha como presidente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade criada em 1914 com o intuito de fomentar o esporte, João Havelange, que tinha íntima relação com o regime militar e atuava politicamente para assumir o comando da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

Mesmo com a seleção derrotada em 1966 e mesmo com a implantação do AI-5 (Ato institucional nº 5), ainda assim houve uma popularização do governo de forma generalizada no interior das classes sociais, inclusive a trabalhadora, diante de um suposto “milagre econômico” e da vitória brasileira na Copa de 1970. Claro que é importante frisar a relação que o presidente à época possuía com o esporte. Médici interagiu com o esporte e se utilizava dele como ninguém. O que fazia dele um presidente popular, conforme exposto por Guterman (2009, p. 161):

O atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em depoimento dado em 1999 ao historiador Ronaldo Costa Couto, atestou: Hoje a gente pode dizer que foi por conta da dívida externa, milagre econômico, brasileiro e tal, mas o dado concreto é que, naquela época, se tivesse eleições diretas, o Médici ganhava. E foi no auge da repressão política mesmo, o que a gente chama de período mais duro do regime militar. A popularidade do Médici no meio da classe trabalhadora era grande.

O envolvimento das classes sociais é tão forte que mesmo estando sob uma forte opressão e violência, a percepção é a de que mesmo em eleições supostamente democráticas a vitória seria clara diante da propaganda utilizada sobre a sociedade de uma forma ampla e irrestrita.

A análise aqui não tem por intenção apresentar especificamente o futebol como sem conteúdo ou alienante à sociedade, mas demonstrar a utilização de forma aparelhada do Estado de um esporte e de uma cultura que aliena, não por culpa do próprio esporte, mas sim por causa das atitudes do governo que se utiliza e se aproveita da trama social para usufruir do poder que esse tinha diante do cidadão médio.

É importante pensarmos os atores presentes nesse contexto. Os indivíduos de uma forma em geral presentes na sociedade brasileira, mas também aqueles mais afetados, os torcedores. Para Toledo (1993), e se apoiando em Clifford Geertz, o futebol está presente em diferentes níveis e contextos da sociedade, perpassando por questões como hierarquia social, desigualdade, interesse de classe e interesses político e econômico.

Ainda para o autor, as torcidas possuem uma relação direta com o que Marcel Mauss chama de “práticas e representações coletivas”, tendo como base as estruturas sociais às quais os torcedores pertencem. Nessa perspectiva, podemos concluir que existe uma relação de classe no interior das torcidas e do futebol de modo geral.

Não que a classe no interior da torcida de um time específico seja homogênea, porém não existe uma perspectiva predominante tanto no interior das torcidas (organizadas ou não) como no interior das diretorias que são mais políticas. Ainda para Toledo (2000), o

espetáculo do futebol como o conhecemos hoje contribui para a constituição das torcidas organizadas. Posteriormente, com a implantação do sócio-torcedor, o futebol se apresenta ainda mais voltado para o mercado em si, ou seja, o capital se torna ainda mais presente no interior do estádio, saindo do campo e partindo para a torcida.

Para o autor, existe uma intenção de domesticação do torcedor, voltando-o ao mercado consumidor. Nessa visão, trata-se de um “processo material e simbólico de uma reinstitucionalização do profissionalismo” (TOLEDO, 2000, p. 271), completando o ciclo de transformação do torcedor para “consumidor esportivo”.

O torcedor organizado em grandes conglomerados se torna um coletivo mais fácil de manipulação e organização. Não estamos aqui fazendo um paralelo com relação à violência, até mesmo por não ser esse o foco do trabalho, mas sim à questão ligada ao capital e à alienação do cidadão médio que ali está presente, direcionando a questão ao político e à articulação para apresentar algo como bom e necessário diante das tomadas de decisões da elite política presente em nosso país.

Já mais recentemente, nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2002 e 2015, o esporte foi deveras utilizado, em especial diante da realização dos megaeventos da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016.

Nesse contexto, o megaevento traduz o que o país possui, apresentando-o ao mundo e midiático-o a todo o momento. Havendo, por isso, a necessidade por parte do país de expor ou esconder determinados fatores sociais, a depender de serem positivos ou negativos. E elaborar esse plano sobre o que deve ser efetivamente apresentado, em certa medida, fica a cargo da mídia e dos poderes estatais. Desse modo, devemos pensar a relação que o Estado e a grande mídia possuem com a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e com os Jogos Olímpicos, já que esses interferem nas políticas de uma forma geral, sendo utilizados pelo governo como uma forma de palanque eleitoral, como propaganda, já que “conseguiu” que o país realizasse tais competições, que em teoria trariam grande desenvolvimento.

Para pensar como o Estado se tem utilizado desse aparato relacionado ao esporte, recorreremos a Sigoli (2008, p. 112), que diz que “o Estado utiliza o Esporte porque este é facilmente instrumentalizado politicamente pelo poder institucionalizado”.

Podemos notar que o esporte, e aqui mais especificamente o futebol, pode ser facilmente utilizado como uma forma instrumentalizada para se passar uma mensagem ou se apresentar à sociedade; nada mais do que uma forma de manipulação das massas, pensada aqui de forma globalizada.

O esporte é utilizado culturalmente para que se crie o sentimento de pertencimento. Ainda mais num país como o Brasil, que se diz o país do futebol, esse sentimento é criado a todo o momento, e em vários âmbitos. Nessa perspectiva, Drumond (2009, p. 399) destaca que “no imaginário de cada cidadão há um sentimento comum de pertencimento à sua comunidade – seja essa seu país, sua cidade ou seu clube –, que advém do compartilhamento de vários símbolos”.

Cria-se aqui a perspectiva de uma unidade nacional voltada ao futebol e que em certa medida é imposta pela nossa grande mídia, fazendo com que as massas esqueçam as mazelas permeadas em nossa sociedade e tornando os problemas de certa forma invisíveis. Inclui-se aqui a gigante desigualdade social que nos é apresentada a todo o momento, porém que não conseguimos ou não queremos ver.

A mídia e as forças políticas estatais se utilizam de megaeventos para a elaboração e a manutenção da ordem posta, fazendo com que o que seja apresentado à sociedade perpassa por aquilo que é belo.

A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos trouxeram consigo diversas obras, algumas finalizadas e outras que nos deparamos em nossos dias abandonadas ao léu, causando transtornos. Fortunas foram investidas em obras que estão abandonadas, segundo dados do Tribunal de Contas da União, chegando a R\$ 25,5 bilhões com a Copa do Mundo de 2014 e R\$ 37,6 bilhões com os Jogos Olímpicos de 2016; e mesmo algumas finalizadas perderam sentido. Dinheiro esse que poderia ter sido aplicado em uma infinidade de políticas públicas com o intuito de reduzir as disparidades sociais.

2.1 A POLÍTICA E O ESPORTE

A relação entre política e esporte é visível ao longo da história da humanidade desde a Grécia Antiga, porém a forma de utilização política do esporte que teve forte influência na contemporaneidade foi a dos romanos com a política do “pão e circo”. Tinham como intuito criar uma espécie de pacificação entre os patrícios e a plebe, desenvolvendo diversos jogos e reunindo milhares de pessoas. Grande parte disso foi absorvida pelo que hoje se instrumentaliza por meio da mídia e dos diversos esportes, porém isso fica tão claro com o futebol no Brasil. A espetacularização do futebol, em especial pela grande mídia, se tornou uma ferramenta importante para o desvio da atenção e conseqüentemente a alienação do indivíduo a assuntos que deveriam ser depreendidos maiores atenções para que assim houvesse uma melhor compreensão. Conforme podemos observar por Sigoli (2004, p. 3),

o uso do espetáculo dos Jogos Públicos como ferramenta política dos governantes romanos é análogo à instrumentalização sofrida pelo esporte na era contemporânea, quando a mídia bombardeia os espectadores com notícias esportivas, causando um desvio na atenção e consciência das pessoas para assuntos importantes da política e do cotidiano.

Os jogos romanos, assim como o futebol no caso mais específico, são utilizados como um meio de desvio de atenção para o que não se quer que seja visto de forma direta, nem compreendido em sua amplitude, já que poderia surtir um efeito negativo na posição político-ideológica daquele governante.

Com o passar das décadas e o desenvolvimento das ciências e das tecnologias, em especial na Revolução Industrial, houve uma racionalização do esporte. Esse foi inserido no cotidiano das escolas e na vida do cidadão com regulamentação de regras e práticas, transformando-se assim em atividade lúdica e educacional.

À época a educação era regida com o intuito de preparar futuros líderes, e as regras serviam para regular mesmo o lazer. Segundo Sigoli (2004, p. 6) descreve como era o tempo livre era visto: “atividades de moral duvidosa, invadiam propriedades privadas, cometiam atos de vandalismo, beberagens, arruaças e com frequência praticavam jogos populares de forma violenta e vulgar”. Ou seja, a rigidez do esporte tinha como objetivo criar disciplina para esses jovens, sendo nessa fase utilizado para reger a vida e disciplinar a educação dos jovens aristocratas da época. Ainda segundo Sigoli (2004, p. 4):

O esporte atingiu na Inglaterra todos os segmentos da sociedade e teve a igreja e as escolas estatais como agentes propagadores de grande importância. As igrejas, com o objetivo de atraírem fiéis, construíram ao lado de seus templos campos de futebol, onde eram disputadas partidas após as cerimônias nos finais de semana. As escolas estatais incluíram o esporte em seus programas seguindo determinações do governo e foram importantes agentes de massificação da prática esportiva.

As principais instituições sociais da época, que sejam a escola e a igreja, foram os principais precursores da proliferação do esporte como meio de se instrumentalizar a prática para as articulações políticas, criando um movimento de massa, em especial entre os jovens que ainda se encontravam em fase de aprendizagem. Não há como negar a eficiência e a eficácia do esporte na educação e, conseqüentemente, na disciplina atribuída aos jovens estudantes, ressaltando que o esporte e a ciência da educação física podem e devem ser emancipadora ao indivíduo. Entretanto, nosso foco é o da utilização do esporte como uma ferramenta alienante ao contexto social e político de forma geral.

É nesse momento histórico que surgem as ligas esportivas e diversos campeonatos que começam a ser organizados. Isso faz com que surja uma nova figura, a do espectador do esporte contemporâneo, já que de certa forma ele já existia, porém não com essa perspectiva de massa e pensado pelo seu lado econômico. O crescimento desse tipo de espectador faz com que o esporte comece a ser utilizado como um meio de alienação diante da reunião de massas gigantescas em um único local. O trabalhador médio passou a frequentar regularmente os eventos esportivos em estádios, que logo após o expediente recebiam os times fabris para a disputa esportiva. É nesse ínterim que surgem diversos times fundados a partir das fábricas e de seus operários. O “vestir a camisa” do time, na realidade, era a da fábrica, criando um vínculo forte entre indústria e trabalhador. Vínculo esse que era também emocional, resultante das disputas esportivas. Para Bracht (1997, p. 15),

a discussão esportiva desviava a mente dos trabalhadores de problemas empregatícios e de organizações sindicais. Os operários que se destacavam nas equipes esportivas recebiam benefícios, horários para treinar, dias de folga e bonificações.

Logo em seguida, já em meados do século XIX, na Inglaterra, com o esporte já levando uma quantidade expressiva de pessoas aos jogos, é que os grandes veículos de comunicação começam a perceber o potencial que se apresentava. Com um início tímido, apenas apresentando os resultados, logo se viu que isso não seria o suficiente para agradar seus leitores. Surgem então colunas, entrevistas e todo tipo de conteúdo jornalístico.

Claro que o Estado notou o que se passava ali e pôde observar todos os meandros da questão. Logo percebendo que poderia utilizar isso em seu favor. O cotidiano do cidadão perpassava a todo o momento o esporte, fazendo com que o Estado absorvesse para si diversas entidades esportivas. Isso provocou um sentimento nacional, patriótico, por parte dos indivíduos, nascendo nesse momento uma relação intensa entre política e esporte, inclusive de forma internacional, com os grandes eventos que vieram a surgir. Como, por exemplo, os campeonatos de seleções.

No final dos anos 1800, Pierre de Coubertin, um renomado humanista francês, percorreu diversos países, entre eles Estados Unidos e Inglaterra, a fim de captar informações a respeito das teorias pedagógicas para retorná-las à França e implementá-las. Com grande influência do sistema Inglês, que tinha por objetivo a utilização do esporte para a transformação e a formação do cidadão com base na honra e na disciplina; e também do arqueólogo alemão Ernst Curtius, que encontrou diversas ruínas da Grécia Clássica, que apresentavam a educação helenística como base para a formação geral do homem, Coubertin voltou ao seu país com a ideia de retomar os Jogos Olímpicos.

No final do século XIX, na universidade de Sorbonne, foi realizado um congresso no qual se efetivou o retorno dos Jogos Olímpicos de forma oficial, com ideais olímpicos que tinham como objetivo tornar o indivíduo nobre por meio do esporte. Ficou também instituído que a primeira competição olímpica moderna ocorreria em 1896 em Atenas, remontando às suas origens.

Em 1886, já com os Jogos Olímpicos em sua primeira edição da Era Moderna, foram lançados os Ideários Olímpicos por meio de carta, que previam:

1. Promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais que são as bases do esporte;
2. Educar a juventude através do espírito esportivo para um melhor entendimento e amizade entre os povos, ajudando a construir um mundo melhor e mais pacífico;
3. Espalhar os princípios olímpicos pelo mundo, criando a amizade internacional;
4. Unir os atletas do mundo a cada quatro anos em um grande festival esportivo, os Jogos Olímpicos.

É notável que o espírito esportivo olímpico tivesse como objetivo uma espécie de transformação do indivíduo por meio do esporte, para que ele se elevasse a um outro patamar enquanto ser humano.

Apesar de nobres objetivos, é óbvio que a ascendente economia capitalista se utilizou do esporte para fins alheios aos iniciais. Os governos e governantes perceberam que seria ideal a utilização desses princípios esportivos para seu próprio benefício, criando uma espécie de valorização internacional dos Estados e de seus regimes político-ideológicos.

Um dos períodos históricos mais expressivos que remetem à utilização do esporte para fins políticos foi o das Olimpíadas de Berlim em 1936, utilizadas pela ideologia nazista. O nazismo surge como um movimento de extrema direita que tenta dar uma resposta a Revolução Bolchevique na Rússia, em 1917, tendo como características, assim como o fascismo de origem Italiana, o nacionalismo, a xenofobia, a violência militar e policial, sendo totalmente contra o liberalismo, a democracia, o proletariado e os socialistas (características essas que podemos encontrar quase que na integralmente em nossa sociedade contemporânea nos últimos anos). Durante os Jogos de Berlim, o Estado nazista se utilizou de todos os momentos para enaltecer a sua nação e a sua ideologia, sempre impondo força e poder, com o intuito de demonstrar para todas as outras nações sua suposta superioridade enquanto potência.

O esporte foi então inaugurado como uma arma ideológica, e inclusive isso aconteceria diversas outras vezes. A propósito, ocorreu logo em seguida à Segunda Guerra Mundial, na conhecida Guerra Fria, em que os Estados Unidos e a extinta União Soviética usaram eventos esportivos, em especial os Jogos Olímpicos, para demonstrar sua superioridade frente ao adversário. Para Sigoli (2004, p. 8),

o uso político do esporte esteve submetido às relações interestatais do Sistema Internacional, as ações visavam manter o equilíbrio de poder, evitando a possibilidade constante de guerra. O esporte foi usado em ações estratégicas e em propagandas políticas dos países e seus regimes de governo. Na década de 80, o esporte foi inserido, definitivamente, no sistema econômico mundial e passou a ser um mecanismo financeiro sob influência das corporações transnacionais.

Para o autor, o esporte adentrou o espaço estatal, internacionalizando-se com um foco específico nas relações de poder. Foi utilizado também como meio de propaganda de governos e de suas ideologias. Porém, a partir da década de 1980 existe uma financeirização do esporte, passando a fazer parte definitiva do capitalismo e sendo incorporado por ele.

Aqui no Brasil, como já mencionado anteriormente, um momento histórico em que o futebol foi utilizado politicamente, sem dúvidas, foi o Regime Militar, já que o esporte era um dos maiores símbolos culturais da época. Para Gonçalves (2016, p. 45), “este foi utilizado como instrumento de capitalização de apoio político, em prol dos projetos nacionalistas do Estado”.

Não pretendemos com essa pesquisa chegar a um denominador comum e estabelecer parâmetros críticos para uma sociologia do esporte, mas sim desenvolver melhor o assunto e trazer à luz fatos ocorridos durante a história brasileira, isso pelo fato de existir em torno desse ramo da sociologia uma diversidade quase que infinita de debates

acerca da afetação do esporte sobre a sociedade. Porém, devemos levar em conta que essa diversidade constrói um debate e cria o conhecimento em torno dos temas, sendo salutar fazer essa análise para que compreendamos a necessidade de tal diversidade, não havendo uma verdade absoluta em torno do tema. Ainda assim, devemos deixar muito bem delimitado que, neste momento, estamos abordando a sociologia do esporte e mais especificamente o esporte ligado à política como uma forma abstrata de tomada e manutenção do poder por uma ideologia específica, a fim propagá-la, em especial, no interior do senso comum.

Devemos ter em mente que o futebol como esporte, da forma que o conhecemos, nasce no interior de uma sociedade elitizada, ainda em meados do século XIX. As escolas das elites de São Paulo e do Rio de Janeiro iniciam a implantação do futebol no Brasil como recreação aos alunos. Já no século posterior, surge o primeiro clube organizado, após uma forte popularização desse esporte entre a elite cafeeira.

Ao longo do tempo, o esporte se popularizou e adentrou em todas as classes, se tornando um dos mais famosos do país. Daí em diante, o futebol se desenvolveu cada vez mais, se financeirizando e se internacionalizando, em especial com grandes competições mundiais criadas, desde seleções até mesmo mundiais de clubes. Por ser um esporte de fácil apreensão e com não muitas regras, rapidamente se tornou massivo em diversos pontos do planeta.

Com o que foi argumentado até aqui, podemos concluir que o futebol é utilizado como uma forma imagética que se torna diretamente um campo das ciências sociais de uma forma em geral, sendo possível construir e transformar de forma profunda toda a sociedade.

Existe um universo ligado a esse esporte, o que cria um campo específico de estudo destas ciências, podendo ser tema da ciência política, da antropologia e da sociologia. O futebol como parte da cultura se envolve no cotidiano, na vida dos indivíduos. Sendo que, para Huizinga (2018, p. 65), “o jogo é uma função da vida, mas não é passível de definição exata em termos lógicos, biológicos ou estéticos”.

Ou seja, é passível de entendermos que ele, o jogo, se estabelece como uma função social com o intuito de criar significados a uma parcela da sociedade. Indo o autor além, “trata-se de uma evasão da vida ‘real’ para uma esfera temporária de atividade com orientação própria” (HUIZINGA, 2018, p. 65).

O esporte faz parte da cultura, lembrando aqui que essa pesquisa se destina ao entendimento de um esporte específico, que seja o futebol, tendo como recorte o time do Palmeiras e as relações políticas que envolveram diversos fatos do ano de 2018. Entretanto, o esporte também pode se tornar um fardo à medida que é utilizado como uma ferramenta que constrói no imaginário de uma grande parcela da população formas de dominação política e social. Para Araújo (2010, p. 2),

saber a representação social do futebol no imaginário coletivo pode dizer muito sobre o que uma sociedade pensa de si mesma e como ela se vê inserida em processos socioeconômicos mais amplos. O futebol sofreu inúmeras transformações ao longo da história, tanto no que diz respeito ao preparo físico, quanto ao uso de tecnologias e apropriação econômica e financeira. No entanto, sua representação simbólica e significação cultural não se abalam frente a essa nova realidade.

Apesar de fortes transformações, tanto na área física (se tornando um esporte de alto rendimento) como também na financeira (a partir de sua popularização em todo o mundo), o futebol se transformou em um mercado milionário em diversos países, como é o caso do Brasil, que “exporta” atletas para diversos clubes em todo o mundo. Muito por isso, sua influência sobre a sociedade só vem aumentando com o passar dos tempos. O futebol é um mercado de valores astronômicos, relacionados a diversos âmbitos da vida dos indivíduos, desde vestimenta, alimentação, lazer e cultura, e necessariamente política.

A modalidade como uma construção histórica permeia os indivíduos desde seu nascimento, criando identidades culturais e influenciando de forma direta a cultura do brasileiro. Uma das melhores análises acerca do futebol parte de Wisnik (2013), que afirma que tal esporte pode servir tanto ao bem quanto ao mal, sendo que se tornou uma forma universal de cultura que é essencial para a compreensão do cotidiano. Comenta o autor:

O fenômeno geral tem sido objeto de uma bibliografia crescente, que não deixa de proliferar também na forma das inúmeras “culturas” que Eagleton acusa: as situações raciais, de gênero, os interesses econômicos localizados, as implicações políticas, o hooliganismo, o futebol multirracial da França, o futebol como o único lugar em que a União Europeia se realiza, o futebol feminino, o africano, o asiático, o futebol e a violência, o sexo, a propaganda, a moda, a espetacularização generalizada etc. Nesse conjunto, a participação brasileira é ainda magra, e como parece mais com estudos sociológicos, históricos e biográficos do que com ensaios culturais interpretativos e literários, mais frequentes, por exemplo, em língua espanhola (WISNIK, 2013, p. 18).

Apesar de o Brasil ainda não possuir uma vasta literatura ligada ao esporte, depreende-se que o “fenômeno geral” está fortemente presente no cotidiano do brasileiro. O futebol é um espetáculo cultural que atrai grande parte da população, é um esporte de fácil compreensão e que está presente no cotidiano.

Em teoria, seria uma forma de relaxamento ou distanciamento daquele cotidiano tão pesado e oneroso ao ombro do trabalhador proletário. Mas que, na prática, cria um norte ou um sentido à vida de parcela significativa da sociedade, adentrando nos lares e influenciando de forma pesada a população, sem que muitas vezes isso seja percebido. Dentro dessa perspectiva, a política se apropria da abrangência que o esporte toma e infiltra suas ideias com objetivo claro de tomada de poder e/ou de sua manutenção.

É claro aqui que o futebol como esporte e como força política permeia de forma intensa toda a teia de relações sociais no país. As atenções para as partidas e para os

campeonatos alcançam quase todos os brasileiros, mesmo aqueles que dizem não entender ou não gostar muito do esporte. Pois, mesmo esses, em algum momento vão torcer, assistir a uma partida ou a um campeonato desse esporte tão arraigado no cotidiano do brasileiro.

É uma cultura arraigada em uma identidade nacional. É por influência dele, o esporte, que nascem heróis e vilões, ídolos e odiados, hábitos, costumes, gírias, gostos, posições políticas também. Para Franco Júnior (2007), é comum o brasileiro possuir uma memória futebolística perfeita e não se lembrar de informações básicas de sua própria memória histórica como nação, havendo para isso a colaboração diária e direta dos veículos de comunicação, que perpetuam essa memória futebolística a todo o momento, criando no imaginário coletivo uma percepção de realidade histórica nesses indivíduos.

As relações sociais, tendo como perspectiva o esporte, são complexas, fazendo parte de uma cultura específica brasileira, com muitas peculiaridades que não são encontradas em nenhum outro local. Ainda segundo Franco Júnior (2007, p. 45), é necessário compreender essas relações de uma forma mais próxima, porém totalizante, pensando “o futebol como fenômeno cultural total”. O autor vai além, tremenda seria a importância do futebol no papel social do brasileiro, pensando o futebol como uma experiência humana que é totalizada e que é fruto de um fenômeno simbólico de nossa modernidade: o “futebol é metáfora de cada um dos planos essenciais do viver humano nas condições históricas e existenciais das últimas décadas” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 45).

Sem exageros, o futebol é o esporte mais importante para a cultura e para o desenvolvimento da sociedade brasileira, interferindo e influenciando diversas condições de vida, em especial do cidadão médio.

Em uma análise muito hábil, Franco Júnior (2007), em sua pesquisa “A dança dos deuses”, não tem nenhuma pretensão de transformar o futebol em um romance e criar um altar para o esporte. Ao invés disso, fica muito explícito que nem jogadores e nem o próprio jogo são tidos como sagrados. Elabora uma análise muito lúcida acerca do tema, desde a sua criação, deixando claro que havia na Inglaterra um objetivo muito claro de se criar um “cristianismo atlético” nas universidades, com uma forte concepção “pedagógica que pretendia desenvolver a fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e inóspitas, plena de súditos hostis e pouco civilizados” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 53).

Um ponto essencial é a compreensão desta desmitificação do esporte exposta por Franco Júnior (2007), tema que não deixa de fora nem mesmo o jogador Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. É interessante que se faça o debate acerca do tema utilizando-se um historiador, como apoio para compreendermos melhor diversas perspectivas culturais. Pois, para o autor, “Pelé, segundo relatam amigos dele, ‘acredita ser um deus tanto dentro como fora dos gramados’”. Existe um deboche acerca dessa fala, já que de forma clara o jogador acredita ser quase que um ser messiânico, e é nesse contexto em que Pelé se torna “Rei”, aquele que historicamente era uma espécie de representante dos deuses na Terra.

O futebol, de uma forma em geral, é tão presente na sociedade brasileira e em sua cultura, que faz parte até mesmo da religião. O que seria uma heresia em outras culturas, aqui é ligado a uma espécie de divindade do esporte por meio do imaginário da população. Os estádios são tidos como templos de deuses travestidos de atletas; e as roupas vestidas por eles são os “mantos sagrados”. Ainda para Franco Júnior (2007, p. 33) “em torno a cada divindade futebolística desenvolve-se uma seita”.

Enfim, podemos encontrar diversas torcidas organizadas que se travestem em efetivas “seitas” que lutam por aquilo que acreditam e muitas vezes dão a vida por ela. O futebol possui uma estrutura de símbolos, os quais permitem a constituição de diversos deuses em meio aos homens, porém quase sempre com a mitologia de que um deles é visto como soberano, algo que é buscado em diversos momentos da história até os dias atuais.

Apesar de podermos afirmar a influência que o futebol possui na cultura brasileira sob uma perspectiva positiva de construção de identidades, se faz necessário pensar outras possibilidades. Como, por exemplo, uma forma de alienação e de construção de uma perspectiva comercial, que acaba por deixar de lado sua essência e passa a constituir lutas políticas e econômicas diante da transformação dos jogadores em bens e o esporte em negócio, sendo ambos os processos articulados por cartolas mundo afora. Algo, aliás, que está em consonância com análise de Franco Júnior (2007, p. 46), quando ele fala que “a mentalidade liberal e mercantil transformou o futebol em negócio mundial”. Prática que faz com as relações comerciais do capital sejam capazes de escalar uma seleção ou um time, e defina, ainda que por vezes cercadas de brigas, horários de transmissões do esporte nas televisões.

Franco Júnior (2007) é também um torcedor. Porém, ele elabora sua análise como um historiador, membro de uma academia científica, elaborando as devidas análises com comparações de momentos históricos específicos. Por exemplo, ao observar o caso da derrota do Brasil para a Argentina na Copa do Mundo de 1990, quando relaciona uma defesa brasileira advinda totalmente de times europeus a um governo Fernando Collor que realiza a abertura do mercado interno para os produtos externos de forma desorganizada.

Claro que é demasiado complicado realizar tal comparação ou chegar a elaborar uma ligação direta sobre a desorganização da Seleção e as políticas externas do Governo brasileiro, porém, depois de tudo o que foi apresentado, há como ao menos pensar nessa possibilidade de interferência político-ideológica nas organizações e instituições, até mesmo por podermos notar a interferência política que existiu e ainda existe na antiga CBD e atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF), havendo ligações político-ideológicas diretas entre entidades esportivas e chefias de Estado.

Outro autor que possui forte influência no entendimento do futebol como fator alienador sobre a sociedade é Wisnik (2013). Retornamos à sua obra, “Veneno Remédio: o futebol e o Brasil”, para lembrar que ele discorre em quatro partes acerca da relação

do futebol com a sociedade brasileira. Começa pela própria história do futebol, passa por diversos aspectos externos do esporte, aborda o desenvolvimento de um estilo brasileiro de jogar futebol e, finalmente, naquela que talvez é a parte mais importante e acadêmica de seu livro, perpassa o tema por vários autores, inclusive da literatura. Em certo momento, por exemplo, chega a elaborar comparativos entre Machado de Assis e Pelé:

Comparo Machado de Assis a Pelé, assim, não porque sejam semelhantes como personalidades ou estilos, mas porque têm aquela similitude dos opostos complementares: além de todas as diferenças óbvias implicadas nos campos da literatura e do futebol, o foco de um ilumina o cerne da nossa incapacidade de escapar ao retorno vicioso do mesmo, e o do outro a nossa capacidade de invenção lúdica e a extraordinária potência da nossa promessa de felicidade. O que os une é a afirmação, na negatividade e na positividade, da consciência fulminante e da intuição em ato, assim como a capacidade de fazer o país saltar aos nossos olhos como melhores do que ele mesmo (WISNIK, 2013, p. 406).

É notória sua percepção de que ambos, literatura e esporte, estão representando perspectivas, fazendo com que o país se demonstre em suas concepções. Nesse caso, o esporte esconde algo que não deseja que seja visto, transformando algo triste em felicidade, porém de modo disfarçado, por isso o nome dado ao livro. Ao mesmo tempo em que se torna um veneno, diante dessa dubiedade também se torna o remédio. Para o autor, o futebol é uma espécie de paradoxo ligado a nossa colonização e constituição enquanto Estado intimo à escravidão. É uma forma de penetrar e superar o que ele chama de “fraturas traumáticas”, mas como forma de fuga da realidade:

No caso específico do futebol: uma reserva coletiva inesgotável de futebol criativo nas mãos de dirigentes que a dilapidam em benefício próprio; uma cultura notável pelo seu alcance inventivo, que germina na incultura; um gigantesco deslocamento das energias produtivas para a esfera lúdica, que só retorna sobre as outras áreas da vida como produção de ilusão fugaz, deixando os problemas intocados (WISNIK, 2013, p. 418).

Nesse contexto, é interessante ressaltarmos a necessidade do futebol como presente em um contexto social e cultural, do qual faz parte e influencia de forma direta. O jogo, ou aqui o futebol, antes de mais nada, segundo Huizinga (2018, p. 7), é “uma forma específica de atividade, como ‘forma significativa’, como função social”, que de uma forma ou de outra afeta a vida de todos, em especial a sociedade contemporânea e o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação. Ainda para o autor, e importante ressaltar que:

É no mito e no culto que têm origem as grandes forças instintivas da vida civilizada: o direito e a ordem, o comércio e o lucro, a indústria e a arte, a poesia, a sabedoria e a ciência. Todas elas têm suas raízes no solo primevo do jogo (HUIZINGA, 2018, p. 7).

É importante notarmos a influência presente entre a questão cultural do jogar e sua intrínseca relação com toda a sociedade, conforme demonstrado tanto por Huizinga (2018) como por Wisnik (2013).

Wisnik (2013), aliás, demonstra a todo momento as relações ambivalentes e dialéticas entre futebol e sociedade. Baseando-se em Flusser, elee apresenta uma interrelação entre a perspectiva de classe e sua alienação por parte do futebol.

Nesse amplo conjunto temporal, em que a realidade pode ser entendida como “o processo histórico objetivo” envolvendo a dominação, o futebol faria parte, segundo Flusser, de uma “alienação enquadrada”, ou, se quisermos, de uma espécie de alienação ao quadrado, algo mais próximo do “não-espírito de um mundo sem espírito” (de que já falamos). Cá, no entanto, onde a alienação é mais profunda (“o brasileiro alienou-se de sua realidade e de si próprio porque não conseguiu firmar-se e abrigar-se em nada, porque não é tomado de movimento histórico”), o futebol ganha um estatuto “ontologicamente diferente do futebol europeu”. Nessa forma de alienação não enquadrada, mas “exilada”, o futebol acaba por constituir-se segundo Flusser numa fuga paradoxal, num exílio do exílio que se transforma em realidade absorvente e transbordante para toda a vida social. Na visão de Flusser, não se trataria, assim, de uma simples operação de fuga à realidade, que faz esquecer-la, mas da construção de uma realidade própria, na falta dela: “se o proletário se realiza existencialmente no futebol, de forma que tal realização extravase as fronteiras do futebol e invada todos os campos e dê sentido à sua vida, como negar-lhe realidade? E como falar em alienação no caso?”. Em outros termos, não se trataria de um avesso alienado do trabalho alienado, mas de um avesso do avesso que, em vez de retornar ao ponto de partida, instaura uma dimensão lúdica autônoma e irradiante, que é realidade: “a alienação que propela o proletário rumo ao futebol dá um salto qualitativo e resulta em verdadeiro engajamento” (WISNIK, 2013, p. 176).

É nessa visão que o futebol como instrumento é propulsor de uma visão alienante de mundo, direcionado a uma classe muito específica, que seja o proletário. Vale ressaltar aqui que, nessa perspectiva, não existe uma alteração da realidade existente, mas sim a criação de toda uma nova, ou uma realidade toda própria. Apesar dessa perspectiva crítica acerca do futebol, não podemos, e não devemos, afirmar que essa perspectiva paradoxal é totalizante, mas que cria sim uma realidade alternativa diante do lúdico, levando o indivíduo a se tornar uma massa de manobra direcionada. E, no caso brasileiro em especial, a partir do poder da elite política do país.

De uma forma em geral, o futebol se tornou uma arma a ser utilizada ao longo da história por diversos regimes políticos, que passaram primeiro pelo Palácio do Catete e depois pelo Palácio do Planalto. E isso sem contar com suas casas legislativas.

Suas perspectivas populares fazem com que a utilização por parte de governantes seja vista como uma forma de aproximação ao povo. Não podemos, contudo, reduzir a uma simplificação, já que as relações são bidirecionais, já que em diversos momentos as atitudes e os direcionamentos políticos partem de dentro dos próprios times e instituições ligadas ao esporte, conforme demonstrado anteriormente com relação à CBF e à antiga CDB. Sendo, portanto, as relações muito mais complexas e estruturadas, conforme tratamos no capítulo anterior desta dissertação.

Podemos perceber que existe uma íntima relação entre o esporte (aqui mais especificamente o futebol) e a política, sendo utilizado em diversos momentos como propaganda e como ferramenta aparelhada do Estado.

E, no caso de nossos estudos, articulando ao senso comum posições político-ideológicas para a formação de uma espécie de consenso em prol de uma concepção de Estado ultraconservador.

AS CONSTRUÇÕES POLÍTICAS NO INTERIOR DO PALMEIRAS E DE SUA TORCIDA

3.1 A HISTÓRIA DO PALESTRA ITÁLIA E A CONSOLIDAÇÃO DA SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS

É notório que na história de constituição da nação brasileira, em especial após a metade do século XIX, houve um grande fluxo de entrada de imigrantes, muito pelo incentivo do próprio governo brasileiro no exterior após o “fim” da escravidão, havendo a necessidade de se abarcar uma nova mão de obra para o desenvolvimento econômico e social. Para Colbari (1997), é nítido que a política de imigração proposta pelo governo brasileiro, desde o início do Império, remete a componentes com o intuito de se estabelecer um projeto de gestão populacional, porém muito específica, com fortes tendências ao embranquecimento e a uma espécie de “elevação civilizatória” daqueles que viviam e dos que viriam a viver aqui.

Nesse momento histórico específico, que seja o final do século XIX e início do XX, se tinham dois objetivos, sendo o primeiro o de povoar regiões nas quais havia um índice muito baixo de habitantes, e o segundo o de se criar um mercado de trabalho, alterando assim a mão de obra escrava. Em torno desses objetivos, encontramos talvez o mais importante deles, o de agregar mão de obra à produção cafeeira da época, deveras importante para a economia, em especial da região Sudeste.

No interior desses dois objetivos específicos, ainda segundo Colbari (1997), podemos perceber uma questão muito importante em torno da política de imigração proposta, que seja a reestruturação física e moral da sociedade brasileira de uma forma em geral. Ou seja, existia aqui uma perspectiva racial muito importante para a constituição dessa imigração, observando-se que na visão da política de imigração existia um tipo ideal de imigrante, sendo este branco, camponês e em sua maioria resignados.

Anteriormente a um período fascista italiano, ainda no século 19, as relações estabelecidas entre o Reino da Itália e o Brasil se davam de forma cordial, mantendo um vínculo de amizade e reciprocidade. Houve certa alteração nesta relação após os anos de 1880, quando houve uma grande imigração italiana em direção ao Sul e ao Sudeste brasileiro, havendo um grande interesse da Itália no Brasil, com uma visão de proteção aos nacionais que aqui se estabeleciam, bem como uma intenção de estabelecimento de comércio e de relações econômicas com eles. Apesar de tudo isso, ainda existia um clima agradável entre as nações, mesmo que houvesse casos pontuais de conflitos entre italianos e brasileiros nas ruas de São Paulo no final do século XIX.

Para Cervo (1992), é notório que a política externa da Itália no período fascista tinha grande interesse na emigração para ser essa uma forma de ampliar sua política econômica

e especialmente a questão cultural de seu país para o mundo, e se viu no Brasil uma janela para que isso se efetivasse. Claro que isso acontecia sem excluir a intenção de que outro país absorvesse o excedente demográfico da época.

Temos aqui, então, uma história de difusão cultural¹ muito específica, com o intuito claro de disseminar a proposta do governo de Mussolini entre 1922 e 1924. Não estamos sugerindo que todos os italianos que se estabeleceram eram necessariamente fascistas, mas que existia sim uma política de disseminação intencional de perspectiva ideológica do governo italiano nessa época.

A história de criação do então Palestra Itália se inicia no interior de um jornal, que na época era veiculado em língua italiana, chamado Fanfulla. O jornal têm o seu início em 2 de julho de 1893, já no auge da imigração italiana ao Brasil, e foi criado como uma forma de aglutinação da comunidade que aqui se encontrava, em especial na cidade de São Paulo.

Ao longo dos anos, houve diversas mudanças na linha editorial do periódico, porém, ainda no início dos anos 1900, esse passa a possuir uma perspectiva muito próxima dos operários italianos na capital paulista, mesmo sendo indiferente à ideologia anarquista que predominava entre esses trabalhadores da época. Dando, no entanto, grande cobertura aos movimentos operários e a diversas greves que ocorreram no Estado, em especial após 1917.

No dia 14 de agosto de 1914, foi publicada uma carta no referido jornal, seguida de uma convocação para o dia 19, a todos aqueles que se interessassem em participar de um time de futebol. Com a presença de 46 pessoas, no dia 26 de agosto de 1914 foi então fundado o Palestra Itália. E, segundo Araújo (1996), o novo clube angariava em especial o futebol de várzea difundido de forma ampla nos bairros operários.

Ainda segundo o autor, na época do ano em questão, o “futebol oficial” ainda era demasiadamente difundido e dominado por imigrantes alemães, ingleses e pelas classes superiores da sociedade brasileira, indo a fundação do Palestra Itália na contramão da época. Advinha, pois, da várzea e era intimamente ligado à classe operária italiana.

Os italianos que se reuniram para a fundação do clube tinham como objetivo principal o de construir um time organizado que representasse de forma clara a comunidade italiana ali constituída, bem como reunir jogadores italianos que se encontravam em outros times do futebol de várzea de São Paulo.

Segundo Araújo (1996), Luigi Cervo, Vincenzo Ragnonetti, Luigi Emanuele Marzo e Ezequiel Simone foram os formuladores da ideia de construção de um time de futebol que congregasse uma representatividade da comunidade italiana instalada em São Paulo. E a ideia foi influenciada pela visita de dois clubes italianos pela cidade: o Pro Vercelli e o Torino, em 1913 e 1914 respectivamente, ambos saindo vitoriosos de disputas aqui ocorridas.

¹ Vale ressaltar que entendemos por difusão cultural uma forma de moldar um todo cultural, gerando assim uma unidade capaz de englobar uma determinada etnia ou grupo social e, conseqüentemente, uma identidade cultural capaz de abarcar diversos indivíduos.

Podemos notar aqui uma preocupação em organizar, na formação do clube, uma estrutura de base étnica ligada à comunidade italiana, ainda mais quando pensamos em um esporte como o futebol que se constrói de forma clara nas identidades coletivas. Além do mais, isso foi possível porque, segundo Mazzoni (1950), à época pôde-se notar uma crescente popularização do futebol no país, em especial nos grandes centros urbanos.

Havia no novo clube uma pretensão ambiciosa: a de enfrentar em pé de igualdade os grandes times da época na região da capital paulista, que sejam o Club Athletico Paulistano, a Associação Athletica São Bento, o Clube Athletico Ypiranga, a Associação Athletica Mackenzie, o Wanderers Foot-Ball Club e a Associação Atlética Palmeiras – sendo esses os únicos que, na ocasião, disputavam o campeonato oficial da cidade de São Paulo².

Como a pretensão do Palestra Itália era a busca pela participação no campeonato de maior visibilidade e prestígio da época, logo em seguida da sua constituição, em 6 de janeiro de 1915, foi elaborado o pedido de filiação junto à APSA e de inscrição no campeonato do mesmo ano desta associação. O pedido foi aceito pela entidade, porém impondo-se ressalvas.

Como se tratava de um clube novo, esse não pôde participar de forma efetiva do campeonato daquele ano, tornando-se associado apenas no papel, mas não com presença efetiva em campo. Assim, o Palestra Itália somente veio a se tornar um membro efetivo em 1916, quando da disputa oficial do campeonato, substituindo o Wanderers Foot-Ball Club, por, em tese, não apresentar condições financeiras de participar da competição. Entretanto, vale lembrar que o Palestra Itália ainda se mantinha, de certa forma, descolocado dos outros clubes por não integrar a elite paulistana.

Na época em que ocorreu o ingresso do Palestra Itália, por sinal, houve várias manifestações de jornais questionando se o time de origem italiana era mesmo o mais adequado para ocupar o espaço deixado pela exclusão do Wanderers.

Ainda segundo Araújo (1996, p. 20), a “recusa à filiação e participação imediata do clube no campeonato levanta uma hipótese: o Palestra Itália não seria um participante natural de uma associação que organizava um esporte praticado pelos filhos da elite”. E, tendo em vista sua origem operária, composta por imigrantes e seus descendentes, não se via um enquadramento necessário para sua participação.

Em seu primeiro ano de funcionamento após a sua constituição, ou seja, em 1915, o Palestra Itália, após ser impedido de participar de competições, se concentrou principalmente em atividades beneficentes, muitas delas com a participação da própria APSA. Realizou também alguns jogos amistosos.

2 Já existiam outros clubes em São Paulo, que disputavam campeonatos paralelos. Mas os citados eram considerados os mais importantes e que faziam parte da Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA), que no futuro viria a se transformar na Federação Paulista de Futebol.

Já em 1916, se efetivando agora de forma mais clara no âmbito do futebol brasileiro, e atuando em seu primeiro campeonato, teve ainda uma aparição demasiadamente modesta, chegando ao final na sexta posição, e isso em um campeonato com apenas sete integrantes. Entretanto, é nesse contexto que o time, diferente de todos os outros participantes, começa a sua história oficial nos esportes profissionais, surgindo como uma força diferente daquelas estabelecidas.

Outro ponto importante a se destacar é que, em 1916, um outro clube de origem popular, o Sport Club Corinthians Paulista, acabou sendo impedido de participar do campeonato, conforme exposto por Negreiros (1992).

Segundo Araújo (1996), são dois os fatores para que a APSA aceitasse o Palestra Itália e não o Corinthians em 1916, mesmo ambos possuindo origens nas camadas mais populares da sociedade. A primeira questão exposta pelo autor seria a de que o Corinthians era considerado um dos melhores times da época, não estando as bases da elite futebolística da cidade preparadas para vencê-lo. Ou seja, a participação do Palestra Itália forneceria a aparência de inclusão de um time além da hegemonia das elites, porém sem o perigo desse time ameaçar a tal hegemonia no tocante às vitórias.

O segundo ponto listado pelo autor é sobre como se dá o surgimento do Palestra Itália, que na visão desse grupo da APSA teria se originado de um extrato médio dos italianos radicados na cidade de São Paulo; diferentemente do Corinthians, advindo totalmente do futebol de várzea.

Apesar disso, vale ressaltar que existe um pensamento recorrente no interior do futebol paulista de que o Palestra Itália seria uma dissidência do Corinthians, tendo em vista que diversos jogadores, quando da criação do time ítalo-brasileiro, foram atuar neste. Entretanto, devemos ter em mente a questão da criação do Palestra Itália como uma forma de congregação étnica voltada à comunidade italiana, algo que é completamente diferente da formação do Corinthians.

Até aquele momento, o Palestra Itália se apresentava como um mero participante do campeonato que ocorria no estado de São Paulo, não oferecendo nenhum risco de vitória sobre as grandes equipes hegemônicas do momento. Mas isso tende a se modificar a partir de 1917. É nesse ano que há a fusão das ligas existentes naquele momento, a APSA e a Liga Paulista de Football (LPF), que passam a utilizar apenas e tão somente o nome da primeira. Como consequência disso, o Corinthians e o Internacional, que eram da LPF, passam a jogar também na competição principal.

Vale ressaltar que a LPF foi a primeira entidade a se formar na busca pela congregação das equipes de elite do futebol de São Paulo, ainda no ano de 1901, tendo à época como filiados o São Paulo Athletico Club, a Associação Athletico Mackenzie College, o Sport Club Internacional, o Sport Club Germânia e o Clube Athletico Paulistano. Diante da possibilidade de entrada de clubes ligados a classe trabalhadora, contudo, houve um racha no interior dessa liga, encabeçada pelo Paulistano, por entender que deveria haver uma maior seleção dos seus integrantes. Criando-se assim, em 1913, a APSA.

Logo no início do novo campeonato, agora com um número maior de equipes, o Palestra Itália se demonstrou muito mais preparado do que no último ano. O time não se sagrou campeão por uma série de empates que obteve, porém houve um número considerável de vitórias, inclusive não perdendo para o Clube Athletico Paulistano, que saiu campeão.

Neste mesmo ano, o Palestra Itália organizou e participou de diversos jogos beneficentes, muitos deles a favor dos italianos e ítalo-brasileiros que residiam no estado de São Paulo, havendo fortes ligações ainda com a sua pátria e mantendo ainda o time composto quase que completamente por italianos.

Já em 1920, o Palestra Itália, consolidado no Campeonato Paulista, se sagrou campeão pela primeira vez. Mesmo assim, apesar de seus vice-campeonatos nos anos de 1917 e 1919 e do título no campeonato de 1920, podendo ser considerado um grande time da época, despontando de forma rápida no rol de clubes vencedores, ainda assim não era considerado um grande da elite paulistana pela comunidade em geral.

Conforme exposto por Sevcenko (1992), a grande elite paulistana ainda não estava preparada para a invasão dos estádios e dos espaços ligados ao futebol pela classe operária e menos abastada. E justo por causa dessa elitização do esporte, que ainda permanecia na época em questão, o Palestra Itália ainda era visto como um clube menor. Isso, claro, apenas sob a ótica das expectativas sociais, visto que já arrastava para esses espaços um número volumoso de torcedores, em geral pessoas ligadas à imigração italiana e ao operariado italiano e ítalo-brasileiro.

Realizando um salto histórico para um melhor entendimento da constituição do Palestra Itália e sua modificação de nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, passamos para o ano de 1933, quando o Palestra Itália se consolida de forma mais efetiva como uma grande equipe do cenário esportivo brasileiro e como uma das melhores equipes de São Paulo, ainda que existisse um grande preconceito acerca do time pela permanência de sua perspectiva étnica ítalo-brasileira.

Novamente, o Palestra Itália se consagrou campeão no ano de 1933, e aqui denotamos um ponto importante, que seja a efetiva profissionalização do futebol no conjunto brasileiro, marcando de forma clara uma maior democratização do esporte em âmbito nacional. Com isso, temos aqui uma maior possibilidade de participação das classes operárias, o que antes era quase impossível, mesmo havendo um processo em curso nesse sentido desde a década de 1910, que em muito foi encabeçado pelo Palestra Itália.

De fato, podemos colocar o Palestra Itália como um dos principais protagonistas desse período na luta por inclusão e por uma maior democratização do esporte. Óbvio que existem diversas especificidades na história do clube, mas naquele momento ele esteve muito mais próximo das grandes massas, algo que não ocorria nos outros clubes, ditos “oficiais”. Ao mesmo tempo, ele também era único em São Paulo no que tange suas características étnicas, conforme exposto por Alvim (1986).

Outro salto e nos deparamos com 1942, ano marcante para o Palestra Itália. O Brasil vivia um momento extremamente complicado com o Estado Novo e com um contexto de autoritarismo estatal, havendo diversas interferências sobre a sociedade. Foi nesse período também que, apesar de se manter por um tempo ligado a tendências nazifascistas, o Estado acabou por se decidir em apoiar os Aliados na Segunda Guerra Mundial, o que desconforto com diversas comunidades imigrantes que começaram a ser reprimidas pela grande massa da sociedade. E, aí, estavam principalmente os alemães, os japoneses e os italianos.

O Estado, então, determinou que diversas entidades alterassem seus nomes, criando um confronto em São Paulo com a comunidade italiana. Em 20 de setembro de 1942, o Palestra Itália, por imposição governamental, passou a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras, conforme apresentado por Araújo (1996).

Aquele era um ano em que o Palestra Itália se encontrava com grandes chances de se consagrar campeão. Mas, em função do ingresso do Brasil no conflito da Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, o Estado, por meio do Conselho Nacional de Desportos (CND), publicou portaria proibindo qualquer manifestação no interior dos desportos ligados a “nacionalidades” e dando poder às forças públicas estaduais para que a ordem fosse mantida.

Igualmente vale ressaltar que desde o mês de março o Palestra Itália vinha sofrendo grande pressão externa, alterando seu nome inicialmente para Palestra de São Paulo, o que não evitou que permanecesse no ar um tom de conflito, tendo em vista que a denominação “Palestra” remetia diretamente à Itália, ao menos no contexto paulista.

Após meses de tensão, e seguindo a frente no campeonato, a final da competição seria entre o Palestra e o São Paulo Futebol Clube. Dois dias antes do jogo final, contudo, foi que o Palestra passou finalmente a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras³, sagrando-se campeão paulista desse ano. Também houve a supressão da cor vermelha do uniforme, que remetia à bandeira da Itália, sendo essa decisão determinada pela APSA por ordem do CND.

Um ponto que se torna importante nesse momento é a evolução simbólica que perpassa a equipe aqui abordada. Antes como Palestra Itália e posteriormente como Sociedade Esportiva Palmeiras, conforme podemos observar na figura a seguir.

³ Vale ressaltar que não foi apenas o time do Palmeiras que mudou de nome durante esse período. Como exemplo, registre-se que o atual Cruzeiro Futebol Clube tinha até 1942 o nome de Società Sportiva Palestra Italia.

Figura 1 - Evolução dos escudos



Fonte: Goal⁴.

Nota-se que havia uma proximidade muito grande com a simbologia e as cores italianas até 1917, permanecendo ainda a letra “i” que fazia referência ao nome do país de origem dos imigrantes, o que foi suprimido em 1942 com a guerra e com a pressão do Estado Novo.

3.2 A INFLUÊNCIA DE UM FASCISMO DIFUSO NA CONSTITUIÇÃO DO PALESTRA ITÁLIA

Não há como afirmar com certeza se houve influência do fascismo de Benito Mussolini na história do Palestra Itália à época da Segunda Guerra Mundial. Mas, para alguns autores, existiu nesse período uma certa influência advinda do Velho Continente que afetou a todos, ou ao menos uma grande quantidade dos imigrantes que se estabeleceram em São Paulo. Comenta Araújo (2003, p. 233):

⁴ De Palestra Itália ao Palmeiras: a história por trás da “revolução”. Goal, São Paulo, 14 set. 2018. Disponível em: <<https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/de-palestra-italia-ao-palmeiras-a-historia-por-tras-da/7ox36kvp6y031lk3ml-cpr04gm>>. Acesso em: 29 out. 2020.

[...] para compreendermos as razões para a construção do fascismo difuso em São Paulo, devemos, necessariamente, refletir sobre as peculiaridades dadas pelas circunstâncias históricas do grupo migrante na sua relação com a sociedade paulistana. Outro ponto de análise fundamental deve envolver o significado do fascismo difuso para o próprio grupo migrante e não somente a verificação da realização das pretensões do governo italiano de Benito Mussolini de uma aceitação total do regime fascista pelo grupo e da possibilidade deste tornar-se assim uma 'porta de entrada' para o expansionismo italiano.

Vale ressaltar que não há possibilidade de afirmar que a organização do Palestra Itália, bem como os seus jogadores, foram fascistas no sentido claro da palavra. Mas, como imigrantes italianos que eram, e isso ficou muito claro no desenvolvimento do trabalho, havia uma certa perspectiva fascista em torno daquela comunidade como um todo. O autor continua, mais adiante, com o intuito de compreender de forma mais clara e objetiva o que foi esse "fascismo difuso" atribuído à época:

Importante se faz demarcar que o fascismo difuso é entendido nesta tese como fruto da utilização instrumental do regime de Benito Mussolini pelo grupo migrante fixado no Brasil e em São Paulo, mais especificamente. Pois no âmbito de uma sociedade como a paulistana das décadas de 20 e 30 do século XX, sentimentos étnicos de pertença eram fundamentais para migrantes e seus descendentes, e o grupo originário da península itálica perceberia a propaganda fascista e as ações da diplomacia italiana em território brasileiro como uma ótima e primeira oportunidade de serem reconhecidos de maneira positiva como um 'grupo homogêneo'. Portanto, o fascismo seria utilizado segundo os interesses do grupo migrante dentro da sociedade paulistana e brasileira, e não do modo como as autoridades italianas haviam arquitetado em seus gabinetes governamentais e diplomáticos (ARAÚJO, 2003, p. 234).

É importante frisar que, conforme expõe o autor, não há uma adesão direta ao fascismo tal qual posto na Itália por Mussolini, mas sim um sentimento de pertença à origem italiana e ao território italiano, ainda que não se conheça por completo o Estado ao qual estão entrelaçados. Temos aqui, no interior da questão, não um grupo de fascistas que andavam na rua e faziam apologia ao regime, mas sim um grupo de imigrantes italianos se reconhecendo enquanto sua própria etnia, firmando bases no Estado que ficou do outro lado do oceano. Que, assim, permanecia ligado de forma intrínseca nas vidas dos imigrantes, mesmo que esses não conhecessem de forma global a ideologia fascista.

Por esse motivo, o entendimento deste trabalho, bem como do autor citado, é o de tratar a questão sob a perspectiva de um "fascismo difuso" existente no momento histórico em questão, o que para Hobsbawn (1984) torna uma "invenção" em um processo de consolidação das ligações étnicas, tanto no território de origem, quanto fora dele, que é o caso dos imigrantes italianos estabelecidos em São Paulo no início dos anos 1900.

Existiam, na época, diversos eventos organizados pelo governo italiano com o intuito de disseminar a cultura e as questões técnicas e científicas do país em prol do que Mussolini entendia como uma questão superior do regime fascista. Inclusive,

podemos encontrar convites emitidos na época para que a diplomacia do Brasil enviasse representantes do governo para que participassem de forma oficial desses eventos. Ou seja, havia o interesse do governo de Mussolini para que essa tal cultura italiana fascista fosse disseminada em nosso país com o objetivo específico de atingir a cultura brasileira e em especial os imigrantes que aqui residiam. Isso pode ser muito bem observado na perspectiva de Bertonha (1997, p. 110), quando ele se refere a certo relatório de Umberto Sala, comissário do governo italiano enviado ao Brasil:

Os interesses italianos para o Brasil nos anos 20 podem ser melhor compreendidos, porém, através da leitura de um surpreendente relatório escrito em 1925 por um emissário do governo italiano que, após passar três anos no Brasil, enviou um relato incrivelmente lúcido, tanto sobre a situação dos italianos no Brasil como sobre as pretensões de Roma no país na década de 20. Umberto Sala inicia seu relatório¹⁴ comentando como a Itália continuava sua crise demográfica e que, fechada a porta americana, a única saída disponível era a América do Sul e, em especial, o Brasil. Sala ressaltava imediatamente, porém, que isso era apenas um potencial e que vários fatores (exploração capitalista em níveis fora do concebível mesmo de italianos para italianos, ação estatal de proteção aos trabalhadores inexistente, etc) inibiam um retorno da migração italiana de massa para o Brasil. Ainda assim, o autor acreditava no enorme potencial do Brasil e em especial do Estado de São Paulo e augurava como fundamental o não abandono do país pela política italiana. Nesse sentido, Umberto Sala lamentava o relativamente baixo nível de envolvimento dos italianos na política paulista e discutia como seria proveitoso fazer os italianos e seus filhos conservarem a italianidade, mas agirem na política local em defesa dos interesses da comunidade e da Pátria mãe. Nesse momento, o autor ressaltava que, se fosse possível realmente fazer os italianos influírem na vida política do Estado, estes conseguiriam, por simples peso demográfico, criar um grande centro de influência italiana na América Latina.

Devemos mais uma vez deixar muito claro que não havia uma organização fascista por detrás dos imigrantes italianos que estavam alocados no estado de São Paulo, porém, conforme exposto pelo autor acima, existia sim um fascismo difuso que se embrenhava em torno de toda a comunidade de uma forma em geral, sendo em alguns mais aprofundada e em outros mais superficial, porém englobando quase que a totalidade dos italianos e seus descendentes, tendo em vista o reconhecimento deles como etnia proveniente da península itálica.

Tendo em vista essa situação em torno da comunidade italiana, podemos afirmar que, de alguma forma, essa perspectiva do fascismo difuso, conforme apresentado por Araújo (1996), afetou de alguma forma toda a constituição e formação do Palestra Itália da época.

É bem verdade que não há a possibilidade de, hoje, realizar um levantamento mais detalhado desses dados, de forma que essa é uma afirmação conceitual diante da situação histórica do momento. Mas mesmo assim podemos, ainda que em certa medida, elaborar um pensamento e um raciocínio de que, no interior da parte administrativa e da diretoria

que fundou o Palestra Itália, que elaborou a convocação para a fundação do clube por meio do jornal Fanfulla, deve ter existido em um maior grau a presença desse espectro de fascismo difuso, tendo em vista que esse grupo diretivo era quase que em sua totalidade constituído por funcionários administrativos dos Matarazzo, e não por operários (esses mais restritos ao time em si). Ou seja, a parte superior do clube, por assim dizer, era composta por uma classe média embrionária no interior dos imigrantes italianos presentes na cidade de São Paulo.

Destarte explicitar, então, que a constituição e a formação da equipe e da organização do Palestra Itália, e daquilo que posteriormente se tornaria a Sociedade Esportiva Palmeiras, perpassa por um discurso fascista que, em certa medida, foi difundida taambém no período da Segunda Guerra Mundial.

Não estamos aqui afirmando que o time e sua organização, desde sua gênese até os dias atuais, foram e ainda são fascistas, mas que logo no início, e mais especificamente durante os anos de 1940, houve a influência de uma cultura fascista que ainda pode estar presente em seu interior, em especial na diretoria atual da Sociedade Esportiva Palmeiras, tendo em vista seu conservadorismo prevalecer, ainda nos dias atuais, em torno de uma ideia de etnicidade. Para entendermos melhor essa relação do clube com a etnia italiana ou ítalo-brasileira, vejamos a descrição do atual presidente que consta no site oficial do clube na internet:

Maurício Galiotte

Período: Desde 2016

Período: Desde 15 de dezembro de 2016

Bisneto de italianos por parte de pai e mãe, Maurício Precivalle Galiotte nasceu em São Paulo-SP, no dia 11/02/1969, é formado em Administração de Empresas pela PUC-SP e pós-graduado em Marketing pela FAAP-SP. Sócio do Palmeiras desde 1978, iniciou sua trajetória no clube como atleta – entre 1979 e 1987, integrou as categorias de base do futebol e do futsal – e foi eleito para o Conselho Deliberativo pela primeira vez em 2004. Ocupou a diretoria de Esportes Amadores entre 2007 e 2008, a diretoria social entre 2009 e 2010 e a primeira vice-presidência entre 2013 e 2016⁵.

Notemos a importância que é dada pelo presidente, por aquele que comandava o clube no recorte temporal desta pesquisa, de ser descendente de italianos, afirmando de forma direta ser neto de italianos tanto pelo lado do pai quanto pelo lado da mãe. Enfim, podemos entender nessa afirmação quase que o orgulho por uma “pureza” étnica italiana, o que corrobora com nossa conclusão anterior sobre o contexto que se deu a constituição da equipe e, mais especificamente, de seu setor administrativo.

Também podemos perceber que o atual presidente do clube claramente faz parte de uma classe específica da sociedade, estando no interior de uma classe média/alta.

5 PALMEIRAS. Presidentes – História. Palmeiras, São Paulo. Disponível em: <<https://www.palmeiras.com.br/pt-br/presidentes-historia/>>. Acesso em: 29 out. 2020.

E isso pode ser atestado tanto pela sua formação acadêmica, quanto pelas instituições que frequentou ao longo da vida. Mauricio Precivalle Galiotte é um grande empresário brasileiro, tendo atuação em vários setores. Assim, podemos afirmar que pertence a uma elite brasileira e que atua em empresas donas dos meios de produção e/ou serviços, conforme consultas aos CNPJs dessas empresas no sistema da Receita Federal:

Figura 2 - Consulta Quadro Sócio e Administrador Receita Federal de Maurício Preivalle Galiotte

Consulta Quadro de Sócios e Administradores - QSA

CNPJ:	62.440.235/0001-51
NOME EMPRESARIAL:	JAS INDUSTRIA E COMERCIO S.A.
CAPITAL SOCIAL:	R\$15.387.980,00 (Quinze milhões, trezentos e oitenta e sete mil e novecentos e oitenta reais)

O Quadro de Sócios e Administradores(QSA) constante da base de dados do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) é o seguinte:

Nome/Nome Empresarial:	ALEXANDRE GRECO
Qualificação:	16-Presidente

Nome/Nome Empresarial:	MARCELO PRECIVALLE GALIOTTE
Qualificação:	10-Diretor

Para informações relativas à participação no QSA, acessar o e-CAC com certificado digital ou comparecer a uma unidade da RFB.

Emitido no dia 09/02/2020 às 17:01 (data e hora de Brasília).

Consulta Quadro de Sócios e Administradores - QSA

CNPJ:	13.410.813/0001-00
NOME EMPRESARIAL:	REAL SOCIEDAD PARTICIPACOES LTDA.
CAPITAL SOCIAL:	R\$1.000,00 (Hum mil reais)

O Quadro de Sócios e Administradores(QSA) constante da base de dados do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) é o seguinte:

Nome/Nome Empresarial:	ALEXANDRE GRECO
Qualificação:	49-Sócio-Administrador

Nome/Nome Empresarial:	MAURICIO PRECIVALLE GALIOTTE
Qualificação:	22-Sócio

Nome/Nome Empresarial:	MARCELO PRECIVALLE GALIOTTE
Qualificação:	22-Sócio

Para informações relativas à participação no QSA, acessar o e-CAC com certificado digital ou comparecer a uma unidade da RFB.

Emitido no dia 09/02/2020 às 17:05 (data e hora de Brasília).

Consulta Quadro de Sócios e Administradores - QSA

CNPJ:	14.099.118/0001-23
NOME EMPRESARIAL:	T.M.D. ASSESSORIA EMPRESARIAL LTDA.
CAPITAL SOCIAL:	R\$10.000,00 (Dez mil reais)

O Quadro de Sócios e Administradores(QSA) constante da base de dados do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) é o seguinte:

Nome/Nome Empresarial:	MAURICIO PRECIVALLE GALIOTTE
Qualificação:	49-Sócio-Administrador

Nome/Nome Empresarial:	MARIA JOSE PAULILLO GALIOTTE
Qualificação:	49-Sócio-Administrador

Para informações relativas à participação no QSA, acessar o e-CAC com certificado digital ou comparecer a uma unidade da RFB.

Emitido no dia 09/02/2020 às 17:07 (data e hora de Brasília).

Consulta Quadro de Sócios e Administradores - QSA

CNPJ:	61.750.345/0001-57
NOME EMPRESARIAL:	SOCIEDADE ESPORTIVA PALMEIRAS
CAPITAL SOCIAL:	

O Quadro de Sócios e Administradores(QSA) constante da base de dados do Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) é o seguinte:

Nome/Nome Empresarial:	MAURICIO PRECIVALLE GALIOTTE
Qualificação:	16-Presidente

Para informações relativas à participação no QSA, acessar o e-CAC com certificado digital ou comparecer a uma unidade da RFB.

Emitido no dia 09/02/2020 às 17:08 (data e hora de Brasília).

Fonte: Receita Federal.

Podemos afirmar então que o atual presidente do Palmeiras, Maurício Precivalle Galiotte, faz parte de uma classe social muito específica, que seja a burguesia, ou elite, ou aqueles que detêm os meios de produção e/ou serviços e usufruem do trabalho alheio.

Nessa linha de raciocínio, tendo por base o fascismo difuso que permeou a constituição dos grupos italiano e ítalo-brasileiro no estado de São Paulo e mais especificamente na cidade de São Paulo, e também observando essa necessidade de afirmação enquanto neto de italianos por parte do atual presidente do clube (quase como uma comunidade apartada da sociedade brasileira), podemos definir que ainda existem resquícios dessa concepção de fascismo difuso no interior da administração da Sociedade Esportiva Palmeiras, algo que remete a uma linha histórica que se inicia no século passado.

Assim, vale ressaltar que não estamos afirmando que o clube em si é fascista, ou que todos os seus membros, internos ou externos, se entendem enquanto tal, mas que

houve sim uma forma difusa de fascismo ainda nos anos de 1930 e 1940 e que isso ainda pode persistir de alguma forma, mesmo que de forma insípida no interior do clube e de forma mais arraigada na atual diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Queremos deixar claro mais uma vez que não existia de forma efetiva um movimento fascista no interior do clube, até mesmo por haver, em especial no interior da classe operária italiana, certa adesão ao anarquismo ligado à esquerda ideológica, e só isso já justifica a preocupação em não haver uma generalização na argumentação, mas sim seguir se apoiando nesta ideia de fascismo difuso, que de certa forma afeta a todos em diversas perspectivas.

3.3 A DUALIDADE EM CAMPO: UMA PERSPECTIVA DE EMBATE DE IDEIAS

A Sociedade Esportiva Palmeiras é um clube fundado por imigrantes italianos em 1914, ainda com o nome de Palestra Itália. Mas, com a tomada de posição do Brasil junto aos Aliados na Segunda Guerra Mundial, houve grande pressão para que se alterasse o nome do clube e se retirasse a cor vermelha de seu uniforme, já que a Itália se encontrava junto ao Eixo no conflito bélico mundial.

Quase 80 anos depois, o clube, que atualmente é um dos maiores do Brasil, protagonizou uma das cenas mais debatidas do esporte em 2018. Convidou o presidente eleito Jair Bolsonaro⁶ a ir ao estádio para a partida final do Campeonato Brasileiro daquele ano e, após o jogo, erguer a taça de campeão conquistada pelo clube, fazendo isso em conjunto com o elenco no centro do gramado, gesto que acabou sendo mais debatido do que o próprio título palmeirense.

Como bom articulador de massas, Jair Bolsonaro se utilizou do esporte naquele momento – como já acontecera e como ainda viria a acontecer em outros diversos – para fazer propaganda de seus ideais e de seus projetos pessoais. E, num ato de reafirmação da violência como plataforma política, fez, ao lado de alguns atletas, o gesto popularmente conhecido de “arminha com as mãos”⁷, conforme foto abaixo:

6 À época, Jair Bolsonaro já tinha vencido a disputa eleitoral, mas só seria empossado presidente da República em 1º de janeiro de 2019.

7 Mantem-se apenas os dedos polegar e indicador esticados para simular o uso de um revólver ou pistola. Ou mesmo simular um armamento maior, como uma escopeta ou metralhadora, caso o gesto seja feito com as duas mãos.

Figura 3 - Bolsonaro e jogadores do palmeiras fazem referência ao apoio ao uso de armas pela população brasileira



Crédito: Felipe Melo/Reprodução Instagram oficial

Fonte: Torcedores.com⁸.

Ao tempo em que diversos jogadores também reproduzem o gesto e se deixam fotografar ao lado de Bolsonaro, tem-se demonstrado que o então presidente eleito se utilizou de forma clara do esporte como meio de propagação de sua imagem e de sua ideologia para a sociedade, e mesmo para aqueles que não são torcedores efetivos, já que as imagens são disseminadas em torno de mídias sociais e da imprensa – inclusive entre aqueles veículos que não são especializados em esportes.

Em uma busca rápida por diferentes sites na internet acerca da ligação de Jair Bolsonaro com o esporte (mais enfaticamente o futebol), é notável a ascensão e a visibilidade que Bolsonaro adquiriu naquele dia, sendo mais fácil encontrar imagens dele – e não do capitão palmeirense, Bruno Henrique – erguendo a taça de campeão, conforme podemos observar na imagem seguinte.

8 ARAÚJO, Rogério. Presença de Bolsonaro na entrega da Taça ao Palmeiras divide opiniões na web; veja comentários. Torcedores.com, 2 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.torcedores.com/noticias/2018/12/presenca-de-bolsonaro-na-entrega-da-taca-ao-palmeiras-divide-opinioes-na-web-vejas-comentarios>>. Acesso em: 30 out. 2020.

Figura 4 - Bolsonaro ergue a taça de campeão brasileiro



Bolsonaro comemorou com os jogadores a conquista do Palmeiras no Allianz Parque
Eduardo Carmim / Photo Premium/Lancepress

Fonte: UOL⁹.

Apesar desse movimento que tomou de ares fascistas o interior da diretoria do Palmeiras, e boa parte do elenco, uma parte da torcida se articulou com a criação de uma dissidência, que se opunha a esse movimento crescente, fundando assim a Palmeiras Antifascista, que ainda hoje está ativa e militante. A capa de seu perfil no Facebook, por exemplo, faz oposição à Ditadura Militar ocorrida no Brasil, com a frase “Nunca Mais: Memória, Verdade e Justiça”, fazendo também uma referência clara ao apoio dispendido pelo presidente da República a torturadores do período e ao próprio regime militar de uma forma geral. Lembrando, inclusive, que o presidente se nega a admitir que se tratou de uma ditadura, mas sim um regime político democrático como outro qualquer.

Mencionamos a diretoria palmeirense sob a perspectiva de ares fascistas, principalmente diante de sua proximidade com Jair Bolsonaro, e podemos exemplificar essa relação a partir da imagem a seguir, em que o presidente eleito aparece vestido com a camisa do clube, ao lado de um aliado e de diretores do Palmeiras.

⁹ VECCHIOLI, Demétrio. “Neste ano, o Palmeiras será bicampeão mundial”, afirma Jair Bolsonaro. UOL, São Paulo, 19 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/06/19/neste-ano-o-palmeiras-sera-bicampeao-mundial-afirma-jair-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 30 out. 2020.

Figura 5 - Na sede do Palmeiras, o recém-eleito senador Major Olímpio, o presidente eleito do Brasil Jair Bolsonaro e dois dirigentes palmeirenses



Fonte: Vice¹⁰.

Ademais, em maio de 2017, o jogador palmeirense Felipe Melo publicara em uma rede social um vídeo no qual declarava voto em Jair Bolsonaro, àquela época já em campanha para a Presidência da República. O atleta aproveitava a ocasião para dedicar o 1º de maio, Dia do Trabalhador, aos “verdadeiros trabalhadores”, pedindo “pau nos vagabundos” e também “Bolsonaro neles”. Já no dia 16 de setembro de 2018, dedicou o gol que fez em cima do Bahia, num empate por 1 a 1, ao “futuro presidente”. Ressaltemos que o Palmeiras, enquanto instituição, emitiu uma nota oficial simplória, de apenas dois parágrafos, pontuando que a opinião do atleta não era necessariamente ao do clube. Ainda assim, fica demonstrado que a intenção do Palmeiras era mais a de colocar “panos quentes” no episódio do que uma preocupação genuína em evitar uma ligação de sua imagem com a do então candidato. Até porque, a posição palmeirense só foi publicada após algumas manifestações críticas que tinham o clube como alvo. Eis a nota:

A Sociedade Esportiva Palmeiras vem a público esclarecer que o posicionamento político do atleta Felipe Melo reflete, única e exclusivamente, uma manifestação particular, e não da instituição.

O Palmeiras respeita qualquer posição política de seus atletas, empregados e colaboradores e ratifica a sua neutralidade nas questões políticas, partidárias, de crenças, religiões e quaisquer outras formas de manifestações pessoais¹¹.

10 CESAROTTI, Fernando. O Palmeiras é o clube perfeito para o Brasil de Bolsonaro. Vice, 3 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/439499/o-palmeiras-e-o-campeao-perfeito-para-o-brasil-de-bolsonaro>>. Acesso em: 30 out. 2020.

11 PALMEIRAS. Nota oficial. Palmeiras, São Paulo, 17 set. 2018. Disponível em: <<https://www.palmeiras.com.br/news/2018/09/17/nota-oficial.shtml>>. Acesso em: 15 fev. 2020.

Podemos perceber, conforme apresentado acima, que a presença do presidente eleito Jair Bolsonaro no campo durante a vitória do título brasileiro de 2018, bem como a sua presença na entrega da taça e das medalhas, foi efetivamente aceita pelo time e pela diretoria do Palmeiras, que gostou de ter sua imagem ligada ao do futuro presidente. Ou seja, usando e sendo usado pelo presidente eleito. Até porque, a nota mencionada não faz grandes argumentações em desfavor da posição de Felipe Melo nem de qualquer outro jogador ou membro da comissão técnica. Podemos afirmar que o Palmeiras e sua diretoria se utilizaram da imagem de Jair Bolsonaro como uma forma de se tornar mais popular enquanto espécie de “time oficial” do Brasil.

Devemos lembrar que diversas foram as posições de Jair Bolsonaro para atacar minorias ou setores mais progressistas da sociedade brasileira, demonstrando em certa medida uma articulação fascista e autoritária, inclusive em desfavor dos imigrantes (figura 6). Esquece, porém, que o próprio Palmeiras surge da comunidade imigrante, tendo em toda a sua constituição fortes ligações com a comunidade italiana.

Figura 6 – Jair Bolsonaro faz fala polêmica contra refugiados

BRASIL

Setembro de 2015: Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo”

Declaração foi dada em entrevista ao Jornal Opção, de Goiás. Deputado disse, ainda, que Dilma poderia sair do cargo “infartada, com câncer”

Por Rita Azevedo

© 15 jul 2019, 19h26 - Publicado em 22 set 2015, 14h54

Fonte: Revista Exame¹².

É perceptível na fala de Bolsonaro, ainda na época em que era deputado federal, uma grande hostilidade, inclusive se analisarmos a submanchete da reportagem, quando ele se refere a então presidente Dilma Rousseff e sugere torcer para que ela saia do cargo “infartada, com câncer”.

A seguir, demonstraremos mais algumas posições do então candidato e hoje presidente da República em relação ao autoritarismo, com muitas posições flertando diretamente com um pensamento fascista, em que ele defende momentos controversos da história brasileira. Como, por exemplo, a Ditadura Militar do nosso país, conforme apresentado por reportagem da Folha de S. Paulo em dezembro de 2019:

12 AZEVEDO, Rita. Setembro de 2015: Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo”. Exame, 22 set. 2015. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/>>. Acesso em: 30 out. 2020.

Atos e falas são pontes entre governo de Bolsonaro e a ditadura; entenda

Do AI-5 a ameaças à imprensa, relembre episódios que aproximam a atual gestão do regime militar



Guilherme Magalhães

Flávia Faria

Fonte: Folha de S. Paulo¹³.

Podemos notar na reportagem acima que foram diversas as situações em que Bolsonaro se aproximou de uma perspectiva ditatorial autoritária, bem como seus filhos e alguns aliados, como aconteceu na menção ao Ato Institucional N° 5 (AI-5)¹⁴.

Esses discursos não se resumem ao presidente, mas também a sua família e aos seus aliados. Eduardo Bolsonaro afirmou em entrevista à jornalista Leda Nagle que, se houvesse uma radicalização da esquerda, a medida a ser adotada seria “via um novo AI-5”. Já Paulo Guedes, ministro do Governo Bolsonaro e considerado o “guru econômico”¹⁵ do bolsonarismo, afirmou durante a campanha presidencial que se houvesse fortes manifestações no país as pessoas não poderiam se assustar caso alguém pedisse um novo AI-5.

Outro ponto ressaltado pela reportagem foi a menção ao uso da Lei de Segurança Nacional, advinda do Regime Militar e não alterada pela Constituição de 1988, podendo prender um indivíduo por “atentar contra o Estado”, conforme fala a seguir:

13 MAGALHÃES, Guilherme; FARIA, Flávia. Atos e falas são pontes entre governo de Bolsonaro e a ditadura; entenda. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1° dez. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/12/atos-e-falas-sao-pontes-entre-governo-de-bolsonaro-e-a-ditadura-entenda.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2020.

14 Publicado em 13 de dezembro de 1968, trata-se do mais duro ato da Ditadura Militar contra a liberdade e os direitos civis no Brasil.

15 Bolsonaro afirmava não entender de economia, havendo sempre a necessidade de consultar Paulo Guedes.

Temos uma Lei de Segurança Nacional que está aí para ser usada. Alguns acham que os pronunciamentos, as falas desse elemento [Lula], que por ora está solto, infringem a lei. Agora, nós acionaremos a Justiça quando tivermos mais do que certeza de que ele está nesse discurso para atingir os seus objetivos¹⁶.

Aqui, o problema está focado em um “rival ideológico”, Luiz Inácio Lula da Silva, que tinha acabado de deixar a prisão e que, na perspectiva de Bolsonaro, poderia se tornar um problema diante de convocações de protestos em seu desfavor. Em resumo, Bolsonaro estava ameaçando usar a estrutura estatal para prender um adversário político.

Bolsonaro também ataca de forma repetitiva os meios de comunicação, conforme se pode perceber em diferentes momentos. Por exemplo, ele já deu a entender que sufocaria economicamente a Folha de S. Paulo:

Determinei que todo o governo federal rescinda e cancele a assinatura da Folha de S.Paulo. A ordem que eu dei [é que] nenhum órgão do meu governo vai receber o jornal Folha de S.Paulo aqui em Brasília. [...] Não vamos mais gastar dinheiro com esse tipo de jornal. E quem anuncia na Folha de S. Paulo presta atenção, está certo?¹⁷

Ademais, ele já ironizou o Valor Econômico pouco depois de ser criticado pelo jornal, e após publicar uma medida provisória que acabava com a obrigatoriedade de empresas publicarem em jornais os seus balanços (sugerindo que aquela seria uma fonte de renda importante para tal veículo): “Eu espero que o Valor Econômico sobreviva à medida provisória de ontem”¹⁸.

Noutra oportunidade, um dia depois de ser criticado em reportagem da TV Globo, Bolsonaro ameaçou não renovar a concessão pública que autoriza o funcionamento da empresa, que se vence em 2022:

Vocês [TV Globo] vão renovar a concessão em 2022. Não vou persegui-los, mas o processo vai estar limpo. Se o processo não estiver limpo, legal, não tem renovação da concessão de vocês, e de TV nenhuma. Vocês apostaram em me derrubar no primeiro ano e não conseguiram¹⁹.

Podemos perceber duros e recorrentes ataques direcionados aos meios de comunicação, que, na perspectiva de Bolsonaro, são contra o país. Na realidade, existe uma crença por parte dele de que são todos contra sua figura pessoal, o que o faz utilizar o poder estatal para pressionar tais veículos a apoiá-lo publicamente. Em suma, isso

16 FOLHA DE S. PAULO. ‘Lei de Segurança Nacional está aí para ser usada’, diz Bolsonaro sobre Lula. Folha de S. Paulo, São Paulo, 11 nov. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/11/lei-de-seguranca-nacional-esta-ai-para-ser-usada-diz-bolsonaro-sobre-lula.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2020.

17 FOLHA DE S. PAULO. Bolsonaro cancela assinaturas da Folha no governo federal e ameaça anunciantes do jornal. Folha de S. Paulo, São Paulo, 31 out. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/bolsonaro-determina-cancelamento-de-assinaturas-da-folha-no-governo-federal.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2020.

18 MARQUES, José; SÁ, Nelson de. Bolsonaro assina MP que acaba com publicação de balanço de empresa em jornais. Folha de S. Paulo, São Paulo, 6 ago. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/08/bolsonaro-assina-mp-que-acaba-com-publicacao-de-balanco-de-empresa-em-jornais.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2020.

19 COLETTA, Ricardo Della. Bolsonaro volta a colocar em dúvida renovação da concessão da TV Globo. Folha de S. Paulo, Brasília, 30 abr. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/bolsonaro-volta-a-colocar-em-duvida-renovacao-da-concessao-da-tv-globo.shtml>>. Acesso em: 30 out. 2020.

demonstra uma tentativa, ao menos em seus discursos, de controle autoritário dos meios de comunicação.

Os discursos proferidos pela família e pelos aliados do presidente seguem este mesmo sentido antidemocrático. Carlos Bolsonaro, por exemplo, que é um dos filhos do presidente, chegou a registrar em certa ocasião, via Twitter, que a solução para o país não passava pelas vias democráticas:

Por vias democráticas a transformação que o Brasil quer não acontecerá na velocidade que almejamos... e se isso acontecer. Só vejo todo dia a roda girando em torno do próprio eixo e os que sempre nos dominaram continuam nos dominando de jeitos diferentes!²⁰

Como se pode perceber, o filho do presidente não vê possibilidades de se construir o país que eles esperam – algo que se pode definir como conservador e cristão, baseado no que eles chamam de “bons costumes” e de “família tradicional” – por meio da democracia convencional.

De fato, tais medidas estão intimamente ligadas a discursos e atitudes extremamente conservadoras e autoritárias, tendo em vista que recorrentemente eles distorcem e desprezam a democracia brasileira que é prevista e protegida pela Constituição Federal de 1988.

A propósito, diante de algumas críticas de diferentes setores contra os posicionamentos de Bolsonaro e de jogadores como Felipe Melo, alguns torcedores palmeirenses se organizaram nas redes sociais e criaram no Twitter o perfil Palmeiras Conservador (@PalmeirasConse1), conforme apresentado a seguir:

Figura 8 - Página inicial do perfil Palmeiras Conservador



Fonte: Twitter

20 BOLSONARO, Carlos. “Por vias democráticas a transformação que o Brasil quer não acontecerá na velocidade que almejamos... e se isso acontecer. Só vejo todo dia a roda girando em torno do próprio eixo e os que sempre nos dominaram continuam nos dominando de jeitos diferentes!”. 9 set. 2019. Twitter: @CarlosBolsonaro. Disponível em: <<https://twitter.com/CarlosBolsonaro/status/1171201933891244033>>. Acesso em: 30 out. 2020.

Diante desta articulação, podemos notar várias manifestações em favor de Bolsonaro em suas publicações, conforme apresentaremos a seguir para um maior embasamento:

Figura 9 - Bolsonaro no vestiário do Palmeiras



Fonte: Twitter/PalmeirasConse1

Figura 10 - Publicação ataca o “comunismo”



Fonte: Twitter/PalmeirasConse1

Figura 11 - Bolsonaro faz sinal de arma em jogo do Palmeiras



Fonte: Twitter/PalmeirasConse1

Os seguidores do perfil mencionado são, em sua grande maioria, torcedores do Palmeiras que em seus perfis na rede social se apresentam como conservadores, de direita, cristãos, anticomunistas, etc, conforme representado na lista abaixo:

Figura 12 - Alguns seguidores do perfil Palmeiras Conservador





Milton Sylvio ❤️🇺🇸

@miltinhosylvio

Follow

Palmeirense, Desenvolvedor Front-end e de Direita! Apaixonado por internet e futebol!



Felipe Melo ✓

@_felipemelo_

Follow

brazilian soccer player. Instagram felipemelo---- snap felipemelove



Marcelo Santa Vicca

@mvicca

Follow

Se você não for palmeirense é melhor não me seguir. @Palmeiras | @49ers



Palmeiras ANTI-COMUNA

@sep_anticomuna

Follow

Em luta contra o comunismo e todos os seus parasitas, representando a maioria dos palmeirenses. NOSSA BANDEIRA JAMAIS SERÁ VERMELHA!



Paulo Nobre OFICIAL ✓

@PauloNobre2011

Follow

Twitter oficial do Paulo Nobre, que foi candidato à presidência do Palmeiras 2011, tendo presidido o clube de 21/01/13 a 15/12/16. AVANTI PALMEIRAS!!!

Fonte: Twitter/PalmeirasConse1

Outro apontamento interessante a ser realizado é a presença de Paulo Nobre, ex-presidente do Palmeiras e ainda ativo no interior da diretoria, entre os seguidores do perfil conservador, o que evidencia o seu vínculo ao conservadorismo que emana do grupo. De certa forma, afinal, ele está alinhado com as posições gerais defendidas pelo perfil.

Por outro lado, o grupo Palmeiras Antifascista é a antítese. E, em paralelo, permanece publicando diversos posts com o intuito de alardear e denunciar atitudes de violência que são diuturnamente apoiados por Jair Bolsonaro, como ataques às minorias ou à diversidade, numa postura muito mais condizente ao que se esperaria de um clube com origens entre imigrantes, já que esses são também alvo dos pré-conceitos. Afinal, vale lembrar, o próprio presidente já havia se referido a imigrantes como “escória do mundo”.

Por diversas vezes Bolsonaro atacou imigrantes com seus discursos xenófobos. Em especial, haitianos, sírios, bolivianos e venezuelanos. Esses últimos, aliás, quase que numa guerra declarada, já que enfrentam uma crise humanitária no país de origem e muitos tentam se refugiar no Brasil.

Vários são os exemplos. Em entrevista concedida a Fox News americana durante visita aos Estados Unidos, em 19 de março de 2019, Bolsonaro disse, em tom de defesa às

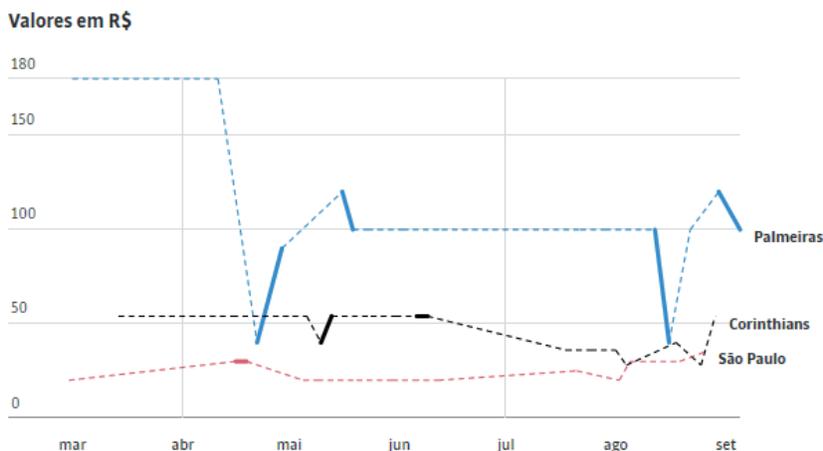
políticas anti-imigração de Donald Trump (presidente dos Estados Unidos), que “a grande maioria dos imigrantes em potencial não tem boas intenções nem quer o melhor ou fazer bem ao povo americano”²¹.

Em outra fala, no dia 12 de dezembro de 2018, ele postou um vídeo no Twitter em que, ao falar de temas diversos, voltou a atacar os imigrantes alegando. A frase repercutiu na imprensa do mundo todo:

Não podemos admitir que chegue aqui gente de uma determinada cultura e venha querer casar com nossas filhas e netas de 10, 11 e 12 anos de idade. [...] Não podemos admitir certo tipo de gente que venha para o Brasil desrespeitando nossa cultura e nossa religião. [...] Há algum tempo os países da Europa querem se ver livre de imigrantes. Olha como está a França. Olha como está a Baviera, na Alemanha. Você quer isso para o Brasil? Acredito que não²².

Com a intenção de uma aproximação política com Bolsonaro, inclusive, a diretoria do Palmeiras mais uma vez afasta de si as minorias, já que há tempos possui uma política de elitização do clube, encarecendo os ingressos e dificultando o acesso ao time das classes menos abastadas. Um dos pontos cruciais que levam o Palmeiras a essa elitização são os (altíssimos) valores dos ingressos, que restringem o acesso dos torcedores aos jogos oficiais, numa forma de segregação de classe conforme visto na tabela a seguir, comparando-se os preços palmeirenses com os do São Paulo Futebol Clube e do Corinthians.

Figura 13 - Valores dos ingressos de Palmeiras, Corinthians e São Paulo



Fonte: Folha de S. Paulo²³.

21 OPERA MUNDI. Em entrevista à Fox News, Bolsonaro defende muro de Trump e diz que maioria dos imigrantes ‘não tem boas intenções’. Opera Mundi, São Paulo, 19 mar. 2019. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/55348/em-entrevista-a-fox-news-bolsonaro-defende-muro-de-trump-e-diz-que-maioria-dos-imigrantes-nao-tem-boas-intencoes>>. Acesso em: 31 out. 2020.

22 DW. Bolsonaro diz que “pode sair fora” do Acordo de Paris. DW, 13 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-diz-que-pode-sair-fora-do-acordo-de-paris/a-46711640>>. Acesso em: 31 out. 2020.

23 AQUINO, Alexandre de; TRINDADE, Luciano. Ingresso de palmeirense chega a custar nove vezes o de são-paulino.

Com tais atitudes, o Palmeiras, e mais especificamente a sua diretoria, se distancia de sua origem de resistência, desrespeitando de forma profunda a sua história. Entretanto, parte da torcida, de forma lúcida, tenta resgatar a busca pela democracia e a lembrança de sua história – não só da constituição do clube, mas também do Brasil como um todo, que já enfrentou uma ditadura sangrenta que matou aqueles que pensavam de forma diferente. A história se encontra de sobreaviso, com a possibilidade de retorno da violência, algo que, aliás, já vem acontecendo, porém ainda nas sombras, de forma velada e com ares de legalidade.

Conforme apresentado anteriormente, o então Palestra Itália nasceu de um movimento de resistência, com o intuito de adentrar a um futebol profissional que era dominado pela elite paulistana, sendo esse clube constituído em sua quase totalidade por operários pobres.

O futebol à época não tinha espaço para esses operários, porém, esse espaço foi conquistado após muita luta. Logo, é perceptível uma contradição na posição política da diretoria atual. Que tenta se esgueirar por uma suposta neutralidade, com notas de dois parágrafos, mas que em suas atitudes se mostra essencialmente elitista, com ingressos caros e com sua permissividade diante da figura de Bolsonaro.

Podemos concluir que a utilização do esporte como ferramenta política não é recente, porém, com o desenvolvimento dos meios de comunicação e com as transformações tecnológicas que revolucionaram as formas de se viver, e, conseqüentemente, a sociedade de uma forma em geral, essa utilização também se desdobrou em muitas outras possibilidades, inclusive de forma bem mais veloz.

Em diversas nações houve uma guinada para a ultradireita, e não tem sido diferente no Brasil. O atual presidente brasileiro não fica atrás de outros chefes de Estado mundo afora quando falamos de atitudes autoritárias e violentas. Na tentativa de governar para si e para os seus pares, se utiliza de meios escusos, das mídias sociais, e sem dúvida nenhuma do esporte. Isso está intimamente envolvido em suas concepções de busca por uma ideologia fascista. O que, por conveniência, faz com que a diretoria do Palmeiras apoie essas convicções.

Outra conclusão é a da dissidência de parte da torcida na luta em desfavor das atitudes tomadas pela diretoria do clube, e das próprias posturas de Bolsonaro de um modo geral em sua vida pública. Existe um esforço em combater a violência autoritária²⁴ disseminada por ele, com o intuito de retomar a democracia. Entretanto, devemos ressaltar que esse embate é árduo e coletivo, e perpassa toda a sociedade.

O rompimento do senso comum não é uma tarefa simples, já que a ideologia fascista, da qual Bolsonaro se apega, é líquida entre ele e de fácil absorção, possuindo

Folha de S. Paulo, 24 ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2018/08/ingresso-de-palmeirense-chega-a-custar-nove-vezes-o-de-sao-paulino.shtml>>. Acesso em: 31 out. 2020.

²⁴ Quando falamos em violência autoritária estamos nos referindo às formas de repressão físicas, morais e sociais que têm como base a busca pela hegemonia de pensamento no interior da sociedade.

uma alta velocidade no interior das mídias sociais e da grande imprensa que o apoia. Porém, importante frisar, rompê-la não é impossível. Deve ser uma luta constante, da qual o grupo palmeirense antifascista se presta a realizar de forma contundente e constante.

Não há como prever como a história irá se desenrolar. Mas, defendem os antifascistas, dá para manter as cabeças erguidas e a luta ativa com o objetivo de conquistar o retorno da democracia aos patamares sociais que já haviam se estabelecido e que, nesse momento, retroagem.

Isso se torna importante principalmente quando resgatamos frases antigas de Bolsonaro, feitas, por exemplo, ainda no ano de 1999, que nos levam a acreditar que ele está de fato vinculado a uma ideia de queda do regime democrático. “Sou a favor sim de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que esse Congresso Nacional dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo”²⁵. Bolsonaro continua: “Ele merecia isso: pau-de-arara. Funciona. Eu sou favorável à tortura. Tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também”²⁶.

A violência, o pré-conceito, a homofobia, a xenofobia, o autoritarismo, não deveriam estar presentes em um país democrático, ainda mais em uma democracia tão recente como a do Brasil. Porém, Bolsonaro e suas ideias venceram momentaneamente, e isso deve ser trazido à luz por diversas entidades, assim como deve existir no esporte, sendo de extrema representatividade grupos como o “Palmeiras Antifascista”.

A seguir, iremos analisar de forma mais detida as diversas manifestações no interior do recorte temporal proposto entre 2017 e 2019, buscando como embasamento desta pesquisa as publicações nos jornais e nas mídias sociais disponíveis na internet de uma forma em geral.

Outrossim, vale ressaltar que não pretendemos elaborar uma análise global das publicações relacionadas à imprensa e/ou às redes e mídias sociais, mas sim apenas algumas delas, elaborando um recorte tendo em vista que seria demasiadamente extenso procurar apresentar todas as publicações, já que elas são deveras variadas. Vale também lembrar que alguns veículos de comunicação, como Folha de S. Paulo, Época, El País, Veja, Clarín, retiraram a disponibilização de comentários por parte dos leitores, muito diante da violência apresentada em alguns casos.

Em um primeiro momento, podemos observar notícias de junho de 2017 e fevereiro de 2018, ambas mencionando a importância da relação entre esporte e política. Ou seja, temos aqui uma observação sobre a relevância que o esporte possui na realidade social brasileira, conforme exposto abaixo.

25 BRAGON, Ranier. Nos anos 90, Bolsonaro defendeu novo golpe militar e guerra. Folha de S. Paulo, Brasília, 3 jun. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/06/nos-anos-90-bolsonaro-defendeu-novo-golpe-militar-e-guerra.shtml>>. Disponível em: 31 out. 2020.

26 CARTA CAPITAL. Bolsonaro em 25 frases polêmicas. Carta Capital, 29 out. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas/>>. Acesso em: 1º nov. 2020.



| Artigo

Política e esporte sempre andarão juntos; o importante é saber usar isso

Qualquer que seja a modalidade ou o torneio, eles sempre envolvem atletas ou equipes que representam comunidades

Por Ubiratan Leal [28/06/2017] [00:01]

Fonte: Gazeta do Povo²⁷.

Figura 15 – Reportagem da Vice: tudo na vida é política

Tudo na vida é política, inclusive o esporte

Não se deixe enganar por vozes robóticas: lutas raciais, de gênero e de classe sempre foram e sempre serão parte importante de qualquer competição esportiva.

Por **Fernando Cesarotti**

26 Fevereiro 2018, 2:39pm



Fonte: Vice²⁸.

27 LEAL, Ubiratan. Política e esporte sempre andarão juntos; o importante é saber usar isso. Gazeta do Povo, 28 jun. 2017. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/politica-e-esporte-sempre-andarao-juntos-o-importante-e-saber-usar-isso-9q5nifsxlldjoa51jwq61sura/>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

28 CESAROTTI, Fernando. Tudo na vida é política, inclusive o esporte. Vice, 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/gy8mqz/tudo-na-vida-e-politica-inclusive-o-esporte>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Figura 16 – Revista Veja enumera momentos em que política e esporte estiveram juntos



Fonte: Veja²⁹.

A primeira reportagem faz uma referência à humanidade em geral, citando exemplo do ano de 532, em que dois grupos rivais se uniram contra o imperador Justiniano I com o intuito de retirá-lo do comando bizantino em Constantinopla, atual Istambul. Vale ressaltar que o primeiro artigo faz menção ao esporte de uma forma em geral, não se limitando a apenas e tão somente um deles. Ao decorrer da reportagem, são citadas inúmeras situações das quais o esporte entra em cena ao lado da política, tendo como foco as formas de resistências impostas ao contexto social pelo esporte.

O segundo artigo apresentado inicia sua exposição citando uma situação muito específica, as olimpíadas de 1968, na Cidade do México, quando os três membros do pódio dos 200 metros rasos se manifestaram politicamente. Os medalhistas de ouro e de bronze, Tommie Smith e John Carlos, ambos americanos, usavam luvas pretas e, no momento do hino nacional dos Estados Unidos, cerraram seus punhos ao ar e abaixaram as cabeças, manifestando-se a favor do grupo político Panteras Negras, em uma época conturbada, já que havia uma luta muito intensa pela igualdade racial.

O medalhista de prata, o australiano Peter Norman, por sua vez, estava com um broche, compartilhado com os americanos, em defesa da causa. Todos eles foram punidos diante de suas manifestações, mas acabaram marcados na história pela luta que protagonizaram, se utilizando das suas imagens para poder lutar por direitos que acreditavam serem corretos, pleiteando maior igualdade.

29 VEJA. Oito momentos em que política e esporte entraram em campo juntos. Veja, 27 fev. 2018. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/esporte/oito-momentos-em-que-politica-e-esporte-entraram-em-campo-juntos/>> . Acesso em: 1º nov. 2020.

Já a terceira reportagem é resultado de uma polêmica gerada pelo apresentador da Rede Globo, Tiago Laifert, que afirmou em artigo que “evento esportivo não é lugar para manifestação política”, citando o caso de um jogador de futebol americano que se ajoelhou durante o hino nacional dos Estados Unidos. A reportagem vem de encontro com a manifestação do apresentador, para apresentar a importância que o esporte possui na política, elencando oito momentos que foram cruciais para tais manifestações. Não vamos nos delongar elaborando uma análise acerca de todos esses momentos, porém o mais importante para nosso entendimento, dentre aqueles apresentados pela reportagem, foi o de Benito Mussolini, que se utilizou da Copa do Mundo de Futebol, sediando o evento em 1934 (que inclusive teve a Itália como campeã), para fazer propaganda da suposta superioridade do regime fascista.

Podemos notar aqui a importância que a própria imprensa atribui ao esporte em relação à vida social e à política de uma forma em geral, sendo impossível dissociar tais questões. Diferentemente do senso comum, não há como se falar que o esporte exclui o mundo “real”, porém ele pode ser utilizado pela política como uma forma alienante. Ao mesmo tempo, em contrapartida, também pode ser utilizado pelos esportistas em prol de uma busca por igualdade e liberdade em diversas áreas da coletividade, buscando maior justiça social e bem-estar para todos.

A seguir, pensando todas essas questões, adentraremos de forma mais aprofundada na questão do esporte e da política com foco no time da Sociedade Esportiva Palmeiras, bem como nas eleições de 2018.

Figura 17 – Bolsonaro beija camisa do Palmeiras

Por que políticos gostam de usar futebol como palanque?

IENU

MAIL GIGANTE

ASSISTÊNCIA

BACKUP

CONSTRUTOR DE SITES



esportes

futebol



Fonte: Terra³⁰.

30 TERRA. Por que políticos gostam de usar futebol como palanque? Terra, 2 dez. 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/brasil/por-que-politicos-gostam-de-usar-futebol-como-palanque>>

lógica, apenas e tão somente uma “defesa” daquela ideologia que os indivíduos acreditam ser a correta. Por óbvio estamos falando de um debate no interior do senso comum, porém ligado de forma clara à questão ideológica e política do esporte.

Já no interior especificamente do futebol e do Palmeiras, tivemos um caso de um jogador específico que se manifestou nas redes sociais dizendo que “Deus abençoe a todos os trabalhadores e pau nos vagabundos. Bolsonaro neles!”. Notemos certa violência em sua posição de fala, citando uma parte do Slogan de seu candidato – “Brasil acima de todos, Deus acima de tudo”. Podemos concluir que tal violência é autorizada pelo discurso do presidente. Que, por exemplo, em entrevista concedida à Rede Bandeirantes, em 1999, afirmou poder “dar um golpe e fechar o Congresso Nacional se fosse preciso”. Disse também na ocasião que seria necessário uma Guerra Civil com milhares de mortos para mudar o Brasil.

São diversos os discursos de ódio, como também, por exemplo, quando afirmou em campanha que iria “varrer do mapa esses bandidos vermelhos” (em referência ao PT). Frase proferida em palanque aberto, dando a entender que não haveria espaço para quem se posicionasse ou pensasse diferente dele, numa clara posição permeada pelo ódio e que acabava por dar autorização prévia para que seus apoiadores se manifestassem da mesma forma. Como podemos observar no caso de Felipe Melo, jogador do Palmeiras que tornou pública sua posição, conforme exposto abaixo:

Figura 19 - Felipe Melo se posiciona em defesa de Bolsonaro



Fonte: El País³².

32 PIRES, Breiller. Felipe Melo, o que pensa o jogador que apoia Bolsonaro. El País, São Paulo, 2 mai. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/02/deportes/1493749827_224767.html>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Em outro caso, tivemos uma notícia veiculada por um grande jornal da América Latina, o Clarín, da Argentina, que é veiculado em diversos países do continente. A notícia traz em sua capa a informação de que seria feito uma análise acerca dos acontecimentos ocorridos no Brasil e mais especificamente na relação entre o futebol e os desdobramentos da política, mais especificamente com relação à torcida do Palmeiras, afirmando que os fãs do time se declaravam “bolsonaristas”. A reportagem menciona o Palmeiras como possuindo uma história ligada ao fascismo nas décadas de 1930 e 1940. A jornalista que assina a reportagem apresenta algumas situações, entre elas a de uma torcida organizada, em um dia de jogo, que entoava cânticos homofóbicos pelas ruas da capital paulista, bem como trazendo também à tona as manifestações de Felipe Melo, novamente em voga diante do discurso de ódio do candidato.

A jornalista também faz um retrospecto histórico do clube, mencionando a sua fundação como Palestra Itália e, posteriormente, tendo ligações com o fascismo durante o regime de Benito Mussolini e durante a Segunda Guerra Mundial.

E em que pese apresentar o lado racista, homofóbico e machista da torcida palmeirense, a jornalista demonstra por outro lado que existe uma dissidência que se chama “P16” ou “Palmeiras Antifascista”, que lutaria pela integração e inclusão de todos, e contra o discurso de ódio em desfavor das minorias.

Apesar de apresentar os dois lados, a reportagem criou grande repercussão, gerando diversos comentários negativos e ameaçadores, como os apresentados abaixo.

Figura 20 – Clarín fala de eleições e futebol no Brasil

Elecciones en Brasil La disputa política llega al fútbol: la hinchada del Palmeiras se declara “bolsonarista”

La institución, con una dura historia vinculada al fascismo italiano, abandera ahora la campaña de Bolsonaro.



Felipe Melo, del Palmeiras, dio su apoyo a Bolsonaro. (AFP)



Eleonora Gosman
(autor/eleonora-gosman.html)

05/10/2018 - 21:30
Clarín.com (<https://www.clarin.com>) | Mundo (/mundo/)

Fonte: Clarín³³.

33 GOSMAN, Eleonora. La disputa política llega al fútbol: la hinchada del Palmeiras se declara “bolsonarista”. Clarín, 5

28 COMENTARIOS

Iniciar sesión



Escribir un comentario



Gabriel Borges

Hace 70 días

Infelizmente eu só fui ver a notícia agora. Quanta covardia em um só texto. E agora que o Boca deseja o Felipe Melo, o que a senhora acha? E fala de racismo no texto, sendo pertencente a um dos países mais racistas do mundo. É só um brasileiro pisar num estádio argentino que já começam as ofensas de "macaco" e até imitações do mesmo. Colocar Juca Kfourri (corinthiano assumido) e presidente da Gaviões da Fiel pra falar de uma pequena parte da torcida palmeirense que é fascista é brincadeira. O que a senhora acha que aconteceria se um hincha do River falasse sobre qualquer história ou torcida do Boca?! Acha que falaria bem? Espero que a senhora tenha se tornado um ser humano menos covarde!

Responder Compartilhar

0 0



Joey Gah

Hace 417 días

Mais uma jornalista esquerdista e partidária, claramente parcial, falando de uma realidade que "não conhece", usando de generalizações bizarras sobre uma hinchada

https://www.clarin.com/mundo/disputa-politica-llega-futbol-palmeira-abraza-candidato-favorito_0_v1ejgY8nA.html

Fonte: Clarín³⁴.

Podemos perceber que, diante de um discurso um pouco diferente, a jornalista é acusada de ser “esquerdista e partidária”, tendo em vista a informação apresentada por ela de que haveria na história do clube certa ligação com o fascismo em outros períodos. Ou seja, critica-se tão somente por se levantar o debate acerca do tema, sem que o comentário não possua qualquer tipo de embasamento, mas apenas o tom de acusação.

Percebe-se a reprodução de um discurso pronto, do qual é “comprado” pelo cidadão médio que apoia essa suposta transformação do Brasil em outra perspectiva, que seria “melhor” para todos.

Continuando nossa reflexão acerca da publicação argentina, podemos vislumbrar na reportagem da Folha de S. Paulo, abaixo apresentada, que o clube enquanto instituição também ficou preocupado e revoltado com a situação. Ou seja, o direito de imprensa é posto de lado tendo em vista o clube não concordar com o que foi publicado, sem ao menos se dar ao trabalho de refutar tais afirmações, apenas e tão somente dizendo de forma leviana não representar a realidade do clube, e garantindo não apoiar tal candidato.

out. 2018. Disponível em: <https://www.clarin.com/mundo/disputa-politica-llega-futbol-palmeira-abraza-candidato-favorito_0_v1ejgY8nA.html>. Acesso em: 1º nov. 2020.

34 GOSMAN, Eleonora. La disputa política llega al fútbol: la hinchada del Palmeiras se declara “bolsonarista”. Clarín, 5 out. 2018. Disponível em: <https://www.clarin.com/mundo/disputa-politica-llega-futbol-palmeira-abraza-candidato-favorito_0_v1ejgY8nA.html>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Figura 22 - Palmeiras reage a reportagem de jornal argentino

Esportes

Palmeiras se revolta com jornal argentino que ligou clube a Bolsonaro

FOLHAPRESS | FOLHAPRESS

9/10/2018 22:40

Fonte: A Cidade ON³⁵.

Adentraremos a seguir nas relações que o candidato e posteriormente presidente da República manteve no período em que o Palmeiras fora campeão brasileiro, com o futebol e mais especificamente com o clube da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Podemos observar na reportagem a seguir que existia uma grande necessidade de Bolsonaro de participar de forma ativa dos eventos esportivos de uma maneira em geral, se apresentando como intimamente ligado ao esporte mais popular do país, e fazendo com que sua imagem fosse associada na mídia como um desportista. Focando no time em questão, o já presidente chegou a cancelar a ida a eventos oficiais para comparecer a um jogo do Palmeiras contra o Ceará.

Figura 23 - Bolsonaro cancela participação em evento oficial por causa de jogo

PALMEIRAS

Bolsonaro cancela ida a evento para ver jogo do Palmeiras

Presidente afirmou que o vice Hamilton Mourão o representará em cerimônia sobre os 50 anos da primeira viagem do homem à Lua

19 JUL 2019 17h39 atualizado às 19h56

96 COMENTÁRIOS

O presidente Jair Bolsonaro afirmou nesta sexta-feira que abriu mão de um convite feito pelo ministro da Cidadania, Osmar Terra, para participar de um evento no sábado sobre os 50 anos da primeira viagem do homem à Lua porque no mesmo horário o Palmeiras vai enfrentar o Ceará pela 11.ª rodada do Campeonato Brasileiro. Torcedor declarado do clube paulista, o presidente pretende assistir ao jogo e pediu que o vice Hamilton Mourão o representasse no evento.

Fonte: Terra³⁶.

35 A CIDADE ON. Palmeiras se revolta com jornal argentino que ligou clube a Bolsonaro. A Cidade On, São Paulo, 9 out. 2018. Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/esportes/NOT,0,0,1378826,Palmeiras+se+revolta+com+jornal+argentino+que+ligou+clube+a+Bolsonaro.aspx>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

36 TERRA. Bolsonaro cancela ida a evento para ver jogo do Palmeiras. Terra, 19 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/palmeiras/bolsonaro-diz-que-deixara-de-ir-a-evento-para-assistir-a-jogo-do-palmeiras-contra-o-ceara,e6e88bd130f263325aebe852905caa11xnnjqbdq.html>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

O caso em questão gerou repercussão nos comentários da reportagem, conforme apresentado abaixo:

Figura 24 - Comentários agressivos postados na reportagem



João Vitor

Parece que o homem não pode fazer mais nada na vida social dele que já vem um bando de fdp falar merda, esquerdistas sumam do país vão pra pqp, vão desgraçar outro povo, que tal a Coréia do Norte.

Curtir · Responder · 1 · 25 sem



Estênio Siomas

Mas se continuar a dizer bobagens e seguir apoiadores imbecis, agora denegrindo a imagem de Miriam Leitão e não tendo a coragem e caráter de reconhecer que ela foi torturada, fato notório até confirmado por militares da época, não vai demorar para cair do cavalo, ou do porco

Curtir · Responder · 3 · 25 sem



Waldomiro Mangueira Figueiredo Junior

Torturada é? Mas era um anjo de candura e foi presa pelos militares maus? Ou era uma terrorista querendo implementar a ditadura comunista no nosso país? Vitimização de esquerdista não...já ouviu falar do Mário Kozel Filho? do Tenente PM Mendes morto a coronhadas? Esfacerar a cabeça de alguém na pancada não é tortura???

Responder · 25 sem



Nilson Caires

Nossa, serio ?, Hoje ele almoçou ?, Jura ?. como um pais pode ter uma imprensa tão vagabunda quanto a nossa !

Curtir · Responder · 1 · 25 sem



Waldomiro Mangueira Figueiredo Junior

Mais um exemplo de imprensa marrom, tendenciosa...o Governo já conseguiu inúmeras realizações - só a economia com fim do repasse de \$\$ para Globo, ONGs vermelhas e aspones mandados embora foi gigantesca. Mas o que publicam? Uma notícia com clara tendencia a dizer que o presidente estaria "faltando ao serviço" para assistir jogo do Palmeiras...Vejamos, os 50 anos foram uma realização sim, mas para os EUA, para o Brasil não...nem precisaria do Mourão, qualquer terceiro escalão já estava bom demais. E é no Sábado...O 9 dedos assistia jogo do Timão direto e ninguém nunca implicou com isto...percebem a perseguição da imprensa esquerdista???

Curtir · Responder · 25 sem



João Batista Gomes DA Silva Gomes

Sou Brasileiro e Corinthians, votaria novamente no MITO sempre, em 6 meses consegui radicalizar tudo que os gafanhotos vermelhos fizeram com o Brasil, agora retomando e recuperando a credibilidade diante do mundo.

Curtir · Responder · 3 · 25 sem

Fonte: Terra³⁷.

37 TERRA. Bolsonaro cancela ida a evento para ver jogo do Palmeiras. Terra, 19 jul. 2019. Disponível em: <<https://>

Percebemos diversos discursos com palavras chulas e de baixo calão em defesa do presidente, alegando até mesmo que ele estava se divertindo ou se distraíndo, porém, sem mencionar sua importância enquanto chefe de Estado que possui responsabilidades muito específicas, diferentemente de qualquer outro cidadão.

Outra questão a ser abordada é um comentário que faz referência à tortura de uma jornalista respeitada internacionalmente, que foi torturada durante a Ditadura Militar. Levantamos tal informação para demonstrar mais um discurso de ódio repercutido pelos apoiadores do presidente da República.

Voltando um pouco no tempo, temos ainda o presidente eleito como convidado pelo Palmeiras para comparecer ao jogo em que o time sairia campeão, conforme podemos ver na reportagem a seguir.

Figura 25 – Reportagem repercute convite do Palmeiras a Bolsonaro

Palmeiras convida o presidente eleito Jair Bolsonaro para ir ao jogo da taça

Vencedor da eleição, o político já se declarou torcedor do Verdão, mas ainda não respondeu se irá ao Allianz Parque para o duelo com o Vitória, domingo, às 17h, no Allianz Parque



COMPARTILHE 0 0

LANCE! - 28/11/2018 - 11:13 São Paulo (SP)

GRÊMIO: Renato Gaúcho convida
Bolsonaro para ver partida con

Fonte: Lance³⁸.

www.terra.com.br/esportes/palmeiras/bolsonaro-diz-que-deixara-de-ir-a-evento-para-assistir-a-jogo-do-palmeiras-contra-o-ceara,e6e88bd130f263325aebe852905caa11xnnjqbdq.html. Acesso em: 1º nov. 2020.

38 LANCE. Palmeiras convida o presidente eleito Jair Bolsonaro para ir ao jogo da taça. Lance, São Paulo, 28 nov.

Em uma segunda reportagem, temos a manifestação do Presidente do Palmeiras, Galiotte, fazendo referência ao convite a Bolsonaro como apenas e tão somente por este ser palmeirense, não havendo relação política alguma. Entretanto, conforme já foi exposto anteriormente, não há um ato que não seja político.

Dito isso, podemos afirmar que existiu um ato político por parte da diretoria do Palmeiras ao convidar o então presidente eleito para comparecer ao estádio e acompanhar o jogo que resultaria no título de campeão brasileiro, assim como também houve um convite para que esse entregasse a taça de campeão e as medalhas aos jogadores ao final da partida.

Figura 26 - Galiotte justifica convite a Bolsonaro

Galiotte diz que convidou Bolsonaro para título porque ele é palmeirense

Presidente do Palmeiras afirma que convidaria candidato de outra orientação política e defende cerco na rua do estádio

Redação, FERA
01 de julho de 2019 | 12h09



Na última rodada do Brasileirão, com o Palmeiras já campeão, diretoria alviverde convidou presidente eleito Jair Bolsonaro para ir ao Allianz Parque Foto: Daniel Teixeira / Estadão Conteúdo

Fonte: Fera³⁹.

Para o embasamento de tais afirmações, também apresentamos a reportagem de João Sorima Neto, que apresenta o presidente eleito como um dos que levantaram a taça de campeão em campo, junto com jogadores, dirigentes e comissão técnica. Fato que, por um lado, gerou apoio; e por outro gerou a criação da Palmeiras Antifascista, voz dissidente da posição oficial do clube.

2018. Disponível em: <<https://www.lance.com.br/palmeiras/convida-presidente-eleito-jair-bolsonaro-para-jogo-taca.html>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

39 FERA. Galiotte diz que convidou Bolsonaro para título porque ele é palmeirense. Fera, 1º jul. 2019. Disponível em: <<https://esportefera.com.br/noticias/futebol/galiotte-diz-que-convidou-bolsonaro-para-festa-do-titulo-porque-ele-e-palmeirense,70002898512>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Bolsonaro se junta aos jogadores e levanta taça de campeão do Palmeiras

O presidente eleito esteve no estádio, onde assistiu a vitória do time contra o Vitória da Bahia por 3 a 2

João Sorima Neto

02/12/2018 - 17:05 / Atualizado em 02/12/2018 - 21:01



Fonte: O Globo⁴⁰.

Denota-se da reportagem uma centralidade em torno da figura de Jair Bolsonaro, que, naquele momento, além de estar em campo acompanhando a partida, também seria a pessoa a entregar diversas medalhas, bem como a própria taça que em seguida seria também erguida por ele, tendo mais visibilidade que o próprio capitão do time. Bolsonaro nesse momento se torna tão importante quanto o próprio clube, ainda que seja contraditório um clube fundado por imigrantes apoiar ou ligar sua imagem a Bolsonaro, que conforme vimos anteriormente possui um discurso de perspectiva xenófoba em relação aos imigrantes de uma forma em geral.

Devemos observar que num momento de polarização política, a vinculação das imagens traria benesses a ambas as partes, já que o clube Palmeiras seria aplaudido em grande medida por alguns torcedores (mesmo sendo criticado por outros tantos e se apoiando em notas curtas e sem conteúdo para afirmar sua neutralidade); e, por outro lado, Bolsonaro teria sua imagem exposta como uma forma de propaganda.

Como já observarmos anteriormente, o Palmeiras já nasceu de uma forma dúbia. A princípio sendo constituído por uma classe média italiana nascente na cidade de São Paulo, mas com jogadores advindos da classe operária mais a esquerda, todos imigrantes italianos que ali se encontravam. Posteriormente, enfrentou um fascismo difuso que permeou toda a comunidade, criando uma espécie de elo entre si.

Na atualidade, não é diferente. Mas a diretoria agora faz parte de uma classe ainda mais abastada, e a questão dos jogadores se tornou ainda mais complexa, tendo em vista

40 NETO, João Sorima. Bolsonaro se junta aos jogadores e levanta taça de campeão do Palmeiras. O Globo, São Paulo, 2 dez. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-se-junta-aos-jogadores-levanta-taca-de-campeao-do-palmeiras-23275553>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

que a maioria advém das classes baixas, porém logo que ingressam no esporte passam a receber salários astronômicos, criando uma idiossincrasia social, sem se reconhecer mais enquanto pertencente a essa classe pobre.

Além do mais, parte da torcida se tornou elitista, enquanto outra permanece com pensamento progressista mais voltado à esquerda e à busca de igualdade social. Foi dentro desse contexto que surgiu um grupo de torcedores que foram chamados de Palmeiras Antifascista, ou P16, conforme observaremos a seguir com a apresentação de algumas publicações advindas de empresas jornalísticas e de redes sociais.

As duas reportagens a seguir fazem referência à aparição de torcidas antifascistas pelo país, inclusive com referência direta a oposição ao presidente da República Jair Bolsonaro.

Figura 28 – Reportagem fala sobre torcidas antifascistas pelo país

ESPORTES

Torcidas antifascistas se multiplicam nas arquibancadas do futebol brasileiro

Desde que o presidente Jair Bolsonaro ganhou espaço na política, vários coletivos foram criados por torcedores de futebol com o objetivo de barrar o fascismo fora e dentro dos estádios



DIOGO MAGRI

São Paulo - 25 DIC 2019 - 14:44 UTC

Fonte: El País⁴¹.

Figura 29 - Torcidas antifascistas de salvador

Copa América (<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada-categoria/copa-america/>)
22 de junho de 2019

As torcidas antifascistas de Salvador

André Carvalho (<https://www.ludopedio.com.br/autores/carvalhoandre/>)

ESPECIAL COPA AMÉRICA 2019



Como coletivos de esquerda ligados a torcedores de Bahia e Vitória se articulam para combater o futebol moderno e a intolerância na sociedade

Fonte: Ludopédio⁴².

41 MAGRI, Diogo. Torcidas antifascistas se multiplicam nas arquibancadas do futebol brasileiro. El País, São Paulo, 25 dez. 2019. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/esportes/2019-12-25/torcidas-antifascistas-se-multiplicam-nas-arquibancadas-do-futebol-brasileiro.html>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

42 CARVALHO, André. As torcidas antifascistas de Salvador. Ludopédio, 22 jun. 2019. Disponível em: <[ludopedio.com.br/arquibancada/as-torcidas-antifascistas-de-salvador/](https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/as-torcidas-antifascistas-de-salvador/)>. Acesso em: 1º nov. 2020.

A seguir, noutra reportagem do Ludopédio, faz-se referência a possíveis armadilhas que podem existir no contexto do futebol, como imaginar que exista uma ingenuidade por detrás das falas dos jogadores de futebol, o que de fato é uma inverdade, já que existe um discurso muito específico proferido por estes personagens valendo-se de sua presença pública e de sua fama para fazer propaganda a certos temas. Como foi o caso, por exemplo, do jogador Felipe Melo, já apresentado.

Figura 30 – Reportagem comenta a falsa ideia de ingenuidade dos jogadores de futebol

Ludopédio (<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada-categoria/ludopedio/>)
18 de dezembro de 2017

102.18

Futebol, Bolsonaro e bolsominions em campo! – As armadilhas da suposta ingenuidade política dos jogadores

(<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada-categoria/ludopedio/>)

volumes/102.18

Max Filipe Nigro Rocha (<https://www.ludopedio.com.br/autores/maxnigrorocha/>)

102)

As frequentes manifestações de apoio de jogadores renomados ao deputado de extrema direita Jair Bolsonaro causam preocupação aos defensores dos princípios mais básicos da democracia e da cidadania, e essa questão não nos parece uma mera trivialidade a ponto de não ser analisada, criticada e também combatida.

Os apoios ao político fascista não se restringem a um clube ou à uma torcida em específico. Os casos que receberam maior destaque foram do volante Felipe Melo do Palmeiras, do meio-campo Jadson do Corinthians, do atacante Roger do Botafogo e, ao que tudo indica, da possível candidatura de Ronaldinho Gaúcho pelo PEN (futuro Patriotas), partido que o referido político se associará em 2018.

Fonte: Ludopédio⁴³.

A reportagem acima se mostra preocupada com as manifestações em favor do candidato, até mesmo pelo fato deste discursar quase que contra a democracia de uma forma mais ampla e geral. É interessante quando o texto destaca que esse apoio não se resume em “mera trivialidade”, mas sim um necessário ponto de análise, debate e crítica, merecendo até mesmo ser combatido.

Joaquim Carvalho vai além. Na reportagem intitulada “Bolsonaro vaiado, num episódio em que a diretoria do Palmeiras desonrou a história do clube”, ele alega que houve demagogia por parte do candidato. E, por parte da diretoria do clube, um ato de desrespeito ao convidar o presidente eleito a participar da comemoração da forma como se efetivou.

O jornalista lembra da história de constituição do clube, inclusive enfatizando que essa foi diversa, havendo até mesmo um membro anarquista. Questiona também um eventual conflito de interesse, que seria de ordem política e econômica, tendo em vista que no camarote do clube se encontrava uma das dirigentes da Crefisa, principal investidora do Palmeiras à época e que possuiria interesses econômicos na relação com o futuro presidente da República. Tratava-se da presidente da empresa, Leila Mejdalani Pereira, que é também conselheira do Palmeiras, interessada em acessar financiamentos, empréstimos e/ou concessões esportivas.

43 ROCHA, Max Filipe Nigro. Futebol, Bolsonaro e bolsominions em campo! – As armadilhas da suposta ingenuidade política dos jogadores. Ludopédio, 18 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/futebol-bolsonaro-e-bolsominions-em-campo/>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Podemos afirmar de forma clara que a presença do presidente no camarote do clube estava cercada de interesses pessoais, econômicos e, por óbvio, políticos, já que o próprio Palmeiras estava de olho em possíveis verbas e concessões que pudessem beneficiá-lo durante o governo de extrema direita.

Figura 31 – Matéria crítica a relação do Palmeiras com Bolsonaro

Bolsonaro vaiado, num episódio em que a diretoria do Palmeiras desonrou a história do clube. Por Joaquim de Carvalho

Publicado por **Joaquim de Carvalho** - 2 de dezembro de 2018



Share

Fonte: Diário do Centro do Mundo⁴⁴.

A seguir, poderemos observar de forma mais incisiva publicações e manifestações por parte da torcida conhecida como P16 ou Palmeiras Antifascista, apresentando algumas de suas publicações em sua página no Facebook.

Figura 32 - Palmeiras Antifascista



Palmeiras Antifascista
@palmeirasantifascista

Página inicial

Sobre

Fotos

Eventos

Vídeos

Publicações

Comunidade

Criar uma Página

Fonte: Palmeiras Antifascista⁴⁵.

44 CARVALHO, Joaquim de. Bolsonaro vaiado, num episódio em que a diretoria do Palmeiras desonrou a história do clube. Por Joaquim de Carvalho. Diário do Centro do Mundo, 2 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/bolsonaro-vaiado-num-episodio-em-que-a-diretoria-do-palmeiras-desonrou-a-historia-do-clube-por-joaquim-de-carvalho/>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

45 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 20 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

A torcida surge com o objetivo de levar mais militância ao esporte. E, segundo o perfil da página, tem como intuito principal combater qualquer tipo de discriminação e de ódio no futebol, conforme consta em sua descrição:

A Palmeiras antifascista surgiu em meados de 2014, quando confrontamos um cara que estava com um agasalho da torcida Iriducibilli, uma organizada abertamente nazista da Lazio. Isso aconteceu na arquibancada do Pacaembu. Esse episódio mostrou de forma mais explícita como existe sim ideologia na arquibancada, e que o futebol brasileiro é quase que essencialmente misógino, homofóbico, machista e racista. Criamos a Palmeiras Antifascista pra tentar combater esse tipo de pensamento dentro e fora do campo, mostrando que política e futebol estão interseccionados. Entendemos o futebol como cultura e a arquibancada um espaço para discussão e debate de temas pertinentes à sociedade, e não um mero hábito consumista (este muito reflexo do que chamam de "futebol moderno", a quase que completa financeirização do esporte) de torcer. A arquibancada então é espaço pra se combater os estigmas e estereótipos enraizados em nossa sociedade, estes que invariavelmente refletem na intolerância e no preconceito.

Enquanto frente de luta, reunimos militantes anarquistas, comunistas e socialistas de diversas tendências. Desta forma, nossa estratégia de organização não possui líder ou qualquer tipo de administração central. As decisões são tomadas em conjunto em reuniões periódicas por meio da democracia direta.

Nenhum protesto, reunião ou qualquer manifestação de ódio, ligados a grupos que defendem uma postura racista, machista, lgbtfóbica, xenofóbica deve seguir agindo na tranquilidade dentro das arquibancadas. Temos que nos preparar para atacá-los com todas as nossas armas e com a firmeza dos nossos ideais⁴⁶.

As representações acima fazem menção ao início da página, a qual tem por principal objetivo o debate acerca da inclusão e do respeito no interior do esporte e do Palmeiras enquanto instituição. Podemos observar diversas publicações com duras críticas em relação ao racismo, a misoginia, ao pré-conceito de forma geral, bem como contra a violência que permeia os discursos na atualidade, também havendo críticas às tomadas de decisões e manifestações por parte da diretoria do Palmeiras, conforme apresentado abaixo.

46 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/about/?ref=page_internal>. Acesso em: 29 jun. 2020.

Figura 33 - Protesto em desfavor de nota oficial da diretoria do Palmeiras



Palmeiras Antifascista
18 de setembro de 2018 ·

SÓ ISSO? | Nota da diretoria palmeirense é vergonhosa
Mediocre, pífia, mal escrita, desinteressada, mau caráter... Quaisquer umas dessas definições (talvez, todas elas) cairiam bem ao comunicado oficial divulgado pela diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras sobre o apoio de Felipe Melo ao candidato à Presidência Jair Bolsonaro, manifestado no último domingo (16).

A pequenez da nota da direção da SEP infelizmente não está só no tamanho. Pior do que as miseráveis seis linhas de... [Ver mais](#)

NOTA OFICIAL
SE PALMEIRAS · SEGUNDA, 17 DE SETEMBRO DE 2018

A Sociedade Esportiva Palmeiras vem a público esclarecer que o posicionamento político do atleta Felipe Melo reflete, única e exclusivamente, uma manifestação particular, e não da instituição.

O Palmeiras respeita qualquer posição política de seus atletas, empregados e colaboradores e ratifica a sua neutralidade nas questões políticas, partidárias, de crenças, religiões e quaisquer outras formas de manifestações pessoais.

Fonte: Palmeiras Antifascista⁴⁷.

A nota da diretoria é referente à manifestação do jogador Felipe Melo, já citado aqui, em que o atleta declara apoio ao presidente Jair Bolsonaro e o clube tenta se eximir de responsabilidades. Para o Palmeiras Antifascista, contudo, a nota palmeirense é inócua, não sendo suficiente para desvincular a imagem do clube ao do jogador. Ou seja, percebe-se claramente uma posição política. Mas, ao mesmo tempo, o clube tenta fazer certa média com aqueles que não apoiavam o candidato ou que acreditavam que temas como futebol e política não deveriam se misturar.

O grupo também emitiu uma nota oficial em desfavor da presença de Bolsonaro em campo no dia da entrega da taça de campeão, conforme apresentado a seguir:

47 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 18 set. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/1886023401517865>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Em 1914, fomos fundados por operários imigrantes, o Palestra Itália é filho da classe trabalhadora, foi perseguido em 1942, teve que combater o fascismo internamente e externamente, virou Palmeiras e nasceu campeão.

Do que adianta uma história dessa, se a própria diretoria do clube a ignora, quando Felipe Melo dedicou um gol ao presidente eleito, a SEP soltou uma nota frouxa, para dizer o mínimo, mas clara: não se deve utilizar a imagem do Palmeiras para este tipo de manifestação.

Agora, com a taça nas mãos, a diretoria convida o Presidente eleito à nossa casa, contraditoriamente. Num jogo para comemarmos a conquista de mais um título nacional, convida-se um racista xenófobo, desrespeitando a história imigrante palmeirense.

Este oportunista que já se vestiu de diversas camisas – Vasco, Flamengo, Sport, entre outras -, quando lhe pareceu conveniente, não merece um lugar em nosso estádio.

A Sociedade Esportiva Palmeiras é muito maior que meia dúzia de engratados na direção, somos 18 milhões, que têm o espírito e o amor daqueles que fundaram em 1914, somos filhos da classe trabalhadora, somos antifascistas, somos PALMEIRAS! Nenhum diretor vai apagar nossa história, resistimos ao fascismo em 1942, resistiremos hoje também!

A Palmeiras Antifascista – P16 repudia a presença de Jair Bolsonaro em qualquer evento que traga as cores e o símbolo do Palmeiras!⁴⁸

As publicações seguem em referência aos atos do jogador do Palmeiras, Felipe Melo, fazendo referência a suas atitudes em campo e fora dele, porém na forma de crítica, satirizando as situações, conforme exposto:

48 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 28 nov. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/1987394101380794/>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Figura 34 - Palmeiras antifascistas ironiza Felipe Melo

Palmeiras Antifascista
30 de agosto de 2018 ·

Poderíamos escrever um textão, mas...É só lembrar que.
O Felipe Melo apoia Bolsonaro...
Sem mais...

1,4 mil 174 comentários 140 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

Mais relevantes

Escreva um comentário...

Lucas Nepomuceno Digo sempre que ele é o Bolsonaro do futebol: fala um monte de asneira, não faz o que ele é pago pra fazer e tem uma meia dúzia de fãs cegos...
Curtir · Responder · 1 a
3 respostas

Lis Alecrim

Leandro Beguoci @leandrobeguoci
Felipe Melo é, para o Palmeiras, o que a liberação do porte de armas é para o Brasil. Você pode até se sentir seguro no começo, mas é questão de tempo para uma sucessão de merdas começar.
30/08/2018 23:13
Curtir · Responder · 1 a
1 resposta

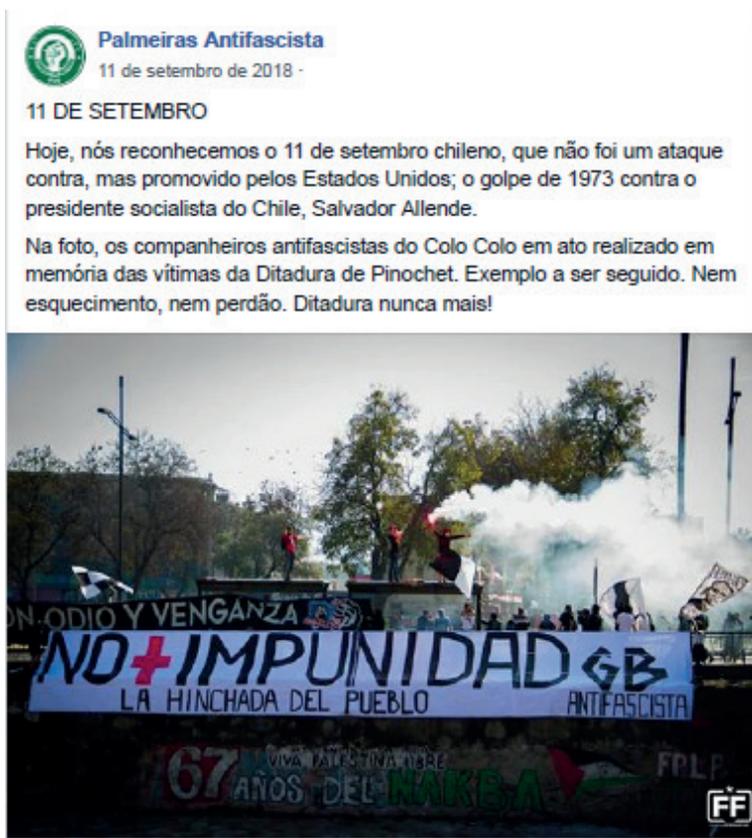
Fonte: Palmeiras Antifascista⁴⁹.

Podemos observar nos comentários uma crítica direta ao posicionamento do jogador Felipe Melo, que é conhecido por sua violência em campo e por seu apoio a Jair Bolsonaro, como já vimos anteriormente neste trabalho.

As publicações se tornam mais intensas e vão para além do Brasil, buscando vislumbrar uma situação conturbada que assola a América Latina de uma forma mais geral, focando na situação chilena que à época se encontrava em conflito diante de diversas posições do governo local.

49 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 30 ago. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/1862553747198164/>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Figura 35 - Palmeiras antifascista contra a ditadura



Fonte: Palmeiras Antifascista⁵⁰.

De forma muito contundente, o grupo faz análises referente ao futebol do clube, bem como relacionando diversas situações com a diretoria e com suas tomadas de decisões, que segundo a comunidade vão de encontro a uma política administrativa específica. Afirmam que a política adotada pela diretoria do clube é basicamente elitista, tendo em vista os valores dos ingressos e a forma como as verbas estão sendo administradas.

Podemos observar isso com a condução de transformação da política em consonância com a política europeia do esporte, transformando esse em uma máquina de dinheiro e os clubes em empresas, gerando lucro, o que necessariamente acarreta em um encarecimento dos ingressos e necessariamente tornando possível o comparecimento do público com maior poder aquisitivo, indo de encontro com a construção histórica do time que nasce em certa medida das classes operárias.

50 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 11 set. 2018. Disponível em: <2018https://www.facebook.com/palmeira-santifascista/photos/1877429639043908>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Figura 36 - Comentário acerca da elitização do futebol

 **Palmeiras Antifascista**
13 de setembro de 2018 ·

Cá entre nós... Dói muito mais ver esta imagem do que a derrota diante do Cruzeiro, ontem, no "nosso estádio de primeiro mundo", pelas semifinais da Copa do Brasil.

A receita seguida pela diretoria segue a mesma. Quanto mais elitista, melhor. Quanto mais longe os torcedores pobres... melhor, é claro.

Começa pelo cerco e a proibição bizarra da nossa festa. Eles começam a matar o futebol ali, na rua. O que era antes o melhor pré-jogo do Brasil, agora é um amontoado de grade, ... Ver mais



Fonte: Palmeiras Antifascista⁵¹.

Outro ponto interessante a ser observado é o entrelaçamento da comunidade com outros torcedores. Conforme exposto abaixo, podemos ver um torcedor rival manifestando apoio a forma como o Palmeiras Antifascista se organiza, bem como elabora seus posicionamentos políticos diante das situações, em especial que envolvem a diretoria do clube.

É notório que há uma articulação intencional por parte da comunidade em se manifestar, tanto com relação ao esporte, quanto em relação à política, o que corrobora com nossa perspectiva de que política e esporte são fatos sociais indissociáveis diante da perspectiva de transformação social em que vivemos – e pretendemos.

51 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 13 set. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/1879970335456505>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Figura 37 - Interação com outras torcidas



Fonte: Palmeiras Antifascista⁵².

As publicações são recorrentes, em especial quando se trata de manifestação em desfavor de articulações fascistas e com fundo preconceituoso, conforme poderemos ver a seguir. Existem várias manifestações do tipo: casos em que se organizam abaixo-assinados com o intuito de tornar público atos e posições que manifestem criticidade a atos de racismo e que sejam antidemocráticos. O perfil se posiciona também contra a Ditadura Militar e contra manifestações de quem diz que não houve tortura no período. Algo que causa indignação aos integrantes do grupo conhecido como P16.

⁵² PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 16 set. 2028. Disponível em: <<https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/1883925615060977>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Figura 38 - Palmeirenses contra o fascismo



Palmeiras Antifascista

21 de setembro de 2018 ·

PALMEIRENSES CONTRA O FASCISMO

Em virtude de acontecimentos recentes envolvendo a imagem pública da Sociedade Esportiva Palmeiras, nós, palmeirenses abaixo assinados, expressamos publicamente nosso repúdio às posturas e declarações preconceituosas, antidemocráticas e fascistas.

Nosso clube foi fundado em 26 de agosto de 1914 por trabalhadores imigrantes, e rapidamente tornou-se uma das equipes mais populares da cidade de São Paulo, atraindo grande público à assistência de seu...

[Continuar lendo](#)



Fonte: Palmeiras Antifascista⁵³.

Por fim, podemos notar na publicação a seguir e mais atual que se busca manifestar posições com perspectivas de proteção de uma coletividade, que segundo o grupo não é vivenciada ou buscada pela representação política, tanto do governo em si, quanto da diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras, mesmo que se diga de forma demagoga e publicitária que há sim essa busca.

Na publicação a seguir, podemos notar a apresentação de dados do racismo, bem como a busca pelo debate, afirmando que não basta tão somente falar acerca do assunto, mas se deve buscar a efetividade da questão. Vale lembrar que o então candidato Jair Bolsonaro, em campanha em 28 de junho de 2018, na cidade de Salvador, afirmou que “aqui no Brasil não existe isso de racismo”. É claro que tal afirmação é uma falácia, existindo racismo no Brasil ao longo de toda a história.

53 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 21 set. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/photos/1890406224412916>>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Figura 39 - Publicação contra o racismo no futebol

 **Palmeiras Antifascista** compartilhou uma publicação.
7 de janeiro às 07:03 -

2019 registra recorde de casos de racismo no futebol brasileiro.
"Não basta não ser racista, temos que ser antirracista!"
<https://www.facebook.com/342521443161870/posts/638389690241709/?d=n>

 **Notícia Preta**
8 de janeiro às 12:00 - Curtir Página

De acordo com o levantamento do Observatório do Racismo no Futebol, foram 56 casos de injúria racial em 2019.

Apoie o Notícia Preta <http://vaka.me/747359>

#noticiapreta #racismonofutebol #racismo #futebil



NOTICIAPRETA.COM.BR
2019 registra recorde de casos de racismo no futebol brasileiro

Fonte: Palmeiras Antifascista⁵⁴.

É notório que a constituição do então Palestra Itália e, posteriormente, da Sociedade Esportiva Palmeiras, possui diversas incongruências e divergências, porém se faz necessário a afirmação de que ele nasce no interior de uma classe operária e que perpassa posteriormente pelo fascismo difuso nas décadas de 1930 e 1940. Entretanto, devemos observar que, apesar de na atualidade se configurar em uma perspectiva mais elitista, ainda assim existem grupos de resistência em seu interior que trazem à luz do debate sua origem e lutam pela diversidade de pensamento.

54 PALMEIRAS ANTIFASCISTA. Facebook, 7 jan. 2019. Disponível em: <[facebook.com/palmeirasantifascista/posts/2715352015251662](https://www.facebook.com/palmeirasantifascista/posts/2715352015251662)>. Acesso em: 1º nov. 2020.

Não há como dissociar a política do esporte, e os exemplos da diretoria e da torcida da Sociedade Esportiva Palmeiras vêm para reforçar que o debate acerca do tema é necessário e atual, buscando ponderar as situações, buscando também combater qualquer espécie de violência ou de discurso de ódio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate acerca das relações políticas, bem como suas perspectivas em torno dos esportes, é extremamente complexo, porém política e esporte convivem de forma entrelaçada, como pudemos observar ao longo desta dissertação. Por óbvio não buscamos aqui estabelecer o esgotamento do debate acerca das relações que permeiam a política e o esporte, bem como todas as suas relações, mas sim criar um ambiente de debate que se estabeleça na construção de um conhecimento científico objetivando uma melhor compreensão do tema em si.

O Brasil enquanto democracia pode ser classificado como muito jovem e por vezes até mesmo frágil, tendo em vista que sua redemocratização advém do final dos anos de 1980 e ainda tem arraigado em si diversas questões advindas do Regime Militar que tomou conta do país a partir de 1964. Diante disso, podemos concluir que o país permanece ainda muito ligado a um conservadorismo autoritário. Em certa medida, isso é percebido no perfil de muitos dos governantes que permanecem no interior dos cargos de decisões, o que de certa forma cria um clima de instabilidade em torno do sistema democrático em si. Isso pôde ser observado em alguns casos em que ocorreram manifestações públicas de determinados grupos em favor dos militares.

Vale ressaltar que, segundo números do Datafolha (2018), a maioria das pessoas desconhecem diversas questões da Ditadura Militar. Como o Ato Institucional Número 5, medida que foi editada em 1968 e que endureceu a perseguição contra quem pensava diferente do Estado, suspendendo diversos direitos políticos (65% dos entrevistados não sabia o que era o AI-5).

Outro número alarmante ligado a essa espécie de conservadorismo, ainda segundo o Datafolha, é que 22% dos entrevistados dizem que tanto faz o regime político ser ditatorial ou democrático e 12% preferem de forma mais efetiva a ditadura, chegando a 34% a parcela da população brasileira que aceitaria viver sob um regime ditatorial.

Ainda nessa perspectiva, podemos citar diversas vezes que o então candidato e o agora presidente Jair Bolsonaro, bem como pessoas próximas a ele, se posicionam a favor de um governo autoritário como a Ditadura Militar.

Em julho de 2018, ainda quando era candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, em participação no programa Roda Viva, da TV Cultura, afirmou de forma categórica que “não houve golpe militar em 1964”. O mesmo aconteceu com o seu filho, Eduardo Bolsonaro, que usou uma rede social para afirmar que só se fala em golpe quando a esquerda não está no poder.

Alguns anos atrás, em 2008, quando ainda era parlamentar, Jair Bolsonaro assumiu o microfone da tribuna da Câmara dos Deputados para colocar em “louvor” os 40 anos da instituição do AI-5, dizendo que tal ato foi efetivado para conter o terror no país, ou seja, denotando total apoio às barbáries que foram cometidas por um regime que torturou e assassinou diversos cidadãos por pensarem diferente do imposto.

Outros momentos importantes a serem lembrados foram quando, na votação do impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, declarou seu voto em favor da memória de Carlos Alberto Brilhante Ustra, um dos maiores torturadores do Regime Militar e que havia torturado a própria Dilma Rousseff durante o Regime Militar. Assim como também afirmou, em julho de 2016, em entrevista a rádio Jovem Pan, que “o erro da ditadura foi torturar e não matar”.

Existem diversas outras afirmações realizadas pelo então candidato e agora presidente da República em favor da Ditadura Militar, bem como algumas outras com tom misógeno e cercado de pré-conceitos. Ademais, o que podemos afirmar com essas demonstrações é que existe uma ligação muito próxima entre a forma bolsonarista de observar a política e regimes autoritários que já passaram pelo Brasil. Ele se demonstrou muito ligado a um sistema autoritário que perseguiu, torturou e assassinou muitos de seus opositores na época. Na campanha, aliás, ele sugeriu que deveria metralhar a oposição. E isso em pleno palanque eleitoral na campanha para a Presidência da República.

Não há que se falar no atual momento que vivenciamos um regime autoritário, mas sim que tempos um presidente que flerta de forma muito próxima com perspectivas e discursos autoritários, e isso aconteceu tanto na época da campanha como agora durante sua gestão.

De forma mais ampla, o objetivo desse trabalho foi o de compreender as relações que permeiam a política e o esporte, mais especificamente o futebol no Brasil contemporâneo.

Tivemos como objetivo primordial compreender a relação entre esporte e política por meio da análise das relações entre a diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras e seus torcedores diante das manifestações a favor e contra um projeto político fascista representado por Jair Messias Bolsonaro. Outra questão apresentada foi a da ascensão no país de um grupo ligado a uma política de ultradireita, muito próxima de uma ideologia fascista moderna. E também como se deu o uso do esporte com intenções políticas por parte de Jair Bolsonaro. Por fim, foi demonstrado a relação entre a diretoria do Palmeiras e o futuro presidente da República na vitória do clube em questão no Campeonato Brasileiro de 2018, bem como a reação a favor e contra das torcidas nas redes social. A Palmeiras Conservador de um lado e a Palmeiras Antifascista no outro.

Pudemos observar que o futebol é deveras importante para a sociedade brasileira como um todo, perpassando praticamente todos os lares, o que foi se construindo de forma histórica ao longo do tempo.

Não há como negar que o esporte e mais especificamente o futebol está no interior da sociedade em uma perspectiva culturalista, fazendo parte da construção do indivíduo ao longo de sua história. Com isso, não estamos negando os conceitos culturais ao esporte e ao futebol, atribuindo a eles apenas uma forma pejorativa, mas sim temos o intuito de lembrar a sua utilização como forma de espetacularização em torno da sociedade de uma forma em geral, bem como da política.

Nosso foco aqui, mesmo não deixando de lado a questão cultural, é o da utilização do esporte e do futebol como “arma” política diante de sua espetacularização em torno de uma campanha para a busca de um poder político muito específico, assim como se é utilizado ao longo da história para a consolidação deste.

O problema central neste trabalho está situado nas relações entre esporte e política, e mais especificamente na utilização do esporte pelo candidato e depois presidente da República Jair Bolsonaro, sendo a diretoria do Palmeiras permissiva com relação a sua atuação em campo em especial na conquista do título brasileiro de 2018.

Para uma melhor compreensão, utilizamos de uma revisão bibliográfica em torno de diversos livros e artigos científicos acerca das relações entre política e esporte, apresentando conceitos como ideologia e discurso fascista, em especial a ideia de fascismo difuso, já que constatamos ao longo da pesquisa uma forte ligação do Palmeiras com suas raízes italianas, ou seja, muito ligado a um campo étnico.

Elaboramos um levantamento de diversos meios de comunicação, bem como de redes sociais, para constatar que houve grande influência do esporte em torno da política, sendo o inverso também possível, ou seja, uma forte influência da política em torno do esporte de uma forma em geral.

Devemos lembrar que o futebol nasce em uma perspectiva de classe muito distinta da atual, muito pela sua ligação com os jovens aristocratas da Inglaterra da época de sua gênese, chegando ao Brasil também muito ligado a uma classe social muito abastada no início dos anos de 1900.

Como vimos no terceiro capítulo, o então Palestra Itália se consolida enquanto um time de um conjunto de operários italianos, a partir de uma reunião de outro grupo, muito ligado a uma classe média italiana que trabalhava para a família Matarazzo na cidade de São Paulo. Podemos denotar então que em sua essência possui uma gênese dúbia, tendo os dirigentes iniciais ligados a uma classe e os jogadores a outra, mas de uma forma em geral o time se consolidou como advindo da classe operária, tanto que existiu grande dificuldade para que ele participasse de forma mais efetiva do torneio oficial realizado pela associação da época. Apesar disso, pode ser efetivamente considerado o primeiro time que não fazia parte da elite paulistana a participar da Associação Paulista de Sports Athleticos, conforme apresentado por Araújo (1996).

Apesar desse início do Palestra Itália, não podemos deixar de mencionar que no interior de sua história perpassou o discurso fascista diante da Itália de Benito Mussolini, durante os anos de 1930 e 1940. Conforme Araújo (2003), foi observado em toda a comunidade Italiana residente no Brasil uma forma de fascismo difuso, que advinha da Itália por meio de propaganda e discursos oficiais do governo. Devemos lembrar que não estamos de forma alguma aqui afirmando que todos os italianos que aqui residiam ou que jogavam no time do Palestra Itália eram fascistas, mas que de alguma forma, diante de suas ligações étnicas que ainda eram demasiadamente intensas, o discurso fascista se

alojou em certo grau, podendo ou não ter sido a gênese de construção ou constituição de uma forma de discurso que chegou à contemporaneidade.

Ao longo da história, o Palestra Itália se viu diante de diversas mudanças, inclusive de constituição e de nome por estar intimamente ligado a Itália de Benito Mussolini, tendo que em 1942 alterar o seu nome e as suas cores para não mais fazer referência ao país ligado ao Eixo na Segunda Guerra Mundial. E isso aconteceu de forma forçosa depois que o Brasil entrou no conflito ao lado dos Aliados, mesmo tendo titubeado em um sentido autoritário durante o Governo Vargas. Entretanto, com a entrada oficial na guerra, houve forte pressão para que se apagasse qualquer ligação com o fascismo no interior do país. Mesmo com a mudança, ainda assim era um time étnico, ligado de forma forte a cultura italiana, e isso não mudaria durante muito tempo.

Apesar de na contemporaneidade a Sociedade Esportiva Palmeiras não ser mais composta necessariamente por italianos e seus descendentes, ainda assim é permeado por um conservadorismo de classe, sendo atualmente muito vinculado a uma classe mais abastada em seu cerne de torcedores e em sua diretoria. Conforme observamos anteriormente, a diretoria da Sociedade Esportiva Palmeiras ainda mantém muito intenso esse vínculo com a questão da etnicidade, tendo em vista inclusive a informação dada de seu atual presidente de ser bisneto de italianos, tanto por parte de pai quanto de mãe. Ou seja, quase que existe uma “pureza” na fala, o que está muito ligado ao discurso fascista.

Pensando na ligação entre o esporte (mais especificamente o futebol) e a política, o então candidato e agora presidente da República Jair Bolsonaro se utilizou dele com muito afinco. Esteve presente em diversos eventos ao longo da campanha e sempre em posição de destaque, vestido com as cores dos clube envolvidos, mas talvez suas posições mais emblemáticas estejam relacionadas mesmo à Sociedade Esportiva Palmeiras.

A diretoria do Palmeiras, bem como seu principal investidor, a Crefisa, se demonstraram extremamente alinhados a Bolsonaro, claro que interessados também nos interesses econômicos e políticos de um futuro governo, sedentos por concessões e “favores” políticos que os detentores do poder podem oferecer.

Não há como afirmar que o discurso fascista do candidato e depois presidente seria o mesmo da diretoria do Palmeiras, até porque existem diversos fatores por detrás da aceitação da presença do candidato em campo, até mesmo sendo convidado pela diretoria para participar da comemoração do título brasileiro de 2018, mas existe uma tendência por parte da diretoria classista do clube em seguir um discurso conservador muito ligado ao candidato, fazendo com que surja no interior da torcida um movimento contrário aos posicionamentos emitidos, tanto por parte do candidato, quanto por parte da diretoria.

Podemos afirmar que o discurso a que se propôs Bolsonaro durante a campanha à Presidência da República, e também agora enquanto presidente, tem forte conotação de fundo fascista, proliferando, conforme apresentado em diversas falas, fortes violências e pré-conceitos.

É notório perceber que a criação de uma dissidência entre torcedores contrários aos discursos fascistas é uma forma de resistência e de luta em prol da democracia, tendo como foco o fim dos pré-conceitos e o apoio à inclusão de uma forma mais geral. Isso se deu diante de um conservadorismo da diretoria do clube e não somente diante dos discursos do então candidato Jair Bolsonaro. Ou seja, podemos afirmar que a dissidência na torcida, chamada de Palmeiras Antifascista, entendia as posições da diretoria como condizentes com uma forma de política apresentada pelo candidato. Mais uma vez, devemos deixar claro que existem diversos fatores por detrás dos posicionamentos da diretoria, como interesse econômico, por exemplo, mas se faz necessário entender que existe também um discurso conservador muito forte no interior desta, perpassando pelo discurso fascista em certa medida, assim como a sua forma difusa.

Não tivemos a pretensão de esgotar o assunto aqui nesta dissertação, porém podemos afirmar que existe uma relação direta entre política e esporte ao longo da história da humanidade, se construindo discursos no interior desse, e aqui tratamos mais especificamente do futebol. Também podemos afirmar que, nesse momento histórico, um candidato específico se utilizou do esporte para mobilizar uma campanha política e apoios para si. Mas isso não acontece sem reações. Em meio a esse seu discurso com tons fascistas, disseminados por meio do esporte, surge em contrapartida movimentos que lutam por direitos para todos, trazendo à pauta questões que nem sempre são discutidas.

A intenção dessa dissertação foi demonstrar que a luta pela democracia deve permanecer e essa é uma pauta que deve fazer parte do esporte. A política faz parte dessa construção social e cultural que é o esporte, devendo perpassar por ela, porém devemos observar sua forma de utilização que não deve ser alienante, mas sim construtora de uma perspectiva melhor para os seres humanos, os desenvolvendo de forma total, ou seja, pensando no ser humano em uma perspectiva emancipatória de constituição.

O esporte ou o futebol quando utilizado de forma a alienar o indivíduo não trará nada de bom consigo, tendo em vista que não irá transformá-lo, mas esconder o que necessariamente deveria ser observado. Essa forma de utilização do esporte tende a ser a mais utilizada, inclusive e em especial pela política, que vê nas modalidades mais famosas uma forma de alcançar os indivíduos e dialogar com ele, para assim facilitar o controle ou a manutenção do poder em torno de si.

É nesse contexto também que surgem focos de resistência que rompem com a visão alienante para tentar alçar uma outra perspectiva de mundo em torno da vivência e do cotidiano das pessoas, ultrapassando barreiras e trazendo à tona o que de fato está por detrás desses discursos, em especial os fascistas, já que esses são permeados pelo pré-conceito e pelo racismo, o que não deveria ter mais espaço no interior do esporte.

Podemos afirmar que houve e ainda há grande influência entre esporte e política, e também que essa influência se dissemina no interior da sociedade de uma forma muito ampla.

Também existiu forte relação política e, claro, com grandes interesses econômicos, entre o então candidato e posteriormente futuro presidente da República Jair Bolsonaro e a diretoria do Palmeiras, afetando em certa medida os seus torcedores, conforme apresentado no Capítulo 3.

Alguns com posição favorável ao político, outros completamente contrários. Apesar de não esgotado o tema, podemos afirmar que houve grande influência política no período ao qual propomos nosso recorte temporal, que seja entre 2018 e 2019 no contexto do futebol e mais especificamente se tratando da diretoria do Palmeiras e de sua torcida.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ALVIM, Zuleika. **Brava gente!**: os italianos em São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ARAUJO, José Renato de Campos. “O Palestra Itália” e sua trajetória: associativismo e etnicidade. **Estudios Migratorios Latinoamericanos**, v. 11, n. 34, p. 593-642, 1996.
- ARAUJO, José Renato de Campos. **Migna terra**: migrantes italianos e fascismo na Cidade de São Paulo (1922-1935). Campinas – SP, Editora Unicamp, 2003.
- ARAUJO, Rogério Bianchi de. **Futebol e política continuam a caminhar juntos**. In: XXXIV Encontro anual da ANPOCS. Caxambú – MG: Outubro, 2010.
- BERTONHA, João Fábio. O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista, 1922-1943. **Rev. bras. polít. int.**, Brasília, v. 40, n. 2, p. 106-130, Dec. 1997.
- BOBBIO, Norberto. **Do fascismo à democracia**: os regimes, as ideologias, os personagens e as culturas políticas. Rio de Janeiro, Campus/Elsevier, 2008.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. Vitória, UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.
- CERVO, Amado Luís. **As relações históricas entre o Brasil e a Itália – O papel da diplomacia**. São Paulo/Brasília: Instituto Italiano de Cultura/Editora da UnB, 1992.
- CHASIN, José. Sobre o conceito de totalitarismo. **Temas de Ciências Humanas**, v. 1, p. 121-134, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. O ideal científico e a razão instrumental. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, p. 278-286, 1997.
- _____. A questão democrática. A questão da democracia, p. 139-172, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1980.
- _____. Democracia e cultura: o discurso competente e outras falas. Córtez, Rio de Janeiro, 2011.
- COLBARI, Antonia. Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 53-74, 1997.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP**, São Paulo, (dossiê futebol), nº 22, jun/ju./ago de 1994.
- DAMATTA, Roberto (org.). **O Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothke, 1982.
- DRUMOND, Maurício. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 398-421, 2009.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GONÇALVES, Lucas Toledo. **Futebol e ditadura na América do Sul: representações do uso político do esporte na série Memórias do Chumbo - O futebol nos tempos do condor (Brasil, 1964-1978)**. Universidade Federal de São João Del-Rei, 197 f. 2016.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- HOBBSBAWN, Eric; TERENCE, Ranger. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- HUIZINGA, Johan; **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- LÖWY, Michael. **Ideologias e ciências sociais: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 1991.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MAZZONI, Thomaz. **História do futebol brasileiro**. São Paulo: Edições Leia, 1950.
- MEJÍA, Eloy Altuve. El papel del deporte en la irrupción fascista en Brasil: narrativa desde y con la campaña de Bolsonaro. **Revista FAIA**, v. 7, n. 31, p. 3 - 20, 2018.
- NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e Rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916**. 1992.
- NEUMANN, Franz. **Estado democrático e Estado autoritário**. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1969.
- SEGRILLO, Angelo. O Fascismo como “totalizante”: uma (herética) tentativa de inflexão marxista em um conceito eminentemente liberal. **Revista Intellector**, v. 2, n. 04, p. 01-11, 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo, Editora USP. 1992.
- SIGOLI, Mário André; JUNIOR, Dante de Rose. A história do uso político do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 12, n. 2, p. 111-120, 2008.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. 2000. Tese de Doutorado em Antropologia. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 365f, Universidade de São Paulo.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. Por que xingam os torcedores de futebol?. **Cadernos de Campo**, v. 3, n. 3, p. 20-29, 1993.
- TONET, Ivo. O fim da democracia burguesa. **Revista Novos Rumos**, Campinas, v. 55, n. 2, p. 43 - 60, 2018.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. Editora Companhia das Letras, São Paulo, 2013.

ULTRA DIREITA E ESPORTE

ANÁLISE DO DISCURSO NA RELAÇÃO
ENTRE ESPORTE E POLÍTICA

APOIO



UFMT



CAPES

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



 **Atena**
Editora
Ano 2024

ULTRA DIREITA E ESPORTE

ANÁLISE DO DISCURSO NA RELAÇÃO
ENTRE ESPORTE E POLÍTICA

APOIO



UFMT



CAPES

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2024